

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

OLÍVIA FERNANDES BOGO

**A IDENTIFICAÇÃO E O PROCESSAMENTO DA CONCORDÂNCIA DE
GÊNERO ENTRE ELEMENTOS DAS CATEGORIAS N E ADJ POR
CRIANÇAS ADQUIRINDO O PB**

JUIZ DE FORA
2020

OLÍVIA FERNANDES BOGO

**A identificação e o processamento da concordância de gênero entre
elementos das categorias N e ADJ por crianças adquirindo o PB**

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em
Linguística da Universidade Federal
de Juiz de Fora, como requisito para
obtenção do título de Mestre em
Linguística.

Orientadora: professora Doutora Maria
Cristina Lobo Name.

JUIZ DE FORA

2020

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Fernandes Bogo, Olívia.

A identificação e o processamento da concordância de gênero entre elementos das categorias N e ADJ por crianças adquirindo o PB / Olívia Fernandes Bogo. -- 2020.

118 f.

Orientadora: Maria Cristina Lobo Name

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2020.

1. aquisição de linguagem . 2. gênero gramatical . 3. concordância de gênero . 4. sintagma nominal . 5. psicolinguística . I. Lobo Name , Maria Cristina, orient. II. Título.

Olivia Fernandes Bogo

A identificação e o processamento da concordância de gênero entre elementos das categorias N e ADJ por crianças adquirindo o PB

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito à obtenção do título de Mestra em Linguística. Área de concentração: Linguística.

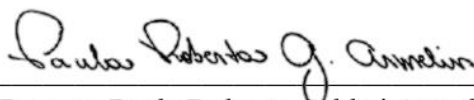
Aprovada em 18 de agosto de 2020

BANCA EXAMINADORA



Doutora Maria Cristina Lobo Name - Orientadora

Universidade Federal de Juiz de Fora



Doutora Paula Roberta Gabbai Armelin

Universidade Federal de Juiz de Fora



Doutor Márcio Martins Leitão

Universidade Federal da Paraíba

Às crianças que tornaram esta pesquisa possível.

AGRADECIMENTOS

Àqueles que permanecem comigo na descoberta da vida, com e sem cientificismo, por amor e por amizade, pelo incentivo e pelo entusiasmo.

À minha orientadora, professora Cristina Name, pelo profissionalismo para que esta dissertação fosse realizada. Para além dessas palavras, expresso o meu respeito e a minha admiração pela profissional e pela pessoa que tanto me ensina.

Ao Daniel Alves, pela presteza em fazer as análises estatísticas desta dissertação.

Às professoras Mercedes Marcilese e Paula Armelin, por contribuírem para o aprofundamento desta pesquisa na minha banca de qualificação.

À professora Paula Armelin e ao professor Márcio Leitão, por aceitarem participar da banca de defesa.

À Sa, pela partilha, por ter feito estes dois anos tão especiais que eu gostaria de viver mais deles, apenas para poder tê-la por perto. À Sa desejo que a vida reserve momentos felizes como os que tivemos.

Aos artistas com os quais fiz arte, meio pelo qual, além da escrita, também decidi perpassar por esta vida, por me ensinarem a ver beleza e a transfigurar as minhas subjetividades, agradeço-lhes por todo o encanto e a harmonia que trazem a mim. Em especial ao maestro Amilcare Zanoni, italiano-brasileiro presente sempre nos meus dias, ainda que, metaforicamente, em forma de saudade. À Rosa Müller, poesia já no nome, pela sua perspectiva tão sensível e cativante de lidar com a vida, semeando sempre bondade. Por me tornarem uma profissional mais humana.

Aos profissionais da educação que se doaram a mim, durante toda a minha formação, agradeço pelo incentivo para que eu continuasse intrigada, curiosa e ciente de que o conhecimento não se finda. Em especial, à Andreia Garcia, pela sua humanidade e pela sua generosidade infinita que me faz sentir agraciada pela vida, apenas por tê-la comigo.

Às crianças que participaram dos experimentos desta dissertação, meu desejo de que cresçam felizes e saudáveis. Às crianças e aos seus responsáveis, pela disponibilidade em participarem deste estudo e por me fazerem crescer como pesquisadora.

Às escolas municipais George Rodenbah e José Calil Ahouagi e às creches e escolas Escola Infantil ABC, Colégio Integração, Pintando o 7, Espaço para Criar,

Horas Felizes e Passos Firmes, que me receberam, tão gentilmente, para a aplicação do experimento.

Às minhas “irmãs”, Mima e Vic. Em especial à Vic, pela dedicação em fazer os desenhos usados no experimento desta dissertação. Aos meus sobrinhos, Luiza, Noah e Stella, à minha avó, Nelma. Obrigada por serem razões para eu gostar da vida.

À Bárbara Delgado, à Cris Azalim, à Késsia Henriques, à Azussa Matsuoka, à Ana Machado, à Marina Maia, à Lud Fernandes, à Tati Fleming, à Thaís Paiva, à Joy Scoralick, à Márcia Ribeiro, à Mila Nonato, à Jana Cunha, à Vik Ambrosio, ao Nilton Mello, ao Thi Rollien e ao Caio Müller, que partilham tanto desta vida comigo, lembrando-me de que é importante crescer profissionalmente, mas crescer como ser humano é indispensável.

Às minhas irmãs de alma, Fernanda e Gabi Simas, por tornarem minha vida muito mais significativa e feliz. Aos seus pais, Cristina e Fernando Simas, pelo amor e pelo incentivo.

Aos coordenadores do Programa de Pós-Graduação em Linguística, professor Tiago Timponi e professora Ana Cláudia Peters Salgado, pela presteza.

À CAPES, pelo apoio financeiro que foi fundamental para que eu me dedicasse integralmente às atividades desta pesquisa.

Há quem acredite que a ciência é um instrumento para governarmos o mundo. Mas eu preferiria ver no conhecimento científico um meio para alcançarmos não domínios, mas harmonias. Criamos linguagens de partilhas com os outros, incluindo os seres que acreditamos não terem linguagem. Entendemos e partilhamos a língua das árvores, os silenciosos códigos das pedras e dos astros. Conhecermos não para sermos donos. Mas para sermos mais companheiros das criaturas vivas e não vivas com que partilhamos este universo. Para escutarmos histórias que nos são, em todo momento, contadas por essas criaturas. (MIA COUTO, 2005, p. 42).

RESUMO

O presente trabalho investiga a identificação e o processamento da concordância de gênero no português brasileiro (PB) entre os elementos das categorias N e ADJ por crianças de idades entre 3 e 5 anos. No que concerne à aquisição do sistema de gênero, a criança precisa identificar: (i) que o PB é uma língua que expressa morfossintaticamente o gênero gramatical; (ii) os valores (do traço) de gênero; (iii) o modo como se manifesta a concordância de gênero no sintagma nominal. Estudos experimentais investigaram quais elementos do sintagma determinante podem servir de pistas morfofonológicas para crianças entre 18 e 42 meses de idade na identificação e na aquisição dos elementos que manifestem essa relação de concordância (entre D e N; entre D, N e ADJ), em línguas como o francês, o francês canadense, o PB, o espanhol e o tcheco (VAN HEUGTEN; CHRISTOPHE, 2015; VAN HEUGTEN; SHI, 2009; CORRÊA; NAME, 2003; LEW-WILLIAMS; FERNALD, 2007; SMÓLIK; BLÁHOVÁ, 2018). Outros estudos exploraram as estratégias de atribuição de gênero a nomes desconhecidos (novos) por crianças entre 30 e 33 meses de idade, no PB e no espanhol (CORRÊA; NAME, 2003; TREJO; ALVA, 2013). No entanto, não foram encontradas pesquisas, durante o levantamento bibliográfico deste trabalho, que tivessem investigado a identificação e o processamento das relações morfossintáticas de concordância de gênero no âmbito do NP, i.e., entre N e ADJ, na ausência de D, por crianças. Posto que, no PB, outras fontes além dos determinantes podem servir como pistas para a identificação do gênero, as questões que norteiam este estudo consistem em investigar: (i) a identificação e o processamento da concordância de gênero no domínio do NP, por crianças entre 3 e 5 anos de idade; (ii) e se há diferenças no uso dessas diferentes pistas (seja a vogal final do N ou a vogal final do ADJ) pelas crianças, em função da idade. Para investigar essas questões foi elaborado um experimento de produção eliciada com imagens de objetos inventados, identificados por pseudonomes proferidos seguidos de adjetivos (p. ex.: moca vermelha vs. puco preta) para verificar como as crianças atribuiriam gênero a nomes novos (pseudonomes); e se elas iriam se guiar pela vogal final presente nos itens N ou pela manifestação morfofonológica da concordância presente nos itens ADJ para atribuir gênero aos pseudonomes. Os resultados obtidos apontam que crianças de 3 a 5 anos privilegiam a informação da vogal final para atribuir gênero aos pseudonomes, sem diferença significativa entre a

condição masculina ou feminina. Esses resultados sugerem que crianças de 3 a 5 anos, adquirindo o PB, já parecem reconhecer o alto pareamento entre a vogal final de nomes e o gênero gramatical no PB (SCHWINDT, 2018) e usam essa informação para atribuir gênero a novos nomes. Não houve efeito de significância para o fator idade, no entanto, as análises das taxas de respostas sugerem que as crianças de 3 anos, diferentemente das crianças maiores (de 4 e 5 anos) parecem usar, também, a informação de gênero veiculada pela marcação morfofonológica de gênero no ADJ, considerando a relação de concordância entre N-ADJ no NP para atribuir gênero a novos nomes.

Palavras-chave: Aquisição da linguagem. Gênero gramatical. Concordância de gênero. Sintagma nominal. Psicolinguística.

ABSTRACT

The present work investigates the identification and processing of gender agreement in Brazilian Portuguese (BP), considering the elements of categories N and ADJ, by children between 3 and 5 years old. As for the acquisition of the gender system, the child needs to identify: (i) that BP is a language that expresses grammatical gender morphosyntactically; (ii) its gender (feature) values; (iii) how gender agreement is manifested in Noun Phrase. Experimental studies have investigated which elements in Determiner Phrase may be used as morphophonological cues by children between 18 and 42 months, for identification and acquisition of elements that manifest gender agreement (between D and N; between D, N, and ADJ), in languages such as French, Canadian French, BP, Spanish and Czech (VAN HEUGTEN; CHRISTOPHE, 2015; VAN HEUGTEN; SHI, 2009; CORRÊA; NAME, 2003; LEW-WILLIAMS; FERNALD, 2007; SMÓLIK; BLÁHOVÁ, 2018). Other studies have explored how children, between 30 and 33 months, attribute gender to pseudonouns, in BP and in Spanish (CORRÊA; NAME, 2003; TREJO; ALVA, 2013). However, no research was found focusing on the identification and processing of morphosyntactic relationship of gender agreement within the scope of NP, i.e., between N and ADJ, in the absence of D, by children. Since, in BP, there are cues other than the determiner ones for the identification of agreement, the questions that guide this study consist of investigating: (i) the identification and processing of gender agreement in the NP domain by children between 3 and 5 years; (ii) and whether or not there are differences in the use of these different cues (either in the final vowel of the N or in the final vowel of the ADJ) by children, depending on their age. To investigate these issues, an elicited production experiment was conducted. Images of invented objects, identified by pseudonouns followed by adjectives (eg. Moca vermelha (red moca) vs. puco preto (black puco)) were presented to children in order to verify how they would assign gender to the unknown nouns (pseudonouns): if they would be guided by the pseudounoun final vowel or by the adjective gender-marked final vowel. The results show that children from 3 to 5 years- old preferred the final vowel information to assign gender to the pseudonouns, with no significant difference between masculine or feminine conditions. These results suggest that children aged 3 to 5 years acquiring BP already recognize the high pairing between the final vowel of nouns and grammatical gender in BP (SCHWINDT, 2018) and use this information to assign gender to new nouns.

There was no significant effect for age factor. However, response rates indicated a difference in the use of the cue (the final vowel of the N or final vowel of the ADJ) for the identification of the gender by 3-year-old children, unlike older children (4 and 5 years). The analysis of response rates suggests that 3-year-old children also used the gender information conveyed by the gender morphophonological marking in the ADJ due to the N-ADJ agreement in the NP.

Keywords: Language acquisition. Grammatical gender. Gender agreement. NP. Psycholinguistics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Fatores internos e externos à Faculdade da Linguagem	33
Figura 2 -	Entradas Vocabulares de Nomes e Adjetivos	40
Figura 3 -	Classe nominal não desencadeia concordância	42
Figura 4 -	Apresentação da tela inicial do Prezi à criança: “O mundo mágico da Ana”	80
Figura 5 -	Apresentação da Ana à criança	81
Figura 6 -	Apresentação da Ana, com o seu baú mágico cheio de brinquedos mágicos, e o seu cachorro muito sapeca	81
Figura 7 -	Apresentação da Ana triste por estar sem os seus brinquedos mágicos	82
Figura 8 -	Apresentação dos três “brinquedos mágicos” da Ana para que a criança compreendesse a dinâmica do teste	83
Figura 9 -	Apresentação do pseudo-objeto em contexto de cena	84
Figura 10 -	Ana com o troféu, após a apresentação dos <i>trials</i> experimentais	85
Figura 11 -	Ana, feliz, com o seu baú cheio de brinquedos	86

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Crítérios de classificação de gênero na língua Tamil	24
Quadro 2 -	Exemplos de nomes no sistema bipartido para designar o gênero feminino e o masculino no italiano, no francês e no espanhol	26
Quadro 3 -	Exemplos de nomes no sistema tripartido para designar o gênero feminino, o masculino e o neutro no latim, no grego (antigo), no russo e no alemão	27
Quadro 4 -	Classes Formais do PB	39
Quadro 5 -	Síntese das pesquisas apresentadas sobre as habilidades perceptuais e linguísticas de bebês e crianças	68
Quadro 6 -	Exemplo de uma resposta considerada como correta	87
Quadro 7 -	Exemplo de uma resposta considerada como correta	87
Quadro 8 -	Exemplo de resposta considerada como incorreta	87
Quadro 9 -	Exemplo de resposta considerada como incorreta	88
Quadro 10 -	Exemplo de resposta considerada como não-resposta, i.e., quando o participante produzia algum nome do PB	88

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Média de taxa de acertos na condição congruente vs. incongruente (todos os grupos etários)	88
Tabela 2 - Média de taxa de acertos na condição congruente vs. incongruente (por grupos etários)	89
Tabela 3 - Resultados estatisticamente significativos entre as condições (por grupos etários)	91

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Média de taxa de acertos na condição vs. incongruente (todos os grupos etários)	89
Gráfico 2 - Média de taxa de acerto na congruente vs. incongruente (por idade)	91
Gráfico 3 - Resultados estatisticamente significativos entre as condições (3 anos) ...	93
Gráfico 4 - Resultados estatisticamente significativos entre as condições (4 anos) ...	94
Gráfico 5 - Resultados estatisticamente significativos entre as condições (5 anos) ...	95

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADJ	Adjetivo
D	Determinante
DP	<i>Determiner Phrase</i> (Sintagma Determinante)
FLB	<i>Faculty of Language in Broad Sense</i> (Faculdade da Linguagem em Sentido Amplo)
FLN	<i>Faculty of Language in Narrow Sense</i> (Faculdade da Linguagem em Sentido Estrito)
GU	Gramática Universal
Inf	<i>Inflection</i> (Flexão)
LF	<i>Logical Form</i> (Forma Lógica)
N	Nome
NP	<i>Nominal Phrase</i> (Sintagma Nominal)
MD	Morfologia Distribuída
PB	Português Brasileiro
PF	<i>Phonetic Form</i> (Forma Fonética)
PM	Programa Minimalista
VI	Variáveis Independentes
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	18
2	O GÊNERO GRAMATICAL: LOCUS E CONCORDÂNCIA	23
2.1	O GÊNERO GRAMATICAL SOB O VIÉS TEÓRICO-ANALÍTICO.....	23
2.2	O PROGRAMA MINIMALISTA	32
2.2.1	A concordância de gênero gramatical no programa minimalista	35
2.3	CLASSIFICAÇÃO FORMAL DOS NOMES	37
2.4	SÍNTESE DO CAPÍTULO	43
3	A IDENTIFICAÇÃO DE GÊNERO EM NOMES NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO LEXICAL	45
3.1	A SENSIBILIDADE DE BEBÊS E CRIANÇAS AOS ELEMENTOS FUNCIONAIS	46
3.2	A IDENTIFICAÇÃO DE GÊNERO NOS NOMES	50
3.2.1	Estudos sobre o reconhecimento de nomes conhecidos a partir de informação de gênero manifesta em elementos funcionais	51
3.2.2	Atribuição de (valor de) gênero a novos nomes	61
3.3	SÍNTESE DO CAPÍTULO	67
4	ATIVIDADE EXPERIMENTAL	72
4.1	MÉTODO EXPERIMENTAL.....	72
4.2	ATIVIDADE EXPERIMENTAL - A ATRIBUIÇÃO DE GÊNERO A PSEUDONOMES, A PARTIR DA CONCORDÂNCIA ENTRE ELEMENTOS DAS CATEGORIAS N E ADJ NO PB	74
4.2.1	Método	75
4.2.2	Resultados e discussão	86
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
	REFERÊNCIAS.....	101
	ANEXO – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	115
	APÊNDICE A - Estímulos utilizados na atividade experimental – condição incongruente e condição congruente	104
	APÊNDICE B - Imagens dos pseudo-objetos que compuseram os <i>trials</i> experimentais.....	105
	APÊNDICE C - A disposição dos materiais usados para a aplicação do	

experimento, quando realizado no NEALP - UFJF.....	107
APÊNDICE D - Imagens dos pseudo-objetos em contexto de cena	108
APÊNDICE E - Transcrição de um experimento com um participante de 5,8 anos.....	110
APÊNDICE F - Transcrição de um experimento com um participante de 3,8 anos.....	112

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação investiga a identificação e o processamento da concordância de gênero¹ gramatical entre elementos das categorias sintáticas Nome² e Adjetivo (doravante N e ADJ) por crianças entre 3 e 5 anos de idade adquirindo o português brasileiro (PB).

Estudos psicolinguísticos em aquisição de língua (LEW-WILLIAMS; FERNALD, 2007; VAN HEUGTEN; SHI, 2009; VAN HEUGTEN; CHRISTOPHE, 2015; SMOLIK; BLAHÓVA, 2018) investigaram a identificação do gênero gramatical em determinantes, bem como a atribuição do gênero a pseudonomes a partir dos determinantes (CORRÊA; NAME, 2003; TREJO; ALVA, 2013). No entanto, elementos da categoria sintática ADJ, no PB, configuram-se como uma fonte confiável³ para as crianças, nos estágios iniciais de aquisição de língua, identificarem o gênero gramatical manifesto no NP, isso porque o PB é uma língua que apresenta marcação sistemática de gênero na concordância entre elementos da categoria N e elementos da categoria ADJ. Do ponto de vista da aquisição da linguagem, Corrêa (2007, p. 21) aponta que bebês são perceptualmente sensíveis aos padrões regulares das línguas, como “ordenação de constituintes, elementos de classes fechadas e variação entre estes devido a flexão”. Por essa razão, ainda segundo a referida autora, os bebês identificam esses padrões como informações gramaticalmente relevantes.

No âmbito da psicolinguística, pesquisas realizadas em diferentes línguas têm verificado a sensibilidade de bebês, nas etapas iniciais da aquisição linguística, à forma fônica e à posição dos itens funcionais que compõem o sintagma determinante (doravante DP⁴) e a aquisição do gênero gramatical a partir dos elementos que manifestam a informação morfofonológica de gênero. Assim, são apresentados estudos que apontam para a sensibilidade precoce de bebês, entre 1 e 3 dias de vida, adquirindo o inglês, à forma fônica de elementos funcionais e lexicais (SHI et al., 1999). Outro estudo, também na língua inglesa, indica que crianças, na faixa de 10,5 meses, são sensíveis à forma fônica de itens funcionais e à posição desses itens no

¹ Em razão de este trabalho tratar da aquisição do gênero gramatical, não é pertinente abordar, no âmbito desta pesquisa, a questão do gênero social. Esta dissertação se restringe a tratar a noção de gênero gramatical sob a perspectiva de modelos teóricos formalistas.

² Adota-se, ao longo desta dissertação, o termo “nome” para tratar de substantivo.

³ No âmbito desta dissertação, não foram considerados adjetivos terminados em –e.

⁴ DP corresponde à sigla em inglês *Determiner Phrase*. Adota-se, nesta dissertação, essa notação para identificar o sintagma determinante.

sintagma (SHADY, 1996 *apud* NAME, 2020).

A respeito da aquisição do gênero gramatical, experimentos com crianças de 18 a 25 meses de idade apontam para o reconhecimento do gênero do N a partir de D no PB (CORRÊA; NAME, 2003), no francês canadense (VAN HEUGTEN; SHI, 2009), no francês europeu (VAN HEUGTEN; CHRISTOPHE, 2015), no espanhol (LEW-WILLIAMS; FERNALD, 2007) e no tcheco (SMOLIK; BLAHÓVA, 2018). Outros estudos (CORRÊA; NAME, 2003; TREJO; ALVA, 2013) investigam como crianças com idades entre 30 e 33 meses atribuem gênero a novos nomes, no âmbito do DP, no PB e no espanhol.

Nesta pesquisa, dá-se ênfase à noção de gênero enquanto categoria gramatical, sem estabelecer correlação com o sexo biológico. Apresentam-se dados a respeito da produtividade de gênero e da vogal temática⁵ no PB a partir da análise de nomes dicionarizados e de uso (SCHWINDT, 2018) para discutir sobre a relação entre a vogal temática dos nomes no PB e o valor de gênero dos nomes. É importante destacar que no PB tanto a vogal final dos nomes quanto a concordância com elementos de outras categorias que expressam essa relação podem servir de pistas às crianças para identificar o gênero gramatical. Nessa direção, a pesquisa de Schwindt (2018) indica um alto pareamento nessa relação entre a vogal temática dos nomes e o valor de gênero dos nomes pelos falantes do PB. Esta é uma questão de interesse desta pesquisa, uma vez que a criança, em estágio de aquisição, pode privilegiar a informação da vogal final dos nomes, em virtude desse alto pareamento entre a vogal final e a informação de gênero no PB ao qual está exposta, i.e., esse alto pareamento é uma pista muito consistente às crianças no que tange à identificação do gênero gramatical dos nomes.

Embora muitos estudos tenham explorado a sensibilidade de bebês à forma fônica de itens funcionais e a identificação do sistema de gênero no DP, sobretudo na relação entre itens da categoria D e N, em diferentes línguas, não foram encontrados estudos que investigassem a identificação e o processamento das relações morfossintáticas de concordância de gênero no âmbito do NP, i.e., entre N e ADJ, na ausência de itens da categoria D. Assim, a justificativa para a realização da presente

⁵ No trabalho de Schwindt (2018) é usada a terminologia “vogal temática” para tratar dessa vogal final. Essa terminologia foi mantida a fim de preservar a posição do autor quanto ao estatuto desse elemento na teoria linguística. No entanto, nesta pesquisa será adotado o termo vogal final, visto que a discussão teórica sobre o estatuto desse elemento dentro da teoria linguística (como vogal temática ou como marca de gênero) é ortogonal ao foco aqui delineado.

pesquisa recai na escassez de estudos sobre a aquisição do gênero gramatical no NP, visto que a literatura psicolinguística carece de pesquisas que investiguem sobre quais outras fontes de informação, além de itens da categoria D, as crianças podem usar para a identificação do gênero gramatical em um NP.

Além disso, esta dissertação pretende fornecer evidências experimentais, nos estágios da aquisição linguística, sobre o processamento da concordância entre os elementos nome e adjetivo a fim de fomentar a discussão sobre a aquisição do gênero gramatical no PB.

Atendo-se à literatura de aquisição de gênero e aos padrões de marcação de gênero no PB, as hipóteses delineadas nesta pesquisa consideram que, mesmo na ausência de itens da categoria D⁶, as crianças são capazes de identificar a informação morfossintática referente ao gênero gramatical e atribuir essa informação de gênero aos nomes desconhecidos. Ademais, as crianças podem se basear em diferentes pistas na atribuição de gênero aos nomes desconhecidos, em função da faixa etária. Conforme reportado por Corrêa e Name (2003), crianças de 4 e 5 anos de idade (ao contrário das menores de 3 anos) preferem usar a vogal final como fonte para atribuição de gênero a pseudonomes, a despeito da informação de gênero veiculada pelo item da categoria D.

Assim, a presente pesquisa investiga a identificação do gênero gramatical, no âmbito do NP, no PB. Mais especificamente objetiva-se:

(i) Investigar experimentalmente a atribuição de gênero a novos nomes por crianças de 3 a 5 anos de idade, a partir de pistas (morfo)fonológicas e morfossintáticas, como a vogal final no pseudonome e a marca de gênero no adjetivo;

(ii) Investigar quais das informações – a vogal final do pseudonome ou a marca de gênero presente na vogal final do adjetivo – seria privilegiada pela criança na atribuição de gênero a pseudonomes;

(iii) Verificar se há diferenças no uso dessas informações pelas crianças – a vogal final do pseudonome ou a marca de gênero na vogal final do adjetivo – em função da idade;

(iv) Contribuir com a discussão acerca da identificação e da aquisição do gênero gramatical, focalizando a identificação da informação de gênero no PB, no

⁶ Esta discussão a respeito do DP vs. NP existe na literatura linguística. No entanto, não será abordada nesta dissertação, pois essa questão ultrapassa o escopo deste trabalho.

âmbito do NP.

Os resultados desta pesquisa indicam que crianças com idades entre 3 e 5 anos são capazes de identificar o gênero no domínio do NP; usam a informação do padrão de terminação da vogal final dos nomes e parecem privilegiar essa informação na atribuição de gênero a novos nomes, em detrimento da relação de concordância. Os resultados também apontam que não houve efeito de significância para o fator gênero, i.e., o comportamento das crianças não foi afetado pelo fato de o nome ser masculino ou ser feminino. Não houve diferença significativa no uso das diferentes pistas (vogal final de N ou vogal final de ADJ) por crianças com 3, 4 e 5 anos de idade. Todavia, as taxas de respostas do experimento sugerem que as crianças de 3 anos parecem fazer mais uso da informação de gênero veiculada pela marcação morfofonológica de gênero no ADJ em decorrência da concordância N-ADJ no NP do que as crianças de 4 e 5 anos.

Este trabalho está dividido, metodologicamente, em quatro capítulos.

No primeiro capítulo após a introdução serão apresentadas definições acerca do gênero gramatical, sob uma perspectiva teórica-analítica (CORBETT, 1991; 2006; CÂMARA JR, 1993; PERINI, 2005; CUNHA; CINTRA, 2001), bem como algumas propostas formalistas (MAGALHÃES, 2004; ALCÂNTARA, 2010; SCHWINDT, 2018; ARMELIN, 2015) que tratam o gênero gramatical sob perspectivas distintas na literatura. Além disso, será apresentado como se dá a relação de concordância, no DP, sob a ótica do Programa Minimalista (doravante PM) (CHOMSKY, 1995, 1999, 2000).

No capítulo seguinte serão apresentados estudos experimentais que investigaram a sensibilidade de bebês às propriedades fônicas e distribucionais de itens funcionais (SHADY, 1996; SHI et al., 1999), bem como pesquisas a respeito da aquisição do gênero gramatical, em diferentes línguas e faixas-etárias (CORRÊA; NAME, 2003; LEW-WILLIAMS; FERNALD, 2007; VAN HEUGTEN; SHI, 2009; VAN HEUGTEN; CHRISTOPHE, 2015; SMOLIK; BLAHÓVA, 2018), e a atribuição de gênero a novos nomes a partir de pistas morfofonológicas de gênero manifestas em itens D ou ADJ (CORRÊA; NAME, 2003; TREJO; ALVA, 2013). Apresenta-se também, nesta dissertação, o papel dos itens funcionais na aquisição de língua, visto que padrões linguísticos como “distinções morfológicas de número e gênero presentes nos elementos funcionais, como afixos e determinantes” (CORRÊA, 2011) são percebidos e adquiridos por bebês em virtude de suas propriedades fônicas e

da posição que ocupam nos sintagmas.

No quarto capítulo, será descrito o experimento conduzido neste trabalho, bem como os resultados obtidos. Por fim, serão apresentadas as considerações finais desta pesquisa.

2 O GÊNERO GRAMATICAL: LOCUS E CONCORDÂNCIA

Neste capítulo, será feita uma caracterização do gênero gramatical intrínseco e da noção da concordância de gênero, em termos descritivos, e sob o recorte teórico gerativista. Dá-se ênfase à definição de gênero no PB enquanto categoria gramatical. Por essa razão, este trabalho não se concentra em abordar o gênero com acepção semântica, i.e., que estabelece correlação com o sexo biológico da entidade referente e/ou do indivíduo animado designado por um nome. Por fim, discute-se sobre a constituição do sistema de gênero da língua portuguesa, o seu *locus* de interpretabilidade e sobre como se dá a relação de concordância, no âmbito do DP, assumindo o viés teórico do PM (CHOMSKY, 1995).

2.1 O GÊNERO GRAMATICAL SOB O VIÉS TEÓRICO-ANALÍTICO

Nesta seção, serão apresentadas algumas definições sobre gênero gramatical (CORBETT, 1991; 2006; CÂMARA JR, 1993; PERINI, 2005; CUNHA; CINTRA, 2001) sob os enfoques gerativista e teórico-analítico. Em seguida, a partir da revisão bibliográfica mencionada, será abordada a questão de como a marcação de gênero no PB se baseia em critérios majoritariamente formais e não semânticos.

Hockett define que: “genders are classes of nouns reflected in the behavior of associated words” (1958, p. 231 *apud* CORBETT, 1991, p. 1). Para Corbett, gênero pode ser definido como:

a lexical feature for nouns in that [...] its value has to be available in the lexicon. And as with other lexical features, a given lexical item normally has one value of the feature, and this value may have greater or lesser semantic justification. Unlike morphological features, gender is available for agreement (CORBETT, 2006, p. 126).

Compreende-se, a partir da definição de Hockett (1958), que a noção de gênero adotada pelo autor é morfossintática, uma vez que o gênero se manifesta em classes de nomes e se reflete no comportamento de palavras com as quais se associa. Para Corbett (2006), o gênero se configura como um traço, disponível no léxico, inerente aos nomes e disponível para a relação de concordância. No que concerne à aquisição de língua, essas definições são relevantes, posto que a criança pode identificar a manifestação do traço de gênero na língua não só nos nomes, mas também nas outras

palavras que estabelecem essa relação com o nome.

A respeito dos critérios de classificação dos nomes no sistema de gênero, Corbett discorre que: “the classification frequently corresponds to a real word distinction of sex, at least in part, but often too, it does not” (CORBETT, 1991, p. 1). Nesse sentido, segundo o autor, a atribuição de gênero dos nomes depende de informações de duas naturezas diferentes: aspectos semânticos e aspectos formais, os quais podem ser subdivididos em: morfossintáticos e/ou fonológicos. Ainda, segundo Corbett (1991), uma língua pode ter duas ou mais classes de gêneros. Em algumas línguas dravídicas, por exemplo, critérios semânticos determinam o gênero dos nomes. Na língua Tamil, citada por Corbett (1991, p. 8), os nomes são divididos em racionais (sub-divididos em feminino e masculino) e não racionais (neutro). Os critérios de classificação de gênero na língua Tamil podem ser verificados no quadro abaixo:

Quadro 1 - Critérios de classificação de gênero na língua Tamil

Criterion	Gender	Examples	Gloss
god or male human	masculine (= male rational)	aaṇ civaṇ	man Shiva
goddess or female human	feminine (= female rational)	peṇ kaaḷi	woman Kali
other	neuter (= non-rational)	maram viiṭu	tree house

Fonte: Corbett (1991, p. 8).

Ainda segundo o autor, muitas línguas caucasianas possuem três gêneros e realizam a atribuição desses gêneros aos nomes utilizando os mesmos fatores semânticos do Tamil. Alguns exemplos dessas línguas são: Akhvakh, Bagval, Godoberi e Karata (todas as línguas Andi do grupo Avar-Andi-Dino das línguas caucasianas do nordeste da Ásia⁷).

Segundo Corbett (1991), a análise semântica, em muitas línguas, não é suficiente para determinar o gênero do vocábulo; por essa razão, a categorização de nomes às classes de gênero também se baseia em critérios formais, i.e., critérios morfossintáticos e/ou fonológicos. Conforme exemplifica Corbett (1991, p. 3), a

⁷ De acordo com o *WALS (World Atlas Language Structure online)*, as línguas caucasianas do nordeste da Ásia são uma família de línguas faladas na região do Cáucaso, principalmente na Rússia (Daguestão, Chechênia, Ingushetia), no norte do Azerbaijão e Geórgia. Informação disponível em: <https://wals.info/languoid>, acessado em: dez. 2019.

palavra “casa”, em russo, pertence ao gênero masculino, devido à declinação à qual pertence na língua. Essa classificação é feita, então, baseada em critérios morfossintáticos. Em contrapartida, no francês, “casa” pertence ao gênero feminino, por causa de critérios fonológicos. Nessas línguas, por exemplo, a relação entre significado e gênero é mais restrita e, por isso, critérios formais passam a ser usados para a categorização dos nomes. Para Corbett (1991), essas regras para a atribuição de gênero podem considerar informações de natureza morfológica e/ou fonológica, conforme exemplificado acima com a língua russa e a francesa.

De acordo com o autor, não há língua em que a atribuição de gênero se baseie, exclusivamente, em critérios formais. Conforme explica Corbett (1991): “gender always has a basis in semantics. Furthermore, when semantic and formal criteria are both involved in gender assignment, they always overlap to some extent” (CORBETT, 1991, p. 63). Portanto, Corbett (1991) assume que tanto critérios semânticos quanto formais influenciam a atribuição de gênero das línguas naturais. Apesar do amplo levantamento realizado pelo autor para definir os critérios de caracterização do gênero gramatical, percebe-se uma incoerência nessas classificações. Para ilustrar, Corbett (1991) discorre que a língua Tamil é considerada um sistema cuja atribuição de gênero se baseia, estritamente, em critérios semânticos. No entanto, o referido autor apresenta alguns sufixos que estão relacionados a determinados gêneros. Isso significa que fatores morfossintáticos também influenciam a atribuição de gênero na língua Tamil. Por essa razão, a tipologia de Corbett (1991) não parece ser a mais adequada para categorizar o gênero gramatical.

Especificamente sobre sistemas que apresentem a sobreposição de fatores semânticos e/ ou fonológicos, como o Tamil, Corbett (1991, p. 68) discorre que: “there may be considerable overlapping of factors, which makes it difficult to establish whether all or only some of the observed regularities are part of native speakers' assignment systems”.

Cabe destacar que o autor aborda a questão de como os falantes, nas etapas iniciais de aquisição de língua materna, atribuem gênero aos nomes, sem nenhuma dificuldade. Corbett (1991, p. 3) comenta sobre como os falantes do russo sabem, por exemplo, que “casa” pertence ao gênero masculino, enquanto esse mesmo vocábulo, no francês, pertence ao gênero feminino e, no Tamil, esse nome pertence ao gênero neutro.

Corbett (1991) menciona algumas evidências usadas por linguistas sobre o

gênero ser parte da competência linguística dos usuários da língua, isto é, conforme definição do próprio autor, apresentada nesta seção, o gênero se configura como um traço lexical disponível no léxico dos falantes. Nas palavras de Corbett (1991):

- native speakers typically make few or no mistakes in the use of gender; if the gender of every noun were remembered individually, we would expect more errors;
- words borrowed from other languages acquire a gender, which shows that there's a mechanism for assignment and not just remembering gender;
- when presented with invented words, speakers give them a gender and they do so with a high degree of consistency. Thus, native speakers have the ability to 'work out' the gender of a noun (CORBETT, 1991, p. 7).

Corbett (1991) defende, conforme mencionado anteriormente, que a informação de gênero nos nomes está armazenada no léxico dos falantes. Por essa razão, independentemente, se a informação sobre o gênero for de natureza semântica e/ou morfológica, essa pode ser usada na identificação e na atribuição de gênero a nomes pelos falantes da língua. Contudo, o autor aponta que nomes de muitas línguas sobrepõem fatores semânticos e/ou fonológicos ou não são informativos quanto ao gênero. Nesse último caso, nem critérios semânticos nem formais (como a forma fonológica) dariam conta de explicar quais pistas os falantes dessas línguas usariam para armazenar as informações referentes ao gênero gramatical de diferentes sistemas linguísticos. Como exemplo disso, pode-se citar, no PB, os nomes: ponte, pente, dente, lente, mente, dentre outros que não expressam o gênero gramatical morfofonologicamente e nem semanticamente.

A respeito das possibilidades de classificação do sistema de gênero nas línguas, o autor apresenta uma sistematização do gênero em línguas naturais, por exemplo, as línguas românicas que estabelecem um sistema de gênero bipartido, com o gênero feminino e o masculino. Conforme exemplos no Quadro 2:

Quadro 2 -Exemplos de nomes no sistema bipartido com gênero feminino e masculino no italiano, no francês e no espanhol

LÍNGUAS	FEMININO	MASCULINO
Italiano	<i>luna</i> (lua); <i>luce</i> (luz); <i>notte</i> (noite);	<i>sole</i> (sol); <i>tempo</i> (tempo); <i>libro</i> (livro).

	<i>casa</i> (casa)	
Francês	<i>lune</i> (lua); <i>lumière</i> (luz); <i>nuît</i> (noite); <i>maison</i> (casa).	<i>soleil</i> (sol); <i>temps</i> (tempo); <i>livre</i> (livro)
Espanhol	<i>luna</i> (lua); <i>casa</i> (casa); <i>noche</i> (noite); <i>luz</i> (luz)	<i>sol</i> (sol); <i>tiempo</i> (tempo); <i>libro</i> (livro).

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Já a língua latina, a grega (antiga), a russa e a alemã, por exemplo, apresentam sistemas tripartidos, com nomes de gênero neutro, feminino ou masculino, como se pode observar no quadro abaixo:

Quadro 3 - Exemplos de nomes no sistema tripartido com gênero feminino, masculino e neutro no latim, no grego (antigo), no russo e no alemão

LÍNGUAS	NEUTRO	FEMININO	MASCULINO
Latim	<i>liber</i> (livro);	<i>luna</i> (lua); <i>domus</i> (casa); <i>nox</i> (noite); <i>lux</i> (luz)	<i>sol</i> (sol); <i>tempus</i> (tempo)
Grego (Antigo)	Βιβλίον(livro)	Σελήνη (lua); οἶχία (casa); Φῶς (luz); Νύξ (noite)	Χρόνος (tempo); Ἥλιος (sol)
Russo	сoлнце (sol); время (tempo)	кнiга (livro); луна (lua); ночь (noite)	дом (casa); свет (luz);
Alemão	<i>buch</i> (livro); <i>haus</i> (casa); <i>licht</i> (luz)	<i>sonne</i> (sol); <i>ziet</i> (tempo); <i>nacht</i> (noite);	<i>mond</i> (lua);

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

No que concerne ao PB, Câmara Jr. classifica os nomes⁸ da língua em três critérios:

⁸ Conforme visto, Câmara Jr. (1981 [1970]) utiliza o termo “nome” para tratar de substantivos e adjetivos. Adota-se neste trabalho o termo “nome” apenas para os substantivos. É importante destacar que, apesar da adoção desse termo para designar os substantivos, as citações feitas nesta dissertação preservam a nomenclatura usada pelos autores.

1. Nomes substantivos de gênero único; ex.: (a) rosa, (a) flor, (a) tribo, (a) juriti, (o) planeta, (o) amor, (o) livro, (o) colibri.
2. Nomes de dois gêneros sem flexão; ex.: (o, a) artista, (o, a) intérprete, (o, a) mártir.
3. Nomes substantivos de dois gêneros, com uma flexão redundante; ex.: (o) lobo, (a) loba; (o) mestre, (a) mestra; (o) autor, (a) autora (CÂMARA JR., 1981, p. 92 [1970]).

Para Câmara Jr. (1981 [1970], p. 92): “o gênero é uma distribuição em classes mórficas, para os nomes e [...] abrange todos os nomes substantivos portugueses, quer se refiram a seres animais providos de sexo, quer designem apenas ‘coisas’”. Em uma definição mais ampla, Câmara Jr. discorre que gênero é uma:

categoria gramatical por que nas línguas indo-europeias se distribuem os nomes em 3 ou 2 classes: 1) masculino, feminino, neutro; 2) masculino, feminino. A primeira divisão, tripartida, é as das antigas línguas clássicas, entre as quais o latim. A segunda, bipartida, é a das línguas românicas, derivadas do latim, entre as quais o português. O critério da primeira divisão parece ter decorrido de uma divisão anterior entre gênero ANIMADO (depois desdobrado em masculino e feminino) e INANIMADO (neutro) (CÂMARA JR., 1993, p. 92).

Sobre a classificação do sistema de gênero do PB, Câmara Jr. (1981, p. 88 [1970]) declara que o gênero apresenta a forma feminina e a masculina, sendo a primeira marcada com um sufixo flexional, ou desinência -a (átomo final) para a marca feminina, enquanto a forma masculina é marcada por um morfema zero - Ø. Além disso, Câmara Jr. (1993) também aponta que não há indicação do gênero para todos os adjetivos e muitos nomes de tema -e (ex.: “intérprete”, “triste”) e em nomes aтемáticos. Por essa razão, para esses casos, em específico, manifesta-se o gênero por meio da concordância realizada no artigo e/ou com um adjetivo.

Assim como Câmara Jr. (1993), Perini (2005) também considera que a marcação de gênero, no PB, decorre de critérios estritamente formais, posto que a correlação entre a terminação morfossintática dos nomes e o sexo biológico (em termos de referência semântica) não se apresenta de forma direta na língua. Por isso, os constituintes que compõem os sintagmas nominais do PB e que expressam a relação de concordância apresentam variações quanto a essa marcação de gênero. No PB, verifica-se que há gênero intrínseco na grande maioria dos nomes e manifestação de gênero em outros elementos, como em itens da categoria D e ADJ, resultados dessa marcação morfossintática.

Câmara Jr. (1993) e Perini (2005), além de Cunha e Cintra (2001), defendem que o gênero, na língua portuguesa, não pode ser definido pela sua terminação morfológica e/ou fonológica, nem mesmo pela correspondência semântica. Embora ocorra essa marcação, os autores destacam que ela não é suficiente para estabelecer uma correlação entre o objeto/conceito designado e o seu sexo biológico.

No que se refere à expressão do gênero nos nomes, Schwindt (2018), atendo-se aos pressupostos da teoria da Otimidade (WOLF, 2008 *apud* SCHWINDT, 2018), analisou quantitativamente 17.049 nomes⁹ do Dicionário Aurélio Eletrônico, além de 4.800 *tokens* e 1.266 *types* extraídos do Projeto VARSUL¹⁰ para investigar a relação das vogais temáticas com a informação morfológica de gênero no PB. Para isso, os nomes foram classificados como uniforme, biforme e comum-de-dois no que concerne ao gênero gramatical, e “segmento terminal, concretude (i.e., itens concretos *vs.* abstratos), animacidade, antecedente no sintagma e frequência lexical¹¹” (SCHWINDT, 2018, p. 752). Os resultados das amostras indicaram isomorfismo entre a vogal temática e o gênero gramatical no PB. Isso significa que, em termos estatísticos, nomes terminados com a vogal final –o são, preferencialmente, do gênero masculino, e nomes terminados em –a, do gênero feminino. Schwindt (2018, p. 754) evidencia que, das amostras analisadas, i.e., tanto no léxico dicionarizado, quanto no uso, há uma prevalência de palavras terminadas em -a no PB. No entanto, de maneira geral, a terminação fonológica nem sempre apresenta uma correlação com o gênero biológico/natural.

Em termos gerais, a análise realizada por Schwindt (2018, p. 758) indica que a maior parte dos nomes dicionarizados não têm correspondência com sexo biológico, são inanimados e indicam itens concretos (em oposição a itens abstratos). Além disso, há uma incidência de quase 10% a mais de nomes do gênero feminino sobre os masculinos. Os resultados apontam que, no léxico dicionarizado, 95,1% das palavras terminadas em -a são femininas, enquanto nos dados do VARSUL essa correspondência equivale a 89,6%. Em contrapartida, a análise dos nomes terminados

⁹ Schwindt (2018, p. 752) indica que não foram considerados nesta análise os substantivos compostos, derivados de outros nomes e elementos de locuções.

¹⁰ Variação Linguística na Região Sul do Brasil (<http://www.varsul.org.br>, acessado em: dez. 2019).

¹¹ Schwindt (2018, p. 755) investigou a relação entre a frequência lexical, i.e., o uso de palavras muito ou pouco frequentes na língua, no emprego de gênero nas amostras de uso do PB. O autor utilizou como referência dados do Projeto ASPA. Para mais informações, conferir Schwindt (2018).

em -o revelou que 99,9% deles no léxico dicionarizado são masculinos, no uso esses nomes representam 100%.

A análise das palavras terminadas em -e indicou uma distribuição bastante equilibrada entre masculino e feminino no léxico dicionarizado do PB, correspondendo a 47,2% e 52,8%, nessa ordem. Em contrapartida, nos dados do VARSUL, o feminino representa 72,7% dos nomes terminados em -e. Isso pode ser explicado em termos de frequência lexical. Nas palavras de Schwindt:

Há, no mapeamento geral da língua, isomorfismo entre a terminação -o e gênero masculino, de um lado, e entre a terminação -a e o gênero feminino, de outro, com alguma vantagem de frequência de feminino. Essa correlação diz respeito, majoritariamente, a gênero gramatical, não sexo biológico ou gênero social. Se observados, contudo, subconjuntos de dados, como o dos poucos nomes que estabelecem pareamento com sexo biológico ou gênero social, e mesmo o dos biformes e comuns de dois na língua em uso, apesar de sua frequência também limitada, constata-se que o isomorfismo mencionado se mantém, e as formas masculinas passam a prevalecer – o que consideramos evidência adicional à tese mattosiana de masculino como forma não marcada em português. A análise de frequência lexical mostrou predomínio de formas de alta frequência em todas as categorias analisadas, sem sugerir qualquer privilégio, mas revelou alguma relevância no domínio do emprego das palavras fechadas pela vogal -e (SCHWINDT, 2018, p. 766).

O estudo de Schwindt (2018) sobre a produtividade de gênero e vogal temática no PB se faz relevante para a investigação sobre a aquisição de gênero gramatical proposta nesta pesquisa. A análise realizada pelo autor reporta dados sobre como a marcação morfofonológica de gênero tem sido realizada por falantes do PB e indica um padrão nessa marcação e na correlação com o gênero do vocábulo. Nesse sentido, atendo-se ao fato de que crianças são sensíveis aos padrões da língua à qual estão expostas, essa terminação do PB pode ser uma pista bastante confiável no processo de aquisição do sistema de gênero. Essa questão será melhor abordada no quarto capítulo desta dissertação.

Até agora, foi apresentada a classificação dos nomes com base no gênero, com destaque para o PB, que marca critérios morfofonológicos e morfossintáticos para a sua expressão. Por outro lado, Hockett e Corbett ressaltam que o gênero é um traço que se reflete no comportamento de palavras a ele associado (HOCKETT, 1958), disponível para concordância (CORBETT, 1991). Portanto, para os autores, o sistema de gênero das línguas caracteriza-se pela presença do traço de gênero nos nomes e pela relação de concordância com outros elementos do léxico. No PB, dentre os

elementos que estabelecem a relação de concordância de gênero com o nome estão os itens das categorias D e ADJ.

A respeito da concordância de gênero, Câmara Jr. (1993) a define como:

princípio, vigente em muitas línguas, segundo o qual, num sintagma, o vocábulo determinante se adapta a certas categorias gramaticais do determinado; assim, em português, há concordância, em gênero e número, do adjetivo com o seu substantivo (ex.: belo rapaz, belos rapazes, bela rapariga, belas raparigas). Daí pode resultar redundância da categoria, ou a sua expressão formal quando esta não existe no determinado (ex.: belos pires) (CÂMARA JR., 1993, p. 77).

Perini (2005), por outro lado, define concordância como uma exigência de harmonização de flexão entre os diversos elementos de uma construção. Dessa forma, a relação de concordância é compreendida como uma exigência de traços idênticos, expressos morfossintaticamente, nos elementos que constituem o sintagma nominal (do inglês NP). Dessa forma, Perini (2005) pondera que a manifestação de concordância se configura como uma exigência de que traços morfossintáticos sejam idênticos em todos os termos do NP.

Para Corbett (2006), a manifestação de gênero é mais evidente no processo de concordância, uma vez que esse fenômeno reflete o comportamento morfossintático dos elementos do léxico que se relacionam entre si. Em uma abordagem ampla, considerando línguas que possuem duas ou mais classes formais de gênero, uma maneira de distinguir essas classes é pela manifestação morfofonológica da operação de concordância. Corbett (2006), sobre a concordância, explica que:

we call the element which determines the agreement (say the subject noun phrase) the controller. The element whose form is determined by agreement is the target. The syntactic environment in which agreement occurs (the clause for instance) is the domain of agreement. And when we indicate in what respect there is agreement, we are referring to agreement features (CORBETT, 2006, p. 4).

A respeito do mecanismo de concordância, Corbett (2006) discorre que o elemento que desencadeia a concordância é chamado de “controlador”, enquanto que o item cuja forma é modificada pela concordância é o “alvo”. O domínio em que a concordância ocorre, por sua vez, é chamado de “domínio da concordância”. Além disso, o autor esclarece que são os traços de concordância que estabelecem essas relações morfossintáticas.

Nesta seção do trabalho, objetivou-se apresentar o gênero gramatical, a partir de vieses teórico-analíticos e estruturalistas, buscando caracterizar como se apresenta o sistema de gênero no PB – quais os valores, características (morfo)fonológicas dos nomes e como o gênero se manifesta nas relações de concordância.

A próxima seção explora a concepção de língua nos moldes do Programa Minimalista, (CHOMSKY, 1995 e obras seguintes) e a noção de gênero gramatical. Além disso, visa a explicar as razões da adoção desse modelo teórico para tratar a questão da aquisição de língua.

2.2 O PROGRAMA MINIMALISTA

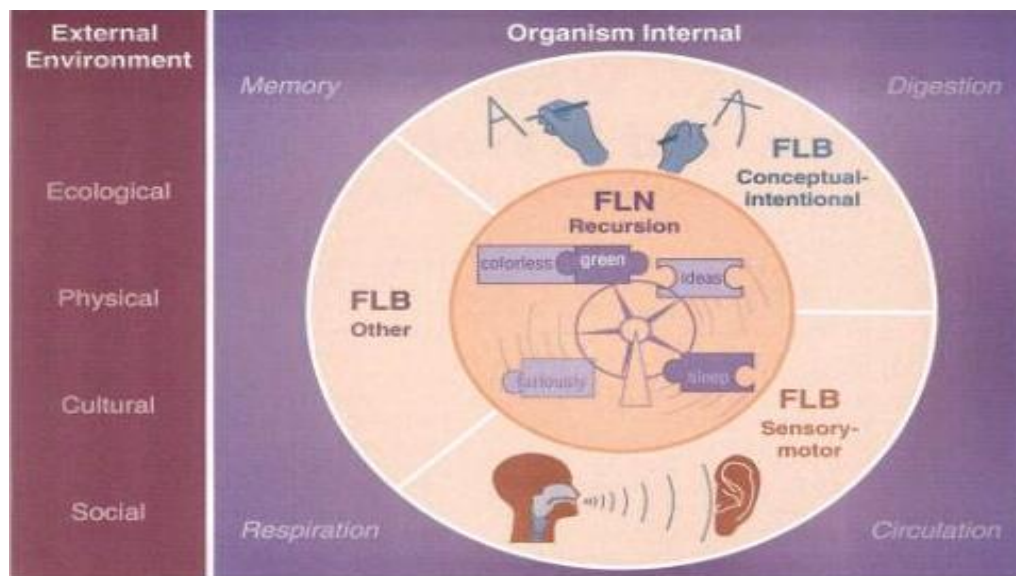
No Programa Minimalista¹² (PM: CHOMSKY, 1995), a língua é compreendida como parte do sistema cognitivo. Nesse modelo, a aquisição de uma língua ocorre em razão de um componente inato nos seres humanos: a Faculdade da Linguagem, localizada na mente/cérebro de um falante e que atua com outros submódulos da cognição como percepção, memória, controle executivo, dentre outros.

Hauser, Chomsky e Fitch (2002) concebem a Faculdade da Linguagem em duas instâncias: a Faculdade da Linguagem em sentido estrito (FLN), caracterizada por mecanismo(s) computacional/is de recursividade¹³ específico(s) à língua, os quais permitem produzir, a partir de um número finito de elementos linguísticos, um número infinito de expressões linguísticas; e a Faculdade da Linguagem em sentido amplo - composta pela FLN e por outros sistemas cognitivos com os quais a FLN faz interface. Apresentam-se, assim, dois níveis de representação para uma sentença da língua: os níveis de representação Forma Fonética (PF – *Phonetic Form*) e Forma Lógica (LF – *Logical Form*), que fazem interface com os sistemas de desempenho, que são o sistema sensorio-motor, ou articulatório-perceptual (interface fonético-fonológica) e os sistemas conceituais-intencionais, ou sistemas de pensamento (interface semântica). Na Figura 1, vê-se a esquematização da Faculdade da Linguagem, proposta por Hauser, Chomsky e Fitch (2002):

¹² Neste capítulo, serão vistos os pressupostos teóricos mais relevantes do PM, embora alguns conceitos trazidos aqui (como *Phonetic Form* e *Logical Form*) já fossem anteriores ao Minimalismo. No entanto, essa discussão não será aprofundada nesta dissertação, uma vez que não é o foco desta pesquisa.

¹³ Hauser, Chomsky e Fitch (2002, p. 1571) explicam que: “a core property of FLN is recursion, attributed to narrow syntax in the conception just outlined. FLN takes a finite set of elements and yields a potentially infinitive array of discrete expressions”.

Figura 1 - Fatores internos e externos à Faculdade da Linguagem



Fonte: Hauser, Chomsky, Fitch (2002, p. 1570).

No PM (CHOMSKY, 1995), a língua, no sentido de língua-I (interna, intensional e internalizada), é tomada como um procedimento gerativo que incorpora um sistema computacional linguístico universal (único para as línguas humanas) e um léxico, constituído de matrizes de traços fonológicos, semânticos e formais, adquiridos mediante experiência linguística.

Segundo Chomsky (1999), as categorias lexicais possuem traços formais [+interpretáveis], legíveis na interface LF e traços [- interpretáveis], chamados de sonda (*probe*), ilegíveis em LF. Esses traços, por entrarem na derivação sem valor, necessitam de um outro elemento, chamado de alvo (*goal*), com um traço de valor idêntico. Dessa forma, se o traço do alvo tiver valor, esse valor será recebido pelo traço da sonda e, então, apagado na sintaxe aberta. No entanto, será valorado na LF. Conforme Name et al. são necessárias quatro condições fundamentais para que a operação de *Agree* (concordância) ocorra:

A primeira delas é que a sonda e o alvo precisam estar sintaticamente ativos, o que significa que ambos precisam conter algum traço de natureza não interpretável. A segunda condição é de natureza estrutural e diz respeito à necessidade de que haja c-comando entre a sonda e o alvo. Por fim, a terceira e a quarta condições estão relacionadas a restrições de localidade entre sonda e alvo. Mais especificamente, não pode haver um núcleo interventor α entre sonda e alvo, tal que esse núcleo α seja c-comandado pela sonda e c-comande o alvo, podendo servir, portanto, como um alvo alternativo. Por fim, sonda e alvo precisam estar contidos no mesmo

domínio de fase. Satisfeitas essas condições, a operação de *Agree*, então, valora e deleta os traços não interpretáveis, tornando a sonda e o alvo inativos (NAME et al., 2020, pp. 6-7).

Na proposta do PM, o gênero gramatical é compreendido como um traço formal; juntamente com número e pessoa têm-se elementos que são tratados como traços *phi* (ϕ). A respeito dos traços formais, Polinsky (2015) discorre que:

Despite the astonishing morphological, lexical, and phonological variation across languages, the features that are matched in agreement are remarkably uniform cross-linguistically; they include person, number, and gender, together referred to as phi-features (ϕ -features) (POLINSKY, 2015, p. 4).

A concepção de Faculdade da Linguagem, apresentada acima, prevê uma interação entre o componente gramatical e os sistemas de interface, o que permite uma conexão entre a teoria linguística e a psicolinguística. Conforme esclarece Rodrigues (2014):

No Minimalismo, a língua é concebida como um sistema cuja arquitetura seria perfeita, no sentido de o resultado das computações realizadas por esse sistema serem legíveis pelos demais componentes da mente humana (os chamados sistemas de desempenho) com os quais a língua faz interface (RODRIGUES, 2014, p. 116).

Este modelo de língua do PM é pertinente aos estudos psicolinguísticos e à aquisição de língua, pois ainda que a criança nasça com uma predisposição para a linguagem, como a Faculdade da Linguagem, é preciso que ela capte propriedades da língua de seu meio, a partir de seu aparato perceptual. Assim, conforme defende Corrêa (2011), a criança começa a discriminar características fonéticas (segmentais e suprasegmentais), que lhe permitirão a segmentação do contínuo da fala em unidades menores até identificar elementos do léxico. Então, a formação de um léxico inicial viabilizaria o desencadeamento do sistema computacional que, por sua vez, permitiria a identificação de traços formais¹⁴ (traços relevantes para a computação sintática) e seus valores, referentes à língua em aquisição. Sobre a relação entre um modelo de língua e modelos de processamento, Rodrigues (2006) explicita que:

¹⁴ De acordo com Corrêa (2011, p. 7): “os traços formais tornam os elementos do léxico acessíveis, como símbolos, ao sistema computacional [...] para que sejam combinados em uma estrutura sintática”.

[...] as operações realizadas pelo componente computacional devem sempre resultar em estruturas legíveis pelos sistemas de desempenho. A medida, pois, de avaliação da teoria passa a ser de certo modo externa, no sentido que o sistema computacional deve responder a restrições impostas pelo sistema de desempenho (RODRIGUES, 2006, p. 26).

Nesse viés, a relação entre um modelo formal de língua e modelos de processamento possibilita o diálogo sobre propostas formalistas que visem a explicar sobre o local e o estatuto do gênero gramatical na estrutura sintática e como essa informação é adquirida e/ou processada pelo falante.

A seção subsequente dedica-se a apresentar a concordância de gênero gramatical no PM.

2.2.1 A concordância de gênero gramatical no programa minimalista

Verifica-se uma pluralidade na literatura de cunho minimalista acerca dos mecanismos de concordância. Chomsky (1995) prevê a checagem¹⁵ de traços como um mecanismo em que os traços morfossintáticos são inseridos na derivação já com os seus valores especificados. Os traços não-interpretáveis, por outro lado, são eliminados durante a computação sintática, por não serem legíveis aos sistemas de interface semântico-conceptual, conforme defendido por Chomsky (1999), a partir do princípio da Interpretabilidade Plena¹⁶. No que concerne, especificamente, ao traço de gênero, no âmbito do DP, ele é interpretável na categoria N e não interpretável no ADJ e na categoria funcional D.

Em Chomsky (1999; 2001) defende-se a noção da valoração de traços. Assim, nessa proposta, a valoração dos traços não interpretáveis ocorre durante a computação sintática. Ainda que esses traços não tenham valor especificado, eles vão para a derivação e são valorados via a operação de *Agree* (concordância). Chomsky (1999) propõe ainda, em nota, uma operação de concordância restrita ao domínio do DP. De acordo com o autor, a operação de *Concord*¹⁷ (concordância) ocorre via *Merge*

¹⁵ Os traços formais vêm valorados e precisam ser idênticos para que a checagem ocorra.

¹⁶ Chomsky (1999) propõe que uma derivação só converge se as informações disponíveis aos sistemas de interface forem legíveis aos sistemas de desempenho.

¹⁷ Chomsky (1999) defende dois mecanismos de concordância. Para o autor, a valoração de traços no nível sentencial é realizada pela operação de *Agree*, enquanto que, no âmbito do DP, a valoração de traços ocorreria apenas através da operação de concatenação (*Merge*).

(concatenação) e é suficiente para estabelecer a concordância no interior do DP.

Divergindo de Chomsky (1999), Magalhães (2004) propõe que a operação de *Agree*¹⁸ é suficiente para a valoração de traços de concordância dentro do DP. A autora afirma ter se baseado no sistema de valoração de traços formais de construções participiais de Chomsky (1999). Assim, ela se opõe ao autor por defender que, no domínio do DP, nenhum outro tipo de relação de valoração de traço é necessário. A proposta de Magalhães (2004, p. 164) prevê que “o sistema *Agree* dá conta da valoração dos traços formais tanto no DP quanto na sentença”.

A referida autora cita que Abney (1987) encontrou evidências de que o D contém os traços gramaticais de número, gênero e pessoa, em línguas como o húngaro, o turco, o esquimó e o mayan. Por essa razão, Magalhães (2004, p. 159), seguindo Abney (1987), defende que a categoria D no DP desempenha uma função semelhante à categoria funcional *Inflection* para o VP, uma vez que o D pode selecionar um complemento lexical e projetar uma posição de especificador. Conforme Magalhães (2004, p. 159): “o elemento AGR dentro do DP, assim como o AGR verbal, pode atribuir caso para o seu sujeito (ou especificador) e controlar a concordância morfológica do seu complemento NP”.

Dessa forma, Magalhães (2004) propõe que no mecanismo de valoração de traços do DP, o núcleo D, por conter traço de gênero [-interpretável] combina-se com um núcleo-alvo para que ocorra a valoração desse traço. O núcleo mais próximo de D é o N. Por essa razão, no que se refere à valoração dos traços de número e gênero via *Agree*, tanto para a estrutura interna do sintagma, quanto para o nível sentencial, Magalhães (2004) assume como pressuposto a estrutura de DP desenvolvida por Abney (1987). A autora, diferentemente de Chomsky (1995), defende que D possui traço de número [+interpretável] e traço de gênero [-interpretável], enquanto N apresenta traço de gênero e pessoa [+interpretável] e traço de número [-interpretável].

Diante disso, como ressaltado anteriormente, no PM, o gênero é tratado como um traço formal que compõe o conjunto de traços-*phi* (ϕ). De acordo com Chomsky (1995), o valor do traço de gênero é intrínseco ao nome e não é opcional em determinantes e adjetivos. Por isso, a relação de concordância manifesta em um DP é decorrente da checagem ou da valoração dos traços de gênero entre os itens

¹⁸ *Agree* refere-se à relação de valoração de traços entre os traços *phi* (ϕ) não interpretáveis de uma sonda (*probe*) e os traços *phi* (ϕ) interpretáveis de um alvo (*goal*) na operação de concordância.

categoriais D, N e ADJ que constituem o DP.

No que se refere à aquisição de gênero em termos de compartilhamento de traços, a criança, em estágio de aquisição de língua, precisa identificar o valor desse traço de modo a estabelecer a relação de concordância. Name (2002) considera que:

A concordância em termos de compartilhamento de traços permite, em princípio, a identificação de valor do traço de gênero de um nome que ainda não faça parte do léxico. No entanto, do ponto de vista da concordância sintática, o traço de gênero do Nome é valorado e o traço de gênero do Determinante é não valorado. A identificação do valor desse traço teria de acontecer a partir da sua expressão morfológica no determinante, por meio de um processo de concordância que seria estabelecido durante o processamento do sintagma/enunciado (NAME, 2002, p. 85).

Dessa forma, a autora supracitada propõe que o valor do traço de gênero manifesto no item N é identificado pela criança a partir da concordância no DP. Name (2002) defende que a criança utiliza como pista a informação morfofonológica em D. Assim, é necessário à criança identificar o valor de traço de gênero manifesto no elemento D para estabelecer a relação de concordância com outros itens do sintagma. Essa questão será retomada nas considerações finais desta dissertação.

2.3 CLASSIFICAÇÃO FORMAL DOS NOMES

Esta seção apresenta o trabalho de Alcântara (2010) que, sob o viés formalista da Morfologia Distribuída (doravante MD), visa a classificar itens lexicais do PB; o de Armelin (2015), que sugere uma dissociação entre traço morfossintático (gênero) e realização fonológica; e o de Schwindt (2018), com dados acerca da produtividade de gênero e de vogal final no PB.

Alcântara (2010) realiza uma classificação dos nominais do PB, atendo-se aos pressupostos teóricos da MD (HALLE; MARANTZ, 1993). Baseando-se na proposta de Harris (1999) para o espanhol e de Oltra Massuet (1999) para o catalão, a autora propõe a classificação dos vocábulos do PB em diferentes classes, as quais não apresentam correlação com o gênero gramatical. É fundamental destacar que essa classificação de Alcântara (2010) é teórica e não se baseia em uma análise de dados do uso e/ou da marcação de gênero pelos falantes do PB, como na pesquisa de Schwindt (2018) sobre a produtividade de gênero e vogal temática do PB. Na proposta de Alcântara (2010), os nominais do PB (N e ADJ) pertencem a quatro classes formais,

identificadas por I, II, III e IV e categorizados de acordo com as vogais átonas finais, i.e., -o, -a, -e, e Ø. De acordo com a autora, a classe I compreende vocábulos que terminam em -o. Essa é a classe não-marcada, sendo assim, a mais produtiva e a que abriga mais vocábulos na língua. As palavras “astro” e “maestro” são exemplos dessa classe. Esses vocábulos não são marcados nem para classe e nem para gênero. Por outro lado, em vocábulos como “tribo” e “libido” há o traço de classe I (por causa da terminação) e de gênero (feminino). A classe II, a segunda mais produtiva do PB, compõe-se por nomes terminados em – a, como: “fada”, “pedra”, “uva”, dentre outros. Nesses vocábulos, por exemplo, há apenas o traço de gênero. Em contrapartida, em um vocábulo como “planeta” há apenas o traço de classe II (em razão da sua terminação) e nenhuma marcação para gênero, tendo em vista que esse vocábulo pertence ao gênero masculino. Já na classe III, inserem-se os elementos nominais terminados em -e, por exemplo: “abacate” e/ou em consoante: “algoz”, “teor”. Essa classe só terá especificação de traço para o gênero quando feminino. Por fim, a classe IV, chamada “atemática”, compreende os itens nominais com “zero fonológico”, isto é, itens no singular e no plural que não apresentam nenhuma das terminações anteriores, por exemplo: “jardim”, “papel”, dentre outros. Essa classe será especificada com traço de classe e traço de gênero, quando o vocábulo for do gênero feminino, como “coragem” (ALCÂNTARA, 2010, p. 6).

No quadro abaixo, vê-se a sistematização das classes formais do PB, conforme os critérios de classificação estabelecidos pela autora:

Quadro 4 - Classes Formais do PB

Classe Formal		
a. I /o/	m f	astro, belo, calmo, dado, figo, imenso, jato, lobo, maestro, noivo, oco, peito, quadro, rato, sino, urso, vândalo, zelo, ... libido, tribo, virago, ...
b. II /a/	f m	alameda, bela, cava, dama, fada, girafa, ilha, juta, lâmpada, neta, ostra, pedra, quimera, rúcula, cesta, testa, uva, vaca, zebra, ... aroma, cometa, drama, edema, fantasma, gorila, idioma, lema, mapa, nauta, ômega, plasma, prana, rapa, sistema, tema, ...
c. III /e/	m f m/f	abacate, acorde, açougue, alarde, bagre, bandeide, basquete, blefe, bos/k/e, clube, debo/f/e, dote, eslaide, forde, lan/f/e, nocaute, padre, tigre, verde, ... algoz, anis, bolor, capuz, convés, feliz, mártir, revés, teor, tenaz, ... are, apêndice, bule, cárcere, do/s/e, escore, folclore, tule, vale, ... arte, ave, boate, buti/k/e, chance, chave, cidade, haste, lápide, madre, mascote, metade, neve, noite, parede, saúde, sebe, sorte, trave, ... cor, cruz, dor, espiral, flor, foz, paz, tez, ... alfa/s/e, árvore, cla/s/e, fa/s/e, indole, mu/s/e, pele, prole, to/s/e, ... alegre, chefe, célebre, cliente, consorte, cra/k/e, mestre, pedestre, triste, ... bene/s/e, cêlere, mole, preco/s/e, súpli/s/e, ...
d. IV ∅	m/f	bagageN, corageN, joveN, homeN, álbuN, treN, armazeN, jardiN, ... frei, lei, rei, boi, apogeu, mausoléu, troféu, ... araçá, pá, vatapá, chá, jabuti, pajé, ... vil, farol, papel, ...

Fonte: Alcântara (2010, p. 6).

Alcântara (2010) salienta que essas classes formais são definidas pelas terminações morfofonológicas, já que itens nominais (N e ADJ) masculinos e femininos ocorrem em todas as classes formais (I a IV), conforme o quadro acima. A respeito dessa análise dos morfemas de classe dos itens N e ADJ do PB e o gênero, a autora esclarece que:

as vogais /o/ e /a/ são morfemas de classe formal, independentemente de estarem correlacionadas ao gênero, pois identificam agrupamentos formais cuja semelhança única entre si consiste em carregarem a mesma terminação (ALCÂNTARA, 2010, p. 10).

Compreende-se, então, que a realização das classes se distingue da informação de gênero. Alguns itens lexicais apresentam uma correlação entre os morfemas de classes formais e o gênero gramatical (-o para masculino e -a para feminino), como os itens das classes I e II. Em contrapartida, os itens vocabulares inseridos nas classes formais III e IV não estabelecem nenhum tipo de correlação entre a classe a que pertencem e a informação referente ao gênero gramatical.

Para Alcântara (2010), a informação referente à classe formal a que o item nominal pertence deve ser inserida na “entrada vocabular das raízes”, conforme termos da própria autora, desses itens nominais. Conforme Alcântara (2010):

O morfema de classe formal, /o/, /a/ ou /e/, é selecionado pelo licenciador da raiz (morfema derivacional), quando este possui conteúdo fonológico; de outra forma, é a própria raiz que toma para si esta responsabilidade (ALCÂNTARA, 2010, p. 8).

Na esquematização abaixo, estabelecida por Alcântara (2010), é possível observar quais informações são necessárias para a formação de nomes e adjetivos no PB:

Figura 2 - Entradas Vocabulares de Nomes e Adjetivos

Entradas Vocabulares de Nomes e Adjetivos

a. (Nomes)	[/variS/, N, III, fem	...] <i>variz</i>
	[/nariS/, N, III, -	...] <i>nariz</i>
	[/koʎ ɛr/, N, III, fem	...] <i>colher</i>
	[/ʃofer/, N, III, -	...] <i>chofer</i>
b. (Adjetivos)	[/piɔr/, A, III,	...] <i>pior</i>
	[/tenaS/, A, III,	...] <i>tenaz</i>
	[/traves/, A, -	...] <i>travesso(a)</i>

Fonte: Alcântara (2010, p. 8).

Nessa perspectiva, são necessárias para a formação de palavras as informações referentes a: (i) categoria morfossintática (N ou ADJ); (ii) classe formal pertencente (I, II, III ou IV) e (iii) gênero gramatical (feminino). Nesse sentido, no que se refere ao sistema de gênero do PB, o gênero feminino tem que ser especificado na entrada vocabular, já que é considerada a forma marcada¹⁹ na língua, enquanto o masculino, conforme discutido anteriormente, corresponde à forma não marcada para gênero.

Alcântara (2010) defende que a marcação de gênero na língua portuguesa é arbitrária e que a informação relativa ao gênero se constitui como um traço idiossincrático das raízes, tendo, então, que estar (a informação) presente na entrada vocabular, conforme apresentado acima. Posto que o gênero masculino é o não marcado da língua, essa informação não precisa ser inserida na entrada vocabular, uma vez que se configura como a ausência do feminino. Sobre a presença do traço de gênero nos itens nominais, Alcântara ressalta uma diferença sobre a informação de gênero entre itens da categoria N e itens da categoria A, a saber:

Todas as palavras masculinas do português, sejam elas nomes, cujo gênero é inerente, ou adjetivos, cujo gênero é adquirido via concordância de gênero, são de classe formal. O gênero feminino, ao contrário, é considerado marcado no português – assim como nas línguas românicas em geral; logo, a presença deste traço, nas

¹⁹ Percebe-se que o conceito de marcação para Alcântara (2010) estabelece uma relação com os padrões de gênero de cada classe.

entradas vocabulares de todas as palavras femininas, nos nomes, por inerência, e nos adjetivos, por concordância, faz-se imperativa (ALCÂNTARA, 2010, p. 10).

Ainda a respeito do traço de gênero e em que lugar essa informação está alocada, compreende-se que Alcântara (2010) assume que:

O gênero é fator relevante para a atribuição de classe formal aos vocábulos não-verbais do português do Brasil, somente no que concerne às duas maiores classes formais, I e II. Isso porque, nessas duas classes, normalmente, a informação de classe formal é previsível a partir do gênero de que são portadoras as raízes. No caso dos membros das demais classes, entretanto, não só o gênero, bem como a classe formal são informações idiossincráticas das raízes (ALCÂNTARA, 2010, p. 14).

Portanto, segundo Alcântara (2010), o gênero gramatical faz parte da raiz vocabular dos itens. No entanto, conforme explicitado pela autora, é necessária a informação referente ao gênero para a inserção da classe formal dos itens N e ADJ que pertencem às classes I e II do PB. Em contrapartida, os itens que integram as classes III e IV portam a informação referente à classe formal e ao gênero gramatical nas raízes.

Para Armelin (2015, p. 71), gênero é definido como “um nó funcional sintático que faz parte da projeção estendida do nome”, podendo ser especificado por três traços: o masculino, o feminino e, ainda, um conjunto que compreende concomitantemente ambos os traços, i.e., o masculino e o feminino.

A respeito da correlação entre a terminação fonológica e a categorização do gênero, Armelin (2015) coloca que essa terminação não pode ser determinante para a categorização do gênero, posto que as marcas na classe nominal nem sempre são compatíveis com o gênero gramatical. Conforme colocam Name (2020) et al.:

Por outro lado, Armelin (2014) propõe que as marcas de gênero e de classe nominal ocupam a mesma posição na estrutura sintática. Em linhas gerais, a autora defende que o que foi tradicionalmente separado em gênero e classe nominal represente tão somente diferentes possibilidades de realização fonológica de um mesmo núcleo sintático. O sistema resultante dispensa a necessidade de diacríticos de classe tanto na raiz como em qualquer dos estágios da derivação. A partir da noção de inserção tardia assumida no modelo da MD, na proposta de Armelin (2015), a fonologia resultante de um traço de gênero pode ser tanto um item *default* como um elemento mais especificado. Os itens *default* mapeiam o núcleo de gênero para *-a* no contexto de feminino e para *-o* no contexto de masculino.

Em contrapartida, os casos em que a forma fonológica da vogal final é imprevisível são explicados como o resultado da existência de itens de vocabulário mais especificados, que incluem as raízes relevantes em sua especificação contextual (NAME et al., 2020).

Armelin (2015) propõe, então, uma dissociação entre traço morfossintático (gênero) e realização fonológica, i.e., a autora tenta tirar os traços da raiz e assume que os traços de classes não são necessários para a formação de palavras. Ainda, a autora coloca que as classes nominais não desencadeiam a concordância de gênero (Figura 3).

Figura 3 - Classe nominal não desencadeia concordância

- a. A tribo jovem, bonita e rebelde**
classeI classeIV classeII classeIII
- b. O planeta jovem, bonito e rebelde**
classeII classeIV classeI classeIII

Fonte: Armelin (2015, p. 46).

Para Schwindt (2011), gênero e vogal final se distinguem na morfologia. Porém, o autor propõe uma preferência na realização de classe sobre gênero, no caso do masculino, e de gênero sobre classe, no caso do feminino. Em outro trabalho, Schwindt (2018) analisa a relação entre a terminação final de nomes do PB e a informação morfossintática de gênero, a partir da análise de itens lexicais dicionarizados e de amostras de uso por falantes do sul do Brasil. Segundo o autor, os nomes no português contêm informação categórica de gênero e, por isso, possuem em sua matriz lexical traço valorado para gênero que se constituiria como elemento da matriz morfossintática da lista 1²⁰. Schwindt (2018) afirma que esse traço é inerente aos itens nominais, por isso apresentam a marca de gênero implícito, manifestando-se binariamente na língua, ora como masculino, ora como feminino. Na concepção do autor, o gênero é marcado via exponenciação, i.e., é fonologicamente realizado.

Considerando-se os trabalhos apresentados nesta seção sob a perspectiva da aquisição de língua, faz-se uma crítica à classificação realizada por Alcântara (2010). Se a informação referente ao gênero gramatical fosse imprevisível na língua, conforme

²⁰ De acordo com Marantz (1997, p. 10), a Lista 1, também chamada de *narrow lexicon*, é o local onde estão os itens com os quais o sistema computacional sintático opera. Nas palavras do autor: “essa Lista 1 contém as raízes atômicas da língua e os feixes atômicos de traços gramaticais”.

postula a autora, seria uma árdua tarefa para as crianças adquirirem o sistema de gênero gramatical do PB. Diferentemente do que defende Alcântara (2010), vê-se nos dados de Schwindt (2018) que há um padrão bastante consistente utilizado pelos falantes da língua e o gênero manifesto no item vocabular. Esse padrão pode ser uma pista bastante robusta para as crianças, no estágio de aquisição, sobre o sistema de gênero do PB. Embora a visão de Armelin (2015) acerca da dissociação entre o traço morfossintático (gênero) e a realização fonológica ir de encontro aos achados por Schwindt (2018), é importante destacar que Armelin (2015) defende que há um mesmo núcleo sintático para gênero e para classe nominal. Essa proposta parece ser compatível com um modelo de aquisição do PB que considera relevante a fonologia dos nomes (as terminações, mais especificamente) para a expressão do gênero gramatical.

2.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Este capítulo apresentou algumas caracterizações acerca do gênero gramatical e da concordância de gênero, sob o viés teórico-analítico (CORBETT, 1991; 2006; CÂMARA JR., 1981, 1993; PERINI, 2005; CUNHA; CINTRA, 2001), e o formalista (MAGALHÃES, 2004; ALCÂNTARA, 2010; SCHWINDT, 2018; ARMELIN, 2015). A apresentação dos estudos citados quanto à classificação do gênero gramatical nas línguas naturais é relevante para a presente pesquisa em virtude da investigação se pautar na identificação do gênero gramatical por crianças adquirindo o PB. Destaca-se que essas categorizações se baseiam em aspectos formais a fim de discutir quais informações, mais especificamente sobre o sistema de gênero, precisam ser adquiridas e tratadas pela criança no percurso de aquisição linguística. Outros trabalhos (MAGALHÃES, 2004; ALCÂNTARA, 2010; 2018; ARMELIN, 2015; CHOMSKY, 1995) apresentam propostas sobre o locus de interpretabilidade do gênero gramatical e discutem acerca do processo de concordância de gênero. Do ponto de vista da aquisição de língua, o processo de concordância pode ser um mecanismo usado pelas crianças para identificar o gênero nos itens que o manifestam e que estabelecem essa relação morfossintática. Alguns autores (MAGALHÃES, 2004; CORBETT, 2006; SCHWINDT, 2018) especificam sobre quais elementos do DP estabelecem essa relação.

Dá-se destaque ao trabalho de Schwindt (2018), que apresenta dados robustos a

respeito da produtividade da relação entre gênero e a realização da vogal temática por falantes do PB. Os dados do referido autor indicam um alto pareamento na relação do gênero e da vogal temática em nomes dicionarizados e de uso no PB. Essa alta consistência na expressão do gênero nos itens vocabulares pelos falantes pode ser uma fonte robusta para as crianças extraírem informações concernentes ao sistema de gênero da língua. Privilegia-se, nesta revisão bibliográfica, a noção de gênero gramatical enquanto traço formal e de como se dá o processo de concordância nos moldes do PM (CHOMSKY, 1995), destacando a relevância desse modelo para tratar o problema da aquisição de língua e articulando-o com a psicolinguística.

No próximo capítulo, serão apresentadas pesquisas que investigaram a identificação do gênero por crianças adquirindo diferentes línguas. Primeiramente, serão vistos estudos acerca da sensibilidade de bebês aos elementos funcionais e a importância desses para a aquisição linguística. Atendo-se a essa revisão bibliográfica, será discutida a relevância de se investigar a aquisição e o processamento da concordância de gênero no domínio do NP, tendo em vista que, conforme abordado neste capítulo, outras fontes além do D, no PB, podem ser usadas como pistas pelas crianças para a identificação do gênero gramatical dos nomes no processo de aquisição de língua.

3 A IDENTIFICAÇÃO DE GÊNERO EM NOMES NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO LEXICAL

A aquisição de língua é um processo que costuma ocorrer de forma relativamente fácil e gradativa. Uma importante questão que interessa aos pesquisadores da área diz respeito aos fatores que contribuem para que as crianças desenvolvam a capacidade de aprender palavras sem nenhum esforço aparente. Dentre os fatores pesquisados, podem ser citados os que envolvem regularidades estatísticas (SAFRAN et al., 1996), pistas perceptuais (SHADY, 1996; SHI et al., 1999), pistas sociais (AUGUSTI et al., 2010 apud ARIAS-TREJO; ALVA, 2013), dentre outros.

Na perspectiva da criança adquirindo sua língua materna, é necessário pressupor um período em que se desenvolvem habilidades perceptuais específicas ao processamento linguístico e que informações de natureza linguística estejam disponíveis nos dados de fala a fim de que os bebês possam extrair essas informações do contínuo sonoro, abstraí-las e delimitá-las em categorias gramaticais.

Este capítulo tem por objetivo apresentar estudos que investigaram a aquisição/identificação do gênero gramatical no processo de aquisição, em diferentes línguas que, como o PB, o manifestam morfossintaticamente. Além disso, discute-se o papel dos itens funcionais nas etapas iniciais da aquisição de língua e são apresentadas evidências empíricas acerca da sensibilidade precoce de bebês a esses elementos que podem servir como pistas para a aquisição/identificação do gênero gramatical.

Na seção 3.1, discute-se sobre os itens funcionais e apresentam-se trabalhos clássicos na literatura psicolinguística que verificaram a sensibilidade de bebês aos elementos funcionais (SHADY, 1996; SHI et al., 1999). Dá-se ênfase à pesquisa de Teixeira (2009) acerca da identificação de bebês com idades entre 18 e 22 meses, adquirindo o PB, de afixos presos que formam adjetivos no PB. Na seção 3.2, serão apresentados estudos que investigaram a aquisição de nomes em línguas que envolvem a identificação do traço de gênero e de seu valor pela criança (LEW-WILLIAMS; FERNALD, 2007; VAN HEUGTEN; SHI, 2009; ARIAS-TREJO; ALVA, 2013; VAN HEUGTEN; CHRISTOPHE, 2015; SMOLIK; BLÁHÓVA, 2018). Ainda nessa seção, serão vistos os estudos de Corrêa e Name (2003) e Arias-Trejo; Alva (2013) que exploraram se crianças a partir dos 30 meses são capazes de identificar o valor do traço de gênero pela operação de concordância e de atribuir esse valor a pseudonomes.

3.1 A SENSIBILIDADE DE BEBÊS E CRIANÇAS AOS ELEMENTOS FUNCIONAIS

Os itens funcionais caracterizam-se por serem elementos de classe fechada, possuem significado intralinguístico, carregam informação de gênero, de número e de pessoa, ocupam posições específicas no contexto sintático, são altamente frequentes nos enunciados, possuem um padrão fônico característico e apresentam pouca variação na quantidade. Os itens lexicais, por sua vez, são itens de classe aberta, possuem significados extralinguísticos e são bastante variados, apresentam-se em contextos sintáticos diversos e não têm um padrão fônico específico.

Corrêa (2012) discorre que a sensibilidade precoce aos itens funcionais é compreendida como uma das etapas iniciais da aquisição linguística, dado que a diferenciação pelos bebês de itens pertencentes às categorias funcionais e lexicais, a partir das propriedades acústicas e distribucionais, pode desencadear a aquisição dos traços formais que viabilizam a formação de um léxico inicial. A respeito do papel dos itens funcionais no processo de aquisição de língua, Uchôa e Teixeira (2016) colocam que:

Os itens funcionais tornam-se relevantes nesse processo, já que são caracterizados por apresentarem traços formais, responsáveis pelas informações gramaticais da língua. Assim, a partir do reconhecimento dos traços formais destes itens, a criança tem acesso à gramática de sua língua e o processo de aquisição é desencadeado (UCHÔA; TEIXEIRA, 2016, p. [4?]).

Ainda sobre essa relação entre as habilidades perceptuais precoces de bebês e crianças na identificação e segmentação de itens funcionais e lexicais com a aquisição linguística, Gerken (2001) discorre:

The early perception of closed class elements in speech segmentation is crucial to the delimitation of grammatical categories, to the initial parsing of linguistic expressions and the progressive specification of the formal features of functional categories (GERKEN, 2001, recurso online).

A percepção desses itens por bebês nos estágios iniciais de aquisição linguística parece ser uma das etapas fundamentais para a especificação dos traços formais, visto que propicia a aquisição dos itens funcionais e, também, permite a

delimitação das categorias gramaticais.

Trabalhos clássicos reportados na literatura apontam para a sensibilidade precoce de bebês aos elementos das categorias funcionais. A fim de verificar a sensibilidade às propriedades fônicas desses elementos, Shi et al. (1999), utilizando a técnica de Sucção Não-Nutritiva, apresentaram listas de elementos lexicais e funcionais a bebês entre 1 e 3 dias de vida. Os 32 bebês que participaram deste experimento foram divididos em dois grupos. O grupo 1 escutou itens funcionais na fase de habituação, enquanto o grupo 2 ouviu, na primeira fase, itens lexicais. Na fase de teste, esses grupos foram subdivididos em 1.1, em que os bebês ouviram itens lexicais e em 1.2, em que os bebês escutaram uma lista nova de elementos funcionais. No subgrupo 2.1, por sua vez, os bebês ouviram itens funcionais e no 2.2 eles escutaram uma nova lista de elementos lexicais. Assim, os subgrupos 1.1 e 2.1 constituíram o grupo experimental e os subgrupos 1.2 e 2.2 formaram o grupo controle.

Os resultados obtidos no referido estudo indicam que os bebês que participaram do grupo experimental reagiram à mudança entre os itens funcionais e lexicais ($t(15)=5.514$; $p < .0001$), enquanto os bebês que constituíam o grupo controle não reagiram de forma consistente à troca de estímulos ($t(15)=1.586$; $p < 0.1336$). Esses resultados apontam para a sensibilidade precoce de bebês que distinguem itens funcionais dos itens lexicais a partir de suas propriedades fônicas.

Shady (1996 *apud* NAME, 2002), por sua vez, observou que bebês, aos 10,5 meses, adquirindo o inglês, são sensíveis às propriedades fônicas e distribucionais dos itens funcionais. Utilizando a técnica de Escuta Preferencial, a autora contrastou itens funcionais da língua inglesa com pseudoitens funcionais a fim de investigar a sensibilidade dos bebês aos itens funcionais. Na fase teste, 24 bebês com idade média de 10,5 meses foram apresentados a estímulos sonoros que consistiam em pequenas sentenças extraídas de um livro infantil (*The Curious Little Kitten*). Essas sentenças eram apresentadas na versão normal, i.e., em que os itens funcionais não eram modificados (as sentenças eram compostas pelos auxiliares *is* e *was*, os determinantes *the* e *that* e as preposições *of* e *with*), e na versão modificada, i.e., em que os itens funcionais foram substituídos por pseudoitens.

O resultado reportado por Shady (1996 *apud* NAME) aponta que a média do tempo de escuta dos bebês para a versão normal foi de 7.86 s, enquanto que para a versão modificada, a média do tempo de escuta foi de 6.34 s. Essa diferença de

preferência pela versão normal (não modificada) em oposição à modificada foi estatisticamente significativa ($t(23) = 3.24, p < .005$). Nesse sentido, esse resultado sugere que bebês, aos 10,5 meses, são sensíveis aos itens funcionais da língua inglesa, preferindo a versão em que esses itens foram preservados.

Em outro experimento, Shady (1996 *apud* NAME, 2002) alterou 45% de elementos lexicais por pseudoitens lexicais de uma história e preservou os elementos funcionais. O intuito da autora, nesse experimento, era verificar se crianças aos 10,15 meses eram sensíveis aos itens funcionais ou se apenas reagiam a itens desconhecidos. Não houve diferença significativa entre a condição normal e a modificada ($t(23) = -0.02; p = 0.98$), com tempo de escuta de 7.82 s e 7.84 s, respectivamente. Esses resultados sugerem que crianças aos 10,15 meses são sensíveis aos itens funcionais da língua e não rejeitam pseudoitens lexicais.

De modo a averiguar se as crianças eram sensíveis à posição estrutural desses elementos na sentença, Shady (1996 *apud* NAME) apresentou uma história em sua versão normal (sem alterações) e uma modificada, em que a posição dos itens funcionais foi alterada. Os estímulos consistiam em sentenças originais da história na sua versão normal, como: “**This** man **hás** bought two cakes”; e na versão modificada, por exemplo: “**Has** man **this** bought two cakes”. Os resultados apontam que as crianças de 10,15 meses não apresentam diferença significativa entre a versão normal e a modificada, apresentando tempos de escuta de 8.17 s *vs.* 7.36 s, respectivamente; $t(23) = 1.45, p = 0.16$. A autora aplicou esse experimento com crianças aos 13 meses e as médias de escuta foram similares às das crianças de 10,15 meses de idade com 8.25 s na versão normal *vs.* 7.92 s na versão modificada ($t(23) = 0.67, p = 0.5$). No entanto, crianças maiores, aos 16 meses, apresentaram diferença estatisticamente significativa ($t(23) = 3.93, p < 0.005$) entre a versão normal e a modificada, respectivamente 8.07 s *vs.* 6.31 s.

No que concerne à aquisição do traço formal de gênero para crianças com desenvolvimento típico, destaca-se que esta tarefa não aparenta ser um desafio no percurso de aquisição linguística. No entanto, de acordo com Name (2002), a princípio, essa aquisição pode parecer complexa, pois é necessário à criança:

- perceber que distinções de gênero são morfologicamente expressas na sua língua;
- identificar os valores passíveis de serem atribuídos ao traço de gênero;
- dar um dado valor ao traço de gênero de nomes com traço

intrínseco e identificar os morfemas que apresentam seu valor opcional;

- estabelecer concordância de gênero de acordo com o sistema de sua língua (NAME, 2002, p. 18).

Considerando-se que a presente pesquisa foca na aquisição de gênero e levando em conta tanto a informação relativa à vogal final dos nomes quanto a informação decorrente da relação entre nomes e adjetivos no domínio do NP, uma questão que se coloca é se e quando a criança é sensível aos afixos marcadores de adjetivo no PB. Nesse viés, Teixeira (2009) investigou se crianças de 18 a 22 meses de idade são sensíveis à informação de natureza morfológica manifesta em afixos derivacionais em quatro condições experimentais que consistiam nas sentenças predicativas, como: “Este é um dabo miposo”; “Este é um miposo dabo”; “Este é um dabo mipe” ou “Este é um mipe dabo” (TEIXEIRA, 2009, p. 81). A hipótese da autora era de que a criança é sensível à informação manifesta nos afixos derivacionais, relevantes na diferenciação de categorias lexicais.

Participaram do experimento 16 crianças, entre 18 e 22 meses de idade, a partir do paradigma experimental de seleção de objetos. Nesta tarefa, a pesquisadora apresentava objetos manufaturados às crianças e pseudoadjetivos que designavam propriedades físicas desses objetos. Na etapa de familiarização, a pesquisadora apresentava um dos objetos manufaturados e falava: “Este é um dabo miposo. Este aqui também é um dabo miposo. Este outro é um dabo miposo também”. Em seguida, a pesquisadora dizia: “Este não é um dabo miposo. Este aqui também não é um dabo miposo. Este outro aqui não é miposo”. Por fim, dizia-se à criança: “Pega o miposo pra mim”. Esperava-se, então, que a criança entregasse à pesquisadora o objeto manufaturado apresentado anteriormente como “miposo”.

Em relação à presença/ausência dos afixos, os resultados obtidos por Teixeira (2009) indicam efeito principal na condição em que havia a presença do afixo derivacional ($F(1,15)=10.38, p<.01$). A relevância dessa pesquisa para esta dissertação recai no fato de que na presença de afixos derivacionais, as crianças parecem privilegiar informações de natureza morfossintática para estabelecer a correspondência entre a pseudo-palavra com o sufixo derivacional do pseudoadjetivo que caracteriza um dos objetos manufaturados feitos para esse experimento.

Nesta seção foram apresentados estudos acerca da sensibilidade precoce de bebês aos itens funcionais (SHADY, 1996; SHI et al., 1999) em línguas estrangeiras. Foi discutido, também, o papel desses elementos nas etapas iniciais da aquisição

linguística. No que concerne o PB, a pesquisa de Teixeira (2009) indica que crianças da faixa etária entre 18 e 22 meses são capazes de identificar afixos derivacionais que delimitam adjetivos.

3.2 A IDENTIFICAÇÃO DE GÊNERO NOS NOMES

Nesta seção, serão apresentados trabalhos que investigaram se crianças, em diferentes línguas e faixas etárias, são capazes de mapear e identificar o valor do gênero gramatical em elementos que o expressam morfofonologicamente e, ainda, se são capazes de atribuir esse valor a novos nomes.

Os primeiros estudos que compõem esta revisão bibliográfica focalizam a identificação de um nome conhecido, a partir da informação de gênero manifesta no determinante e/ou no adjetivo (CORRÊA; NAME, 2003; LEW-WILLIAMS; FERNALD, 2007; VAN HEUGTEN; SHI, 2009; VAN HEUGTEN; CHRISTOPHE, 2015; SMOLIK; BLÁHOVÁ, 2018), por crianças de idades entre 18 e 42 meses, adquirindo francês, espanhol ou tcheco (subseção 3.2.1). Em seguida (subseção 3.2.2), serão apresentados estudos relativos à atribuição de gênero a novos nomes (pseudonomes) a partir de pistas morfofonológicas de gênero presentes em determinantes e/ou em adjetivos por crianças adquirindo o português brasileiro e o espanhol, na faixa etária de 30 meses a 5 anos (CORRÊA; NAME, 2003; ARIAS-TREJO; ALVA, 2013).

Esses estudos apontam para uma variação nos elementos usados pelas crianças para a identificação do gênero gramatical, e trazem evidências a respeito da identificação e do processamento da relação morfossintática da concordância no âmbito do DP, a partir de nomes conhecidos ou inventados. Observa-se que crianças antes dos 3 anos de vida já parecem ser capazes de manipular informações de gênero pela relação de concordância expressa em itens da categoria D ou no adjetivo.

Destaque-se que não foram encontrados, durante o levantamento bibliográfico para o presente trabalho, estudos que verificassem se, na ausência de itens da categoria D, as crianças utilizam outra fonte para identificar o valor do gênero gramatical e estabelecer a concordância de gênero. Assim, a justificativa para a realização desta pesquisa recai na hipótese de que, no PB, os itens ADJ também podem servir como pista às crianças para a identificação do gênero.

3.2.1 Estudos sobre o reconhecimento de nomes conhecidos a partir de informação de gênero manifesta em elementos funcionais

A fim de investigarem a sensibilidade de crianças à informação morfossintática de gênero manifesta na relação de concordância entre determinante e nome, Van Heugten e Christophe (2015) analisaram crianças aos 18 meses, adquirindo o francês. Para essa investigação, foram elaboradas duas condições experimentais: (i) condição gramatical, em que havia pareamento na informação de gênero entre os itens do DP; e (ii) condição agramatical, em que havia um *mismatch* de gênero entre o artigo e o nome. Os exemplos das condições eram:

(i) Condição gramatical:

- gênero masculino: le[m] doudou[m] (o cobertor)
- gênero feminino: la[f] poussette[f] (o carrinho)

(ii) Condição agramatical:

- la[f] doudou[m] (a cobertor*)
- le[m] poussette[f]* (o carrinho)

Foram selecionados 12 nomes familiares, pertencentes ao vocabulário de crianças nessa idade, sendo seis monossílabos e seis dissílabos, metade do gênero feminino (bouche - boca; couche - fralda; main - mão; cuillère - colher; compote - geleia; poussette - carrinho) e metade do gênero masculino (chat - gato; chien - cachorro; pain - pão; bébé - baby; biberon - mamadeira; doudou - cobertor). Esses nomes constituíram oito listas, sendo quatro com os DPs congruentes em gênero e quatro com os DPs incongruentes.

A previsão das autoras era a de que as crianças demonstrariam uma preferência pela condição gramatical, i.e., a condição em que havia congruência na concordância de gênero entre artigo e nome. Participaram desse experimento 24 crianças, aos 18 meses de idade (idade média: 18 meses e 7 dias), adquirindo o francês. A partir da técnica da Fixação Visual (*Visual Fixation*) (NAME; CORRÊA, 2018; NAME, 2019), as crianças escutavam essas listas na fase teste e o pesquisador, em outra cabine experimental, monitorava o tempo de escuta da criança aos estímulos sonoros. Não houve fase de familiarização.

Os resultados sugerem que crianças, aos 18 meses de idade, adquirindo o francês, são sensíveis à relação de concordância entre determinantes e nomes conhecidos, dado que foi encontrada uma diferença significativa ($p=0.011$) no tempo de escuta entre as condições, sendo que as crianças escutaram por mais tempo as condições gramaticais que as agramaticais (21.76 s vs. 17.59 s, respectivamente). Esses resultados indicam que crianças, aos 18 meses, foram sensíveis às alterações morfofonológicas de gênero manifestas nos artigos, rejeitando a condição incongruente, em que a relação de concordância era violada.

Esse estudo é importante para esta dissertação, tendo em vista que seus resultados apontam que crianças, aos 18 meses de idade, reconhecem essa relação de concordância de gênero entre artigo e nome, manifesta pelo artigo marcado congruentemente com o gênero do nome. A partir dos resultados obtidos por Van Heugten e Christophe (2015), uma interpretação possível para esses resultados é a de que a informação referente ao gênero gramatical do nome já está disponível no léxico mental da criança e é usada no processamento morfossintático da concordância entre determinante e nome.

Neste momento, faz-se necessário destacar que, embora a presente pesquisa não vise a investigar o reconhecimento da relação de concordância de gênero entre os elementos que compõem o DP, esses resultados são relevantes para a discussão aqui proposta, pois indicam que crianças aos 18 meses de idade (i) já fixaram o valor de gênero de nomes familiares em seu léxico mental, e (ii) reconhecem uma codependência morfossintática manifesta no artigo que precede o nome. No PB, ainda que elementos da categoria D sirvam como pistas às crianças para a identificação do gênero gramatical dos nomes, outras pistas também podem ser utilizadas para o mesmo propósito, como a marca de gênero no adjetivo decorrente da concordância entre N e ADJ no NP, em que não há a presença de um item da categoria D.

Ainda no que diz respeito a evidências de sensibilidade à informação de gênero, Van Heugten e Shi (2009) indicaram que crianças, aos 25 meses de idade, adquirindo o francês canadense, usam a informação da marcação de gênero em itens da categoria D para identificar um nome subsequente conhecido. Em uma tarefa de fixação preferencial do olhar (*Split-screen preferential looking*) (NAME; CORRÊA, 2018), 24 crianças foram expostas a duas imagens na tela de um monitor e escutavam uma sentença composta por um artigo e um nome.

Para essa tarefa, foram selecionadas quatro palavras-alvo. Todas possuíam a

sílaba inicial [ba], sendo duas palavras masculinas (*ballon* - balão; *bateau* - barco) e duas femininas (*banane* - banana; *balançoire* - balanço). Os artigos definidos que precediam os nomes eram os artigos definidos masculino *le* e feminino *la*. Os estímulos visuais consistiam em imagens coloridas que remetiam às palavras-alvo. Assim, três condições experimentais foram criadas:

i) Condição gramatical de gênero diferente (informativa): nessa condição, o estímulo sonoro apresentado à criança era uma sentença como: "*Regarde, le[m] ballon[m]*" (Olhe, o balão) ou "*Regarde, la[f] banane[f]*" (Olhe, a banana) e as imagens dispostas simultaneamente às crianças remetiam a nomes de gêneros distintos.

ii) Condição gramatical não-informativa: nessa condição, o estímulo sonoro era uma sentença como: "*Regarde, le[m] ballon[m]*" (Olhe, o balão) ou "*Regarde, le[m] bateau[m]*" (Olhe, o barco) e as imagens dispostas remetiam a nomes com o mesmo gênero gramatical, de modo que o determinante marcado em gênero não era suficiente para a escolha de uma imagem em detrimento da outra.

iii) Condição agramatical: nesse caso a concordância morfossintática de gênero era violada. Assim, o estímulo sonoro era uma sentença como: "*Regarde, la[f] ballon[m]*" (Olhe, a balão*) ou "*Regarde, le[m] banane[f]*" (Olhe, o banana*) e as imagens que remetiam os nomes foram dispostas, simultaneamente, às crianças.

A previsão de Van Heugten e Shi (2009) era a de que se a marca de gênero no determinante facilitasse o reconhecimento do referente (imagem) de um nome, as crianças deveriam reconhecer as palavras alvo de maneira mais eficiente (i.e., apresentar uma proporção maior para o tempo de olhar para o alvo) na condição gramatical informativa, i.e., em que os determinantes pertenciam a gêneros diferentes. Na condição agramatical, esperava-se que a agramaticalidade dificultasse o reconhecimento da imagem-alvo (i.e., as crianças deveriam ter uma proporção menor para o tempo de olhar para o alvo).

Como variável dependente, foi considerada a proporção de fixação do olhar (do inglês *proportion of looking time* – *LT*) para o alvo. A proporção de fixação do olhar para o alvo foi calculada em uma janela de 1,5 segundo antes (1000–2500 ms

desde o início do *trial*) e depois (500–2000 ms desde o *onset* do artigo) do *onset* do artigo.

Na primeira janela de dados analisados, as autoras verificaram se as crianças reconheciam as imagens-alvo, com base na pista de gênero manifesta pelo determinante. É importante destacar que nesta primeira análise de dados, chamada pelas autoras como pequena janela 1 (*small window 1*), a criança estava processando só a informação do determinante e as autoras avaliaram se a criança antecipava o nome/imagem apenas com base na informação de gênero manifesta no determinante. Em média, a proporção de fixação do olhar para o alvo foi de 0,44 s antes e 0,59 s, após o início do alvo, sendo essa diferença estatisticamente significativa $t(23) = -5.561$; $p < .001$. Além disso, uma análise de variância ANOVA unidirecional mostrou que não houve diferença entre as três condições, antes do início do artigo ($F(2, 22) < 1$). As autoras também verificaram se a proporção de LT para o alvo após o início do artigo diferia entre as condições. Uma ANOVA bidirecional, com tipo de instrução (gramatical informativa, gramatical não informativa e agramatical) e gênero (masculino, feminino) como variáveis, indicou apenas efeito principal do tipo de instrução $F(1, 23) = 3,720$; $p = 0.041$. A proporção média de LT para o alvo foi 0,66 s na condição informativa; 0,61 s na condição não informativa; e 0,54 s na condição agramatical. Como esperado pelas autoras, as análises comparadas apontaram uma diferença significativa entre a condição informativa e a agramatical $t(23) = 2,716$; $p = 0.012$ e entre a condição não informativa e a gramatical $t(23) = -2,287$; $p = 0.032$. Vale destacar que não houve nenhuma interação $F(2, 22) = 1,524$; $p = 0.241$ entre tipo de instrução e gênero, sugerindo que ser masculino ou feminino não influenciou o resultado, ou seja, que as crianças reagiram de forma semelhante à informação sobre o valor do gênero. Nesse sentido, a reação distinta observada pode ter sido decorrente da informatividade ou não dessa informação para a identificação da imagem.

Em seguida, foi conduzida uma análise de variância unidirecional ANOVA com três diferentes níveis (informativo, não informativo, agramatical) que revelou diferença significativa entre eles ($F(2,22) = 3,717$; $p = 0.041$). A condição não informativa e a agramatical diferiram significativamente da condição informativa ($t(23) = 2.615$; $p = .015$; $t(23) = 2.156$; $p = .042$, respectivamente), com maior valor para a condição informativa em relação às outras duas condições. Esses resultados – efeito principal de *tipo de instrução* e ausência de interação entre as variáveis – sugerem que o fator gênero informativo afetou o reconhecimento da imagem/nome, com maior

tempo de fixação da imagem nessa condição. Em contrapartida, o fator gênero não parece ter afetado esse reconhecimento, pois não houve diferença significativa de comportamento da criança se o alvo era nome de gênero masculino ou feminino.

Na segunda janela de dados analisados, chamada pelas autoras de *small window 2*, a criança já havia escutado o determinante e o nome. Portanto, as crianças estavam processando a informação de gênero manifesta tanto no determinante quanto no nome, e processando a concordância entre eles. A proporção média de LT para o alvo foi de 0,64 s para a condição informativa; 0,64 s para a condição não informativa; e 0,49 s para a agramatical. Novamente, uma *one-way* ANOVA apontou uma diferença significativa entre essas condições $F(2, 22)=5.211$; $p=.014$. A proporção de LT para as imagens-alvo foi maior na condição gramatical informativa e não informativa, em comparação com a agramatical ($t(23)=2.631$; $p=.015$; $t(23)=-2.765$; $p=.011$, respectivamente). Por outro lado, não foram obtidos valores de significância entre as condições gramaticais $t(23)=.072$; $p=.943$.

Destaca-se que, neste momento do teste, a criança já tinha ouvido o determinante e o nome e continuava “confusa” com o *mismatch* entre eles na condição agramatical. Esses resultados sugerem que a criança reconhece essa dependência morfofonológica de gênero gramatical manifesta entre o determinante e o nome, sobretudo, na condição em que essa dependência era violada.

Assim, os resultados de Van Heugten e Shi (2009) sugerem que crianças, aos 25 meses de idade, guiam-se pela informação de gênero presente no determinante para prever o nome subsequente, identificando a imagem a ele relacionada. Essa interpretação justifica-se em virtude do comportamento diferenciado das crianças em função da condição, i.e., as crianças apresentaram um maior tempo de fixação do olhar na condição informativa, em que o gênero manifesto no determinante já era suficiente para que a criança identificasse a imagem referente ao nome.

A relevância desse estudo para a presente pesquisa recai na evidência de que crianças, ao fim de seu segundo ano de vida, são capazes de processar informações de natureza morfosintática da relação de concordância de gênero entre determinante e nome. Nesta direção, levanta-se uma questão: em que medida essa capacidade permitiria também o processamento da concordância de gênero entre nomes e adjetivos, como ocorre em português e em outras línguas?

Semelhante ao estudo conduzido por Van Heugten e Shi (2009), em que a técnica de fixação preferencial do olhar também foi utilizada, Smolik e Bláhová

(2018) investigaram se crianças aos 24 meses de idade, adquirindo o tcheco, identificavam a imagem referente a nomes conhecidos. No entanto, é importante destacar que o estudo conduzido por Smolik e Bláhová (2018) se baseou em dados de concordância de gênero manifesta em demonstrativos e em adjetivos que antecediam os nomes. Neste experimento, 33 crianças foram apresentadas, simultaneamente, a duas imagens de nomes conhecidos, enquanto ouviam o estímulo sonoro.

Os estímulos sonoros eram compostos por sentenças formadas por um demonstrativo (“*Takovy*’[m]” ou *Taková*tz[f]”), um adjetivo (*hezky*’[m] ou *hezká*[f]) e um nome (*banán*[m] ou *kniha*[f]), sendo que tanto o demonstrativo quanto o adjetivo, no tcheco, manifestam a flexão de gênero. Foram elaboradas duas condições experimentais:

(i) Condição gramatical – em que a relação de concordância de gênero era respeitada entre o demonstrativo, o nome e o adjetivo:

No tcheco²¹: “*Takovy* [m] *hezky* [m] *banán*[m]”.

Este (Dem. Masc.) legal (Adj. Masc) banana (Nome Masc).

No PB: Esta banana legal.

(ii) Condição agramatical – em que a relação de concordância de gênero era violada entre o demonstrativo, o nome e o adjetivo:

No tcheco: “*Taková*[f] *hezká*[f] **banán*[m]”.

Esta (Dem. Fem.) legal (Adj. Fem.) banana (Nome Masc).

No PB: *Esta banana legal.

Os autores compararam a proporção de direcionamento do olhar para a imagem-alvo entre as condições, e observaram que as crianças fixaram o olhar por mais tempo na imagem-alvo, após o início do nome correspondente, na condição congruente. Esses resultados sugerem que crianças, aos 24 meses adquirindo o tcheco, reconhecem a imagem-alvo mais rapidamente na condição em que há pareamento de gênero entre pronome, adjetivo e nome, ou seja, na condição em que a concordância

²¹ No referido trabalho, a tradução, em inglês, para as sentenças checas é: “*such a nice banana*” e “*such a nice book*”. Segundo os autores: “*Takovy*” corresponde ao demonstrativo em tcheco, no inglês: “*such a*”. As traduções dessas sentenças (do inglês para o PB) foram feitas pela autora desta pesquisa. Há um erro no artigo de Smolik e Bláhová (2018), a tradução dos autores de “*hezky*” para o inglês é “*nice*”, no entanto, na Tabela 2, na página 257, a tradução para o inglês corresponde a “*neat*”.

não foi violada.

O estudo de Smolik e Bláhová (2018) é relevante para esta pesquisa, posto que traz evidências de que crianças, aos 24 meses de idade, foram capazes de identificar o gênero presente no adjetivo anteposto ao nome. Além disso, as crianças foram capazes de extrair a informação concernente ao gênero gramatical dos demonstrativos e dos adjetivos, tendo em vista que a língua tcheca apresenta marcação morfossintática para gênero no determinante e no adjetivo. Em alguma medida, se houve um efeito antecipatório, na condição congruente, para a identificação do nome, a partir da pista de gênero manifesta no demonstrativo e no adjetivo, os referidos autores acreditam que tenha sido decorrente de uma possível capacidade das crianças de identificar essa informação de gênero nesses elementos e relacioná-la ao nome a partir da relação de concordância.

Embora o fato de que esse experimento aponte que as crianças foram capazes de reconhecer uma imagem referente a um nome com determinado valor de gênero seja muito pertinente ao tema investigado na presente dissertação, destaca-se que havia duas fontes de informação do gênero – uma no determinante e uma também no adjetivo – antes de ouvir o nome. No entanto, a limitação do estudo dos referidos autores, em relação à presente pesquisa, é a de que as sentenças apresentadas às crianças continham, além dos adjetivos marcando o gênero, os demonstrativos que também expressavam o gênero gramatical. Assim, não há como avaliar se as crianças usaram a informação de gênero manifesta apenas no demonstrativo, ou só no adjetivo ou, ainda, a informação de gênero manifesta nesses dois elementos (demonstrativo e adjetivo) para reconhecer a imagem apresentada.

O estudo conduzido por Lew-Williams e Fernald (2007), por sua vez, investigou a identificação do gênero gramatical em nomes conhecidos a partir da relação de concordância com o artigo, por crianças entre 34 e 42 meses de idade e adultos, falantes de espanhol. Utilizando a técnica do *looking while listening*, Lew-Williams e Fernald (2007) verificaram se as crianças usavam a informação da marcação de gênero em artigos para identificar um nome conhecido que estava subsequente ao artigo. Além disso, os autores investigaram possíveis efeitos antecipatórios na identificação do nome, a partir do gênero manifesto no artigo.

Em uma etapa chamada de pré-teste, anterior à familiarização, os pesquisadores mostravam às crianças um livro de figuras, apresentando os nomes dos objetos representados nas imagens-alvo. Isso foi feito porque, segundo os autores,

algumas imagens poderiam ser nomeadas de maneiras diferentes²². Na etapa de familiarização, cada objeto foi identificado usando apenas o artigo indefinido (*una* ou *un*) e nunca o artigo definido, que compunha a fase teste.

Foram elaborados 32 *trials* com sentenças compostas por um artigo definido (*la* e *el*, feminino e masculino, respectivamente) e oito nomes, conhecidos pelas crianças, e mais oito sentenças distratoras. Metade dos nomes-alvo pertencia ao gênero masculino (*zapato*; *carro*; *pájaro*; *caballo*), enquanto a outra metade pertencia ao gênero feminino (*pelota*; *galleta*; *vaca*; *rana*). Os estímulos visuais eram imagens coloridas que representavam as palavras-alvo.

Participaram deste experimento 26 crianças, com idades entre 34 e 42 meses (idade média = 37,7 meses), adquirindo o espanhol. Também foram recrutados 26 adultos, com idades entre 21 e 42 anos (idade média = 28,0 anos), como grupo controle. Durante a tarefa, os participantes eram expostos, simultaneamente, a pares de imagens que poderiam ser apresentadas em duas condições experimentais:

i) Condição gramatical de gênero igual: nesta condição, o estímulo sonoro apresentado à criança era uma sentença como: "*Encuentra la[f] pelota[f]. ¿La[f] ves?*" (Encontre a bola. Você a vê?) ou "*Encuentra la[f] galleta[f]. ¿Te gusta?*" (Encontre a bolacha. Você gosta?) e as imagens dispostas, simultaneamente, às crianças remetiam a nomes com o mesmo gênero.

ii) Condição gramatical de gênero diferente: nesta condição, o estímulo sonoro era uma sentença como: "*Encuentra la[f] pelota[f]*" (encontre a bola) ou "*Encuentra el[m] zapato[m]*" (encontre o sapato), e as imagens que estavam dispostas em pares remetiam a nomes pertencentes a gêneros gramaticais distintos.

É importante destacar que nos *trials* em que as imagens remetiam a nomes de mesmo gênero (condição (i)), a criança só iria direcionar o olhar para a imagem-alvo após a nomeação do nome, dado que o artigo não era informativo para que a criança identificasse a imagem-alvo. Em contrapartida, nos *trials* de gênero diferente (condição (ii)), seria possível à criança, a partir da marca de gênero no artigo, identificar a imagem-alvo referente ao nome.

²² Um exemplo dado pelos autores é que sapo, em espanhol, pode ser chamado de *rana* ou *sapo*.

A previsão de Lew-Williams e Fernald (2007) era a de que, se a marca de gênero no determinante facilitasse o reconhecimento do referente (imagem) de um nome, as crianças deveriam reconhecer as imagens-alvo de maneira mais eficiente (i.e., apresentar uma proporção maior para o tempo de olhar para o alvo) na condição em que os artigos pertenciam a gêneros diferentes. A variável dependente foi a proporção de fixação do LT para o alvo. Cabe salientar que o LT em cada *trial* considerou a latência da primeira movimentação do olhar para a imagem correta, em uma janela de tempo de 300 a 1.300 ms, desde o *onset* do artigo.

A média do LT foi calculada para cada sujeito e para cada tipo de condição. Destaca-se que os *trials* foram avaliados em um sistema *frame-a-frame* (a cada 33 ms) para determinar a direção de fixação do olhar das crianças e dos adultos. Uma análise de variância mista, *design* 2 (idade: crianças vs. adultos) \times 2 (gênero: igual vs. diferente) indicou efeito principal de idade e de gênero. As crianças demoraram um pouco mais para direcionar o olhar para o alvo (média = 887 ms), comparadas aos adultos (média = 653 ms), $F(1,48)=51,8$, $p_{rep}=0.999$, $\eta_p^2=.50$) mas as respostas foram mais rápidas na condição em que o gênero era diferente (média de 724 ms) do que na condição do mesmo gênero em ambos os grupos (média de 806 ms), $F(1, 48)=21,3$, $p_{rep} = .998$, $\eta_p^2=.31$).

Não houve efeito de interação entre os fatores, isso indica que o efeito principal de gênero foi semelhante em crianças e adultos. Esses resultados apontam que as crianças se basearam nas pistas de gênero dos artigos para identificar os nomes mais rapidamente.

Em conjunto, os resultados de Lew-Williams e Fernald (2007) sugerem que crianças, entre 34 e 42 meses de idade, adquirindo o espanhol, são capazes de identificar o nome conhecido, a partir da relação de concordância com o artigo. Esses resultados são relevantes para a presente pesquisa, pois indicam que as crianças, nessa faixa de idade, são capazes de identificar a relação morfossintática de concordância entre os elementos que manifestam essa dependência, visto que parecem se guiar apenas pela informação de gênero manifesta nos artigos para reconhecer o nome-alvo. Embora a presente pesquisa não se dedique a investigar a relação de concordância no domínio do DP, é importante destacar a capacidade que as crianças demonstram de reconhecer itens, a partir da dependência morfossintática entre eles.

No que tange ao PB, Corrêa e Name (2003) investigaram se crianças, com idade em torno de 2 anos, têm conhecimento acerca dos itens pertencentes à categoria

D, e se são capazes de extrair informação gramaticalmente relevante para o processamento da concordância de gênero a partir desses elementos. Mais especificamente, buscaram verificar se a incongruência de gênero, provocada por alterações morfológicas em itens da categoria D, afetaria a identificação de nomes-imagens conhecidos, durante o processamento de frases, por crianças entre 21 e 28 meses de idade, adquirindo o PB.

A técnica utilizada baseou-se em uma tarefa de seleção de imagens com voz sintetizada. Na fase de pré-teste, as crianças eram apresentadas ao “Dedé”, um fantoche de pano que sabia “falar”. Após ouvirem as saudações do Dedé (emitidas por um gravador), as crianças eram convidadas a brincar com ele e a ver o livro de imagens trazido pelo fantoche. Se a criança demonstrasse interesse, então a fase de teste se iniciava e os estímulos linguísticos gravados eram reproduzidos pelo Dedé. A tarefa da criança consistia em apresentar ao fantoche a imagem-alvo que correspondia ao estímulo sonoro que havia escutado.

Para a tarefa, foram elaboradas quatro condições experimentais que estão descritas e exemplificadas abaixo:

(i) Determinante congruente com o gênero de N (CONG):

Ex.: Mostre o/esse/aquele carro pro Dedé.

Mostre a/essa/aquela bola

(ii) Determinante incongruente com o gênero de N (INC):

Ex.: Mostre a/essa/aquela carro pro Dedé.

Mostre o/esse/aquele bola

(iii) Item funcional de categoria diferente de DET – no caso, um complementizador (COMP):

Ex.: Mostre se/que carro pro Dedé.

Mostre se/que bola

(iv) Pseudo-item funcional (PS):

Ex.: Mostre gur/biu carro pro Dedé.

Mostre gur/biu bola

Participaram deste experimento 32 crianças, entre 21 e 28 meses de idade (idade média: 23,2 meses), falantes nativas do PB. A variável dependente era a taxa de respostas corretas em cada condição, que foi calculada proporcionalmente ao total de respostas válidas produzidas em cada condição. Uma resposta válida, por sua vez, correspondia ao apontamento de qualquer uma das 4 imagens - a imagem-alvo e 3 distratoras - apresentadas em cada uma das 22 páginas do livro.

Em seguida, os dados válidos foram submetidos a uma análise de variância ANOVA unidirecional, na qual o elemento alocado na posição de determinante foi tomado como uma medida repetida. Essa análise apontou um efeito desse fator $F(3,39)=3.98$, $p=0.01$. As autoras reportam que a análise pareada das condições CONG e INCONG, bem como entre as condições INCONG e PS foram estatisticamente significativas $t=3,28$, $p<0.01$ e $t=2,22$, $p=0.04$, respectivamente. É importante destacar que o efeito obtido no número de respostas corretas, segundo as autoras, é compatível com a ideia de que crianças são sensíveis à informação gramatical transmitida pelo determinante. Esses resultados são favoráveis à hipótese das autoras de que as crianças aos dois anos de idade são capazes não só de perceber alterações fonológicas e sintáticas em determinantes, como também de detectar alterações morfofonológicas referentes a gênero. Nesse sentido, os resultados de Corrêa e Name (2003) são relevantes para a presente pesquisa por indicarem que crianças, entre 21 e 28 meses de vida, reconhecem relações de dependência morfosintática entre itens que estabelecem concordância de gênero no DP no PB.

3.2.2 Atribuição de (valor de) gênero a novos nomes

No que tange à atribuição de gênero a novos nomes, Arias-Trejo e Alva (2013) conduziram um experimento para avaliar se crianças, aos 30 meses de idade, adquirindo o espanhol, são capazes de reconhecer novos nomes a partir da informação morfofonológica de gênero manifesta em adjetivos.

Concluíram a tarefa experimental 33 crianças mexicanas adquirindo o espanhol. O experimento, que também utilizou a técnica da Fixação Preferencial do Olhar, tinha 16 *trials*, os quais foram divididos em dois blocos. O bloco 1 continha 10 *trials*, enquanto o Bloco 2 continha somente 6 *trials*. Cada bloco era composto de duas partes, a saber, um treinamento e um teste. Para o experimento, foram criados dois pseudonimos, um feminino – “*betusa*” – e um masculino – “*pileco*” –, os quais foram

associados a duas imagens de objetos inventados – um hidrante e um diabolô, respectivamente. Essas imagens não eram familiares às crianças nessa faixa etária. Durante o treinamento, metade dos participantes foi treinada a associar o hidrante a adjetivos masculinos. Em contrapartida, a outra metade recebeu treinamento diverso, ou seja, foi treinada a associar o diabolô a adjetivos femininos. Nessa etapa as crianças ouviam apenas adjetivos conhecidos, marcados em gênero, associados às imagens, como “*Mira! És chiquito!*” ou “*Mira! És bonita!*”. Não havia nomeação dos objetos/imagens pelos pseudonimos.

Na fase de teste, as crianças eram expostas à imagem de um hidrante (denominado de “*betusa*”) e de um diabolô (denominado de “*pileco*”), e escutavam um dos dois seguintes estímulos: “*Mira! Una betusa!*” (Veja, uma betusa) ou “*Mira, un pileco!*” (Veja, um pileco).

Para efeitos de análise dos dados, a fase de teste foi dividida em fase de pré-nomeação que começou a ser contada no início de “*Mira*”, na marca de 0 s, e terminava aos 2.500 ms. Após a nomeação desses estímulos, as imagens ainda ficavam dispostas às crianças por 2.500 ms. Essa fase só com as imagens era chamada de pós-nomeação.

Segundo Arias-Trejo e Alva (2013), a fase de pós-nomeação era uma etapa para verificar se as crianças eram capazes de associar os novos nomes “*betusa*” e “*pileco*” aos respectivos objetos. Se a criança extraísse a informação morfofonológica manifesta na vogal final dos adjetivos aos quais elas foram familiarizadas durante o treinamento, ela seria capaz de inferir qual dos nomes, ou seja, “*pileco*” ou “*betusa*”, seria associado a cada objeto. Por exemplo, o objeto previamente descrito por adjetivos no masculino, como *chiquito*, *bonito*, deveria ser ligado à nova palavra “*pileco*”, ao passo que o objeto descrito com adjetivos no feminino, como *chiquita*, *bonita*, deveria ser associado à nova palavra “*betusa*”.

Os dados de direcionamento e de fixação do olhar de cada criança, obtidos na fase de teste, foram submetidos a um software que os analisa *frame-a-frame*, a cada 33 ms, para determinar não só a direção como também a duração de cada fixação do olhar das crianças. As análises preliminares não indicaram efeito principal de gênero gramatical (masculino ou feminino) dos nomes novos. Em virtude desse resultado, essa variável foi omitida na análise posterior.

Em seguida, uma análise da variância (ANOVA) com *design* fatorial 2 (nomeação, i.e., pré-nomeação vs. pós-nomeação) x 2 (bloco 1 vs. bloco 2) foi

conduzida, indicando uma interação significativa entre nomeação e bloco ($F(1,32)=4.19$, $p=.04$). Comparações dessa interação apontaram que as crianças não responderam sistematicamente aos estímulos (visuais e sonoros) no bloco 1 ($F(1,32)=0.01$, $p=.98$). Em contrapartida, no bloco 2 elas demonstraram um aumento na preferência pelo alvo ($F(1,32)=5.95$, $p=.02$), ou seja, com médias maiores na fase de pós-nomeação ($M=0.5847$), em comparação às médias obtidas na fase de pré-nomeação ($M=0,4780$).

Nesse sentido, os resultados de Arias-Trejo e Alva (2013) sugerem que crianças, aos 30 meses de idade, foram capazes de associar as imagens aos respectivos pseudônimos “*betusa*” e “*pileco*” a partir da pista morfofonológica de gênero presente nos adjetivos apresentados durante o treinamento sustentando, assim, a hipótese de que as crianças se baseiam em pistas morfofonológicas para inferir um novo referente. Segundo as pesquisadoras, as crianças foram capazes de associar novas palavras às imagens-alvo ao se guiarem pela pista morfofonológica de gênero – vogal final o/a – presente nos adjetivos apresentados durante o treinamento e nos artigos na fase teste para atribuir um dado valor de gênero ao nome desconhecido.

Entretanto, a interpretação dos resultados de Arias-Trejo e Alva (2013) a respeito da capacidade das crianças em formar novas associações palavras-objetos, após extraírem as formas morfofonológicas de gênero da vogal final dos adjetivos e artigos apresentados, é passível de questionamento. Isso porque, ainda que as autoras defendam que as crianças pareçam se beneficiar, de alguma forma, das regularidades do sistema de gênero, como no contraste a/o, no espanhol, esse comportamento das crianças pode ser reflexo da correlação fonológica expressa entre a vogal final do adjetivo e a do pseudônimo.

Por essas razões, uma interpretação alternativa para os resultados de Arias-Trejo e Alva (2013) é a de que as crianças realizaram um pareamento entre a vogal final do pseudônimo e a do adjetivo, sem que elas tenham identificado e processado a informação da concordância de gênero entre o adjetivo e o nome, isto é, as crianças podem ter se baseado apenas em critérios de semelhança fonológica entre a terminação do artigo, do adjetivo e a marcação de gênero no nome.

No PB, Corrêa e Name (2003) investigaram qual informação de gênero – a manifesta no determinante, decorrente da concordância D-N, ou a informação da vogal final de N – seria usada pela criança para atribuir gênero a pseudônimos. A fim de atingir esse objetivo, as referidas autoras eliciaram a produção de expressões

referenciais que exigiam concordância de gênero com pseudônimos por crianças entre 31 e 54 meses de idade, adquirindo o PB.

De acordo com Corrêa e Name (2003), o uso de um DP envolveria a concordância de gênero, em respostas como: “uma depa; essa aqui”. Nesse sentido, a variável dependente considerada neste experimento foi o número de respostas corretas, ou seja, respostas em que o gênero do nome introduzido recentemente fosse mantido, como por exemplo em “A[f] depa[f] vermelha[f]”.

Foram desenvolvidas para este experimento três condições experimentais, em função da variável independente *correlação fonologia-gênero*, isto é, a correlação entre o padrão da terminação fonológica do pseudônimo e a informação morfofonológica sobre o gênero fornecida pelo determinante. Também foram consideradas *idade* e *gênero* como fatores grupais. Sendo assim, as condições experimentais foram:

(i) Correlação positiva: em que a vogal final do pseudônimo era a mesma que a do determinante: -o para masculino (o dabo) e -a para pseudônimo feminino (a bida);

(ii) Correlação negativa: em que a vogal final do pseudônimo era diferente da do determinante: -a para masculino (o bida) e -o para os nomes femininos (a dabo);

(iii) Neutra: pseudônimos terminados com -e que, por sua vez, não podem ser correlacionado com gênero (o/ a mipe).

A previsão de Corrêa e Name (2003) era de que, se a correlação fonologia-gênero afetasse a identificação do nome, as crianças teriam um melhor desempenho na condição correlação positiva (ex.: o dabo) e um desempenho pior na condição correlação negativa (ex.: a dabo), ou seja, as crianças produziriam mais respostas em que fossem mantidas a concordância entre o determinante e a vogal final do pseudônimo. Além disso, se a idade interviesse no desempenho das crianças, então, seria esperado que haveria mais respostas corretas à correlação negativa (ex.: a dabo) para o grupo de crianças mais novas, i.e., essas crianças produziriam mais respostas em que não havia combinação de gênero entre o determinante e a vogal final do pseudônimo.

Participaram desse experimento 30 crianças, divididas em dois grupos, em função da faixa etária: um grupo de 15 participantes com idades entre 2;2;17 a 2;10;3 anos (idade média: 31,16 meses) e outro grupo com 15 participantes com idade entre 3;0 a 5;4;25 (idade média: 54,2 meses).

Durante a tarefa, as crianças eram convidadas a participar de um jogo cujo objetivo era contar o que havia acontecido com o objeto apresentado na imagem. As imagens eram apresentadas juntamente com a história, até que a pesquisadora fazia a pergunta final. A intenção era que a criança respondesse com uma expressão referencial.

Conforme Corrêa e Name (2003, p. 18), os estímulos linguísticos eram:

(i) Na correlação positiva:

Na Figura 1: “Isso aqui é uma depa”.

Na Figura 2: “Olha, aqui tem uma depa também”.

Na Figura 3: “As depas estão juntas no armário”.

Na Figura 4: “Oh! Uma depa sumiu!”.

(ii) Na correlação negativa:

Na Figura 1: “Isso aqui é um bida”.

Na Figura 2: “Olha, aqui tem uns bidas também”.

Na Figura 3: “Os bidas estão juntos no armário”.

Na Figura 4: “Oh! Um bida sumiu!”.

Assim, as crianças eram apresentadas a uma sequência de três imagens na tela do computador, sendo que cada figura continha um objeto inventado nomeado com um pseudônimo apresentado da seguinte maneira: a primeira imagem (Figura 1) continha um objeto inventado; a segunda (Figura 2) continha um objeto inventado do mesmo tipo do anterior, porém com uma propriedade diferente. A terceira imagem (Figura 3), por sua vez, mostrava esses dois objetos juntos. Em seguida, as crianças viam uma figura adicional mostrando um evento com um dos objetos previamente vistos e precisavam identificar qual dos objetos tinha sido apresentado no evento. Após a apresentação da Figura 4, a pesquisadora perguntava à criança: “Que depa sumiu?”. As respostas esperadas para a correlação positiva eram: “A depa vermelha; Essa aqui.”. Em contrapartida, na correlação negativa, a pesquisadora perguntava:

“Que bida sumiu?”. Esperava-se como resposta: “O bida vermelho; Esse aqui” ou, então, que a criança fizesse uso de qualquer outra expressão referencial flexionada com o gênero gramatical e/ou o pseudônimo.

A taxa de acerto das crianças de até 3 anos foi de 2.93/3.0 na correlação positiva, enquanto as crianças mais velhas de 4 e de 5 anos tiveram uma taxa de acerto de 3.0/3.0. A média total de acertos na correlação positiva, considerando todas as crianças, foi de 2.97/3.0. Na correlação negativa, as crianças de até 3 anos obtiveram uma taxa de acerto de 2.67/3.0, já as maiores de 3 anos tiveram uma taxa de acerto de 1.87/3.0. A taxa total de acertos na correlação negativa, considerando ambos os grupos, foi de 2.27/3.0. Comparando-se as taxas de acerto, verifica-se uma taxa de acerto maior na correlação positiva independentemente do grupo etário.

Os resultados foram submetidos à análise da variância (ANOVA), com *design* fatorial 2 (idade) x 2 (gênero) x 3 (correlação fonologia-gênero), em que idade e gênero foram fatores grupais (*between subjects*) e a correlação fonologia-gênero foi tomada como uma medida repetida (*within subject*). Foi encontrado um efeito principal da *correlação fonologia-gênero* $F(2,52)=11.24$, $p<0.001$, assim como uma interação significativa entre correlação fonologia-gênero e idade $F(2,52)=4.85$, $p=0.01$.

Segundo as autoras, o efeito principal de *correlação fonologia-gênero* sugere que as crianças menores se guiaram mais pela informação no determinante, de modo que o padrão de regularidade fonológica entre D e N teve papel menor para esse grupo, comparado ao grupo de crianças de 4 e de 5 anos de idade. No entanto, Corrêa e Name (2003) destacam que essa sensibilidade parece aumentar em função da faixa-etária, visto que crianças de 4 e 5 anos apresentaram um número menor de respostas corretas para a condição correlação negativa em comparação às crianças menores.

Corrêa e Name (2003) apontam que as respostas do grupo de crianças mais novas foram, posteriormente, submetidas a uma ANOVA com *design* fatorial 2 (gênero) x 3 (correlação fonologia-gênero) e nenhum resultado significativo foi obtido $F(1,13)=1,15$, $p=0.33$. Essa análise sustenta a hipótese defendida por Corrêa e Name (2003) de que a informação morfofonológica provida pelo determinante é levada em consideração para a identificação de gênero de novos nomes para as crianças mais novas. Por outro lado, as crianças mais velhas tiveram uma taxa de acerto um pouco maior da metade na condição correlação negativa (1.87/3.0).

Importante lembrar que, embora o estudo de Corrêa e Name (2003) se dedique

à identificação da relação de concordância no âmbito do DP, os resultados são relevantes para a presente pesquisa, uma vez que apontam para a capacidade de crianças de extrair informação gramaticalmente relevante para o processamento da concordância e como a correlação entre a forma fonológica do nome e o gênero influencia a atribuição do gênero do novo nome, sobretudo no caso das crianças mais velhas.

3.3 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Nesta revisão bibliográfica, foi discutido sobre como bebês (SHADY, 1996; SHI et al., 1999) diferenciam, a partir de propriedades acústicas e sintáticas, em diferentes línguas, itens pertencentes às categorias funcional e lexical. Esse processo de reconhecimento de itens funcionais e lexicais parece constituir as primeiras etapas da aquisição linguística, o que compreende a aquisição dos traços formais necessários à formação de um léxico inicial. A respeito dessa sensibilidade a sufixos no PB, o trabalho de Teixeira (2009) traz evidências de que crianças, aos 18 meses de idade, são sensíveis à manipulação de sufixos marcadores de adjetivo, no âmbito do NP.

Acerca da sensibilidade à relação de concordância de gênero, o experimento de Van Heugten e Christophe (2015) com crianças francesas sugere que, já aos 18 meses de vida, as crianças parecem reconhecer o gênero do nome, a partir do determinante, “rejeitando” a condição em que essa relação de concordância entre determinante e nome é violada. No francês canadense, Van Heugten e Shi (2009) apresentam evidências de que crianças de 21 a 24 meses de idade identificam um nome conhecido (e a sua imagem referente) a partir da informação de gênero expressa no determinante. Os resultados reportados por Van Heugten e Shi (2009) também apontam que as crianças direcionam o olhar mais rapidamente para a condição informativa (em que relação de concordância entre D-N era respeitada) do que para a não-informativa (em que a concordância entre D-N era violada).

Sobre a informação de gênero em determinantes e adjetivos guiando o reconhecimento de nomes conhecidos, Smolik e Bláhová (2018) indicam que crianças aos 24 meses, adquirindo o tcheco, conseguem extrair a informação concernente ao gênero gramatical de demonstrativos e de adjetivos para identificar um nome subsequente. Na língua espanhola, Lew-Williams e Fernald (2007) sugerem que crianças com idades de 34 a 42 meses usam a informação da marcação de gênero em

artigos para identificar um nome conhecido que estava posposto ao artigo. Os resultados apontam, também, que as crianças direcionam o olhar mais rapidamente para a imagem-alvo na condição em que a concordância entre D-N é preservada.

No que tange ao reconhecimento dos elementos pertencentes à categoria D, Corrêa e Name (2003) indicam como alterações morfofonológicas no D afetam a compreensão de crianças brasileiras, aos 23 meses de idade, de um nome subsequente. Os resultados das autoras apontam que as crianças reconhecem imagens-alvo de um nome conhecido mais facilmente, quando a associação entre determinante e nome é congruente.

Esses estudos fornecem evidências experimentais de quais elementos podem servir como pistas às crianças (como determinantes, sufixos de gênero em adjetivos, vogal final dos nomes) para a identificação do gênero gramatical, assim como para a atribuição de gênero a pseudonomes a fim de verificar em qual dessas pistas as crianças se baseiam. Na língua espanhola, Arias-Trejo e Alva (2013) sugerem que crianças, aos 30 meses de vida, associam as imagens aos pseudonomes “*betusa*” e “*pileco*” a partir da pista morfofonológica de gênero presente em adjetivos e em artigos, na fase teste, para reconhecer um novo referente.

Ainda sobre a atribuição de gênero a pseudonomes, Corrêa e Name (2003) apontam padrões diferentes na atribuição de gênero, em função da faixa-etária de crianças, adquirindo o PB (crianças de 4 e 5 anos, ao contrário das de 3 anos, fazem mais uso da informação veiculada na vogal final como fonte para atribuição de gênero a pseudonomes). Ainda que Corrêa e Name (2003) apresentem resultados acerca de como as crianças identificam e atribuem o gênero gramatical a pseudonomes, o trabalho das autoras se concentrou no DP. Sabendo-se que, no PB, outras fontes de informação podem ser usadas como pistas de gênero do N – por exemplo, padrões consistentes de terminação de nomes e de morfema de gênero em adjetivos (-o para o masculino e -a para o feminino), o diferencial do presente estudo é explorar como as crianças identificam e atribuem o gênero gramatical, no âmbito do NP.

Apesar da relevância dos trabalhos revisados para a presente pesquisa, não foram encontrados estudos que explorassem a identificação do gênero gramatical entre nomes e adjetivos (mais especificamente entre a vogal final do nome e o sufixo que marca o gênero gramatical no adjetivo). Assim, o presente trabalho foi desenvolvido com vistas a fornecer evidências experimentais a respeito de como a criança identifica e processa a informação de gênero gramatical e como usa essa informação ao atribuir

gênero a pseudonimos no domínio do NP. O presente experimento explorou essa relação feita por crianças entre 3 e 5 anos de idade e será apresentado no capítulo subsequente.

Por fim, verifica-se, no Quadro 5, uma síntese dos experimentos que compõem esta revisão bibliográfica.

Quadro 5 – Síntese das pesquisas apresentadas sobre as habilidades perceptuais e linguísticas de bebês e crianças

SENSIBILIDADE A ELEMENTOS FUNCIONAIS			
Autores e ano de publicação	Idade das crianças	Técnica Experimental	Resultados
Shi et al. (1999)	1 a 3 dias	Sucção não-nutritiva	Bebês, adquirindo o inglês , diferenciaram elementos lexicais e funcionais a partir de pistas acústicas.
Shady (1996)	10.5 meses	Escuta Preferencial	Bebês, aos 10 meses, adquirindo o inglês , foram sensíveis aos itens funcionais da língua inglesa, preferindo a versão em que os itens funcionais da língua eram preservados.

RECONHECIMENTO DE NOMES CONHECIDOS A PARTIR DA INFORMAÇÃO DE GÊNERO MANIFESTA EM EFS

<p>Van Heugten; Christophe (2015)</p>	<p>18 meses</p>	<p>Fixação Visual</p>	<p>Crianças, adquirindo o francês, foram sensíveis ao gênero de palavras conhecidas, reagindo a <i>match/mismatch</i> de gênero entre os itens D e N.</p>
<p>Van Heugten; Shi (2009)</p>	<p>21 a 24 meses</p>	<p>Fixação Visual</p>	<p>Crianças, adquirindo o francês canadense, identificaram a relação de dependência morfosintática entre itens D e N e utilizaram essa informação de gênero manifesta nos D para identificar o nome referente à imagem subsequente.</p>
<p>Smolik; Bláhová (2018)</p>	<p>21 a 24 meses</p>	<p><i>Looking-while-listening</i></p>	<p>Crianças, adquirindo o tcheco, identificaram a imagem-alvo mais rapidamente quando a marcação de gênero era informativa.</p>
<p>Lew-Williams; Fernald (2007)</p>	<p>34 a 42 meses</p>	<p><i>Looking-while-listening</i></p>	<p>Crianças, adquirindo o espanhol, identificaram a imagem-alvo do substantivo mais rapidamente quando o artigo que a precedia era marcado por gênero diferente. Ou seja, as crianças são capazes de identificar o nome conhecido, a partir da relação de concordância com o artigo.</p>

Corrêa; Name (2003)	21 a 28 meses	Seleção de imagens	Crianças, aos dois anos, adquirindo o PB , foram sensíveis a alterações morfofonológicas no determinante e identificaram a relação de concordância para reconhecer nomes conhecidos.
--------------------------------	---------------	---------------------------	---

ATRIBUIÇÃO DE (VALOR DE) GÊNERO A NOVOS NOMES

Autores e ano de publicação	Idade dos bebês/crianças	Técnica Experimental	Resultados
Corrêa; Name (2003)	3 a 5 anos	Produção Eliciada	Crianças maiores de 3 anos, adquirindo o PB , privilegiaram a informação dada pela vogal final de N e crianças menores de 3 anos preferiram a informação manifesta em D para atribuir gênero aos pseudonomes.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

4 ATIVIDADE EXPERIMENTAL

Este capítulo apresenta a atividade experimental relativa à investigação empírica da questão da presente pesquisa. O experimento desenvolvido buscou explorar o papel de diferentes fontes de informação – a vogal final de N e a vogal final de ADJ – para a atribuição de gênero em nomes desconhecidos por crianças da faixa etária de 3 a 5 anos. Antes da atividade experimental serão apresentados, brevemente, o método experimental bem como a técnica e a tarefa utilizada.

4.1 MÉTODO EXPERIMENTAL

A psicolinguística se concentra em investigar os processos cognitivos subjacentes à aquisição, à compreensão e à produção de língua. Rodrigues (2014) aponta as questões referentes ao escopo da psicolinguística e seus temas de interesse:

O objetivo da psicolinguística é desenvolver modelos procedimentais que caracterizem as representações e as operações mentais envolvidas na produção e na compreensão de enunciados linguísticos. A psicolinguística ocupa-se, portanto, de questões relativas a acesso lexical, processamento sintático, processamento semântico, codificação fonológica, monitoramento da fala, entre outros processos, envolvidos na codificação e na decodificação de material linguístico em tempo real (RODRIGUES, 2014, p. 114).

Em relação à aquisição de língua, Corrêa e Name (2018) discorrem que:

A pesquisa em aquisição da linguagem sob uma perspectiva psicolinguística, i.e., que focaliza o processo de aquisição da língua materna, considerando o processamento do material linguístico pela criança, apresenta uma série de evidências experimentais relativas a habilidades perceptuais e linguísticas da criança em um período anterior à fala (CORRÊA; NAME, 2018, p. 87).

A fim de investigar os processos cognitivos envolvidos na aquisição e no uso da língua em seus aspectos mentais/ cerebrais, a psicolinguística faz uso de metodologia experimental. A respeito dessa metodologia, Name (2019) esclarece que:

A metodologia experimental fundamenta teorias de aquisição e processamento mental e neurofisiológico, caracterizando-se por um conjunto de procedimentos e técnicas que investigam o impacto de um ou mais fatores isolados sobre o

processamento. Experimentos permitem que se observem habilidades, capacidade e processos subjacentes à percepção, à compreensão e à produção de um dado fenômeno linguístico pelo bebê e/ou pela criança, que não são explícitos e, portanto, não seriam passíveis de observação usando-se metodologia naturalística (NAME, 2019, p. 290).

A tarefa de produção eliciada, adotada nesta pesquisa para se investigar as questões aqui delineadas, possibilita que uma estrutura-alvo seja eliciada pelo/a pesquisador/a, a partir da apresentação de uma história; um contexto criado; um jogo. Assim, os participantes devem responder perguntas ou completarem uma determinada sentença.

Grolla (2006, p. 16) define que: “a produção eliciada é uma técnica experimental designada a revelar a gramática das crianças fazendo-as produzir sentenças particulares.” Ainda, segundo a autora:

As estruturas sintáticas relevantes são elicitadas no contexto de uma brincadeira, de um jogo, em que a criança interage com um boneco fantoche. O jogo é formulado de maneira a conter apenas o contexto associado a um significado específico e é destinado a ser apropriado para a produção da estrutura sendo estudada (2006, p. 16).

Portanto, a intenção ao se adotar essa técnica é de que a apresentação de um contexto específico influencie o participante a produzir determinada estrutura linguística (uma sentença-alvo, por exemplo).

Grolla (2006) discorre sobre algumas vantagens de se aplicarem experimentos com essa técnica. Como exemplo, em uma única sessão experimental, é possível se obter um número grande de produções-alvo das sentenças investigadas. Além disso, é mais fácil eliciar sentenças-alvo com esse tipo de técnica do que em uma tarefa de produção de fala espontânea. Por fim, ao se referir aos dados da produção eliciada para análise, sobretudo com crianças, Grolla (2006) destaca que:

Esses dados podem ser vistos como refletindo mais diretamente a gramática da criança, já que é muito improvável que uma criança coloque palavras juntas de uma forma particular acidentalmente (ao passo que dizer “sim” ou “não” numa tarefa de julgamento pode ser considerado acidental). Assim sendo, quando uma construção aparece sistematicamente na fala de uma criança, podemos inferir que tal construção é gerada pela gramática da criança e não é fruto do acaso (GROLLA, 2006, p. 17).

Por essas razões, a técnica de produção eliciada é adequada para a execução da investigação aqui delineada, em virtude da estrutura linguística investigada e da faixa-etária dos participantes (entre 3 e 5 anos de idade). Conforme explicitado acima por Grolla (2006, p. 17), é improvável que crianças submetidas a essa técnica produzam sentenças de maneira aleatória. Ainda assim, considerando-se que é possível se obter um grande número de amostras em uma única sessão experimental, torna-se possível ao/à pesquisador/a averiguar se a produção de respostas-alvo dos participantes apresenta uma sistematicidade.

4.2 ATIVIDADE EXPERIMENTAL - A ATRIBUIÇÃO DE GÊNERO A PSEUDONOMES, A PARTIR DA CONCORDÂNCIA ENTRE ELEMENTOS DAS CATEGORIAS N E ADJ NO PB

No capítulo anterior, foi visto que bebês e crianças de 18 meses a 42 meses de idade usam a informação de gênero manifesta no determinante para identificar um nome conhecido. Outros estudos indicam a capacidade de crianças de 30 a 54 meses para atribuir gênero a um novo nome utilizando pistas distintas de gênero.

Mais especificamente, no PB, Corrêa e Name (2003) apontam que, diante de DP (Det + N) com pseudonomes, as crianças tiveram um desempenho diferente ao atribuir gênero para pseudonomes em função da faixa etária. Os resultados reportados pelas autoras indicam que crianças de 4 e 5 anos (ao contrário das menores de 3 anos) preferem usar a vogal final como fonte para atribuição de gênero a pseudonomes, a despeito da informação veiculada pelo determinante.

Considerando-se que esta pesquisa focaliza a identificação e o processamento da concordância de gênero entre os elementos das categorias N e ADJ por crianças adquirindo o PB, o presente experimento foi elaborado com vistas a investigar que pistas seriam usadas por crianças de 3 a 5 anos, na ausência de determinantes, para identificar o traço de gênero no adjetivo, posposto ao N, e verificar qual pista (a vogal final de N ou do ADJ) é mais saliente à criança para identificar o traço de gênero a fim de atribuí-lo a um pseudonome. Essa tarefa experimental foi inspirada no segundo experimento realizado por Corrêa e Name (2003), apresentado na seção 3.2.2.

Para a realização deste experimento, foram criados estímulos linguísticos com pseudonomes seguidos de adjetivos a fim de se verificar como as crianças identificam a relação de concordância, no âmbito do NP, e atribuem gênero para pseudonomes.

Em termos mais específicos, este experimento pretende explorar se:

(i) A informação de gênero manifestada pela concordância entre N e ADJ no NP é reconhecida pela criança;

(ii) se a criança usa, preferencialmente, a marca morfofonológica, manifestada em itens N ou a morfossintática em itens ADJ, para atribuir gênero a pseudonomes;

(iii) se há diferenças no uso das diferentes pistas – vogal final de N; ou vogal final de ADJ – por crianças de 3, 4 e 5 anos de idade.

Para se alcançarem os objetivos, foi elaborado um jogo cujo título era: “Caça aos brinquedos mágicos – A aventura de Ana”. Nesse jogo, o objetivo da criança consistia em encontrar os brinquedos perdidos da Ana, a personagem. Por fim, a criança deveria contar à personagem o que havia acontecido e/ou em que lugar o cachorro da personagem havia escondido os brinquedos mágicos da Ana. A pesquisadora, então, fazia perguntas cuja resposta-alvo seria o pseudonome mais o adjetivo que manifestava o gênero (feminino ou masculino) e representava a cor do brinquedo mágico da Ana. Esperava-se que as respostas produzidas pelas crianças indicassem sobre qual informação de gênero (a expressa pela vogal final do N ou pela vogal final do ADJ) era mais saliente às crianças (ver “Procedimento”, adiante).

4.2.1 Método

Participantes

Os participantes foram recrutados mediante uma carta-convite enviada aos responsáveis das crianças as quais realizaram a atividade no laboratório do NEALP e às coordenadoras pedagógicas das creches e escolas privadas e municipais. Todas as instituições estão localizadas na cidade de Juiz de Fora – MG. Foram explicados aos responsáveis os objetivos e os procedimentos para a realização da atividade proposta. Os responsáveis pela criança recebiam o Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido²³ com a aprovação do Comitê de Ética²⁴, em duas vias de igual teor.

Esta atividade experimental foi aplicada em duas escolas da rede municipal de ensino, em seis creches da rede de ensino privada e no laboratório do Núcleo de Estudos em Aquisição da Linguagem e Psicolinguística – NEALP da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Participaram desta atividade 70 crianças brasileiras, falantes nativas do PB. Dessas 70 crianças, 7 foram descartadas da amostra final, pelas seguintes razões: duas não compreenderam bem a tarefa e não concluíram o experimento; duas repetiram nomes de objetos conhecidos do PB (como bloco e/ou gato), consecutivamente nos *trials* experimentais finais; uma teve desinteresse pela atividade e não concluiu e uma teve dificuldade na produção dos enunciados. Dessa forma, foram considerados os dados de 63 crianças, divididas em três grupos etários: 20 crianças de 3 anos (idade média: 3,7 anos), sendo 12 meninos; 23 crianças de 4 anos (idade média: 4,6 anos), sendo 13 meninos; e 20 crianças de 5 anos (idade média: 5,5 anos), sendo 14 meninos.

Materiais

Foram criados para este experimento quatro pseudonomes, paroxítonos e dissílabos, terminados em -a (depa, moca, toba, bida) e quatro pseudonomes paroxítonos e dissílabos, terminados em -o (dabo, mabo, beco, puco). Todos os pseudonomes usados neste experimento respeitavam o padrão fonotático e silábico do PB. Foram selecionados quatro adjetivos do PB que variam em gênero e referiam a propriedades de objetos facilmente identificáveis (amarelo/a, branco/a, vermelho/a, preto/a). Os estímulos visuais eram imagens inventadas de pseudo-objetos com as cores mencionadas.

Para a realização desta atividade foram utilizados um *notebook* LG – *Ultra Slim* de 14”, com acesso à *internet*, para que fosse possível acessar ao *software Prezi*; um Gravador de Áudio Portátil, modelo Sony PCM-D50; um baú de madeira colorido com a imagem da personagem do jogo criado; 12 cartas que constituíam o jogo proposto; dois sacos coloridos de TNT.

²³ O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual consta a aprovação desta pesquisa pelo comitê de Ética da UFJF, pode ser consultado no Anexo 1.

²⁴ O projeto de pesquisa ao qual o presente trabalho se vincula teve apoio da FAPEMIG (Processo nº. APQ-00988/15) e conta com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa/UFJF (CAEE: 44123015.6.0000.5147).

Foram confeccionadas cartas com as imagens dos objetos inventados (ver Apêndice B). Essas imagens, impressas em papel fotográfico, foram coladas em um molde de EVA nos tamanhos de 10 x 10 cm. Essas cartas, conforme mencionado, estavam dentro de um saco colorido de TNT escondido dentro do baú.

Variáveis experimentais

Para a realização do experimento, foram elaboradas duas condições experimentais: condição congruente e condição incongruente entre a vogal final (em itens N) e a vogal final (em itens A).

Em virtude da tarefa que era demandada à criança neste experimento não foram criadas frases distratoras. Foi considerado que um experimento muito extenso em duração poderia comprometer o desempenho das crianças, sobretudo as crianças de 3 anos, que ficariam desinteressadas, cansadas e/ou desatentas.

As variáveis criadas foram:

Variáveis independentes

Linguísticas, intra-sujeitos (*within-subjects*):

(i) gênero marcado na vogal final do adjetivo, decorrente da concordância com o nome: masculino, feminino.

(ii) vogal final do pseudônimo: -o, -a.

Não linguística, entre-sujeitos (*between-subjects*):

(iii) variável de grupo/idade: 3, 4 e 5 anos.

Variável dependente: número de respostas congruentes ao gênero do nome, manifesto no adjetivo, através da concordância entre N e ADJ no NP.

A partir das variáveis independentes linguísticas e seus níveis, foram elaboradas quatro condições experimentais (ver estímulos no Apêndice A). As condições congruentes foram criadas, baseando-se nos padrões do PB no que concerne à correlação entre a vogal final e ao gênero gramatical, isto é, nomes terminados em -o

são, majoritariamente, masculinos e os nomes terminados em -a são, majoritariamente, femininos (SCHWINDT, 2018). Neste viés, as condições incongruentes²⁵ violam esse padrão mais frequente no PB. Além disso, como no PB o adjetivo entra em concordância de gênero com o nome, é possível observar qual pista a criança privilegia (se a informação da vogal final do nome ou a marca de gênero no adjetivo) para atribuir gênero ao pseudônimo.

- (i) N-**o**+ ADJ masculino (CONG) Ex.: Beco **vermelho**
- (ii) N-**a**+ ADJ feminino (CONG) Ex.: Moca **Vermelha**
- (iii) N-**a**+ ADJ masculino (INC) Ex.: Depa **amarelo**
- (iv) N-**o**+ ADJ feminino (INC) Ex.: Dabo **branca**

Hipóteses

Os resultados do segundo experimento de Corrêa e Name (2003) sugerem que crianças com mais de 3 anos de idade privilegiam a vogal final do N para atribuir o valor de gênero ao pseudônimo e crianças menores de 3 anos preferem a informação de concordância entre D e N. Os resultados de Arias-Trejo e Alva (2013) apontam que as crianças mexicanas, aos 30 meses, parecem associar a informação de gênero veiculada no adjetivo (apresentado numa primeira etapa) com a informação de gênero manifesta no determinante antecedendo um pseudônimo (na fase teste). Isso indica que as crianças parecem ter se guiado pela pista de gênero presente no adjetivo e, posteriormente, no determinante para estabelecer a correlação entre a vogal final desses itens com a informação de gênero presente nos pseudônimos. Atendo-se a essas evidências e ao estudo de Schwindt (2018) sobre o pareamento entre gênero e vogal final dos nomes no PB, a hipótese aqui delineada é que na ausência de D, a criança faz uso das seguintes informações para identificar e atribuir gênero a novos

²⁵ Baseando-se nos estudos de Schwindt (2018), as condições incongruentes como “depa vermelho” e “dabo branca” fogem ao padrão mais frequente no PB, no que tange à correlação entre a terminação da vogal final do pseudônimo e da marca de gênero do ADJ. Por essa razão, nessas condições, é possível avaliar qual pista (vogal final do pseudônimo ou marca de gênero do ADJ) é mais saliente à criança para atribuir o gênero ao pseudônimo, durante a tarefa de produção eliciada.

nomes:

(i) a vogal final do N, com uma preferência por essa informação em detrimento da informação de gênero expressa no ADJ;

(ii) a informação de gênero manifesta pela concordância no ADJ.

Previsões

Se as crianças privilegiam a vogal final do pseudônimo, a taxa de respostas corretas na condição congruente deverá ser maior do que nas condições incongruentes. Tem-se, também, que as estratégias para a identificação do gênero do nome no NP podem variar em função da faixa-etária, conforme os resultados reportados por Name e Corrêa (2003). Então, prevê-se um comportamento diferente na identificação e atribuição de gênero aos pseudônimos pelos grupos etários, com maior taxa de respostas corretas na condição incongruente para as crianças mais novas (3 anos) comparativamente às crianças mais velhas.

Procedimento

A atividade foi realizada em escolas públicas e municipais de JF e no NEALP – UFJF. Antes da chegada das crianças, a pesquisadora arrumava o ambiente para a aplicação do experimento. Quando a atividade era realizada no laboratório do NEALP (ver Apêndice C), tapetes coloridos eram colocados no chão e duas almofadas ficavam à disposição da criança. O baú de madeira era posicionado em frente à estante do laboratório e o *notebook* era colocado em uma das prateleiras da estante, já com a tela inicial da apresentação do *Prezi*, criada para este experimento (ver Figura 4). Quando a aplicação do experimento era realizada em alguma creche/escola, a pesquisadora pedia ao responsável pela instituição por uma sala particular em que pudesse alocar o baú “mágico da Ana” e o *notebook*. Em muitas creches havia tapetes emborrachados que a pesquisadora solicitava aos coordenadores e/ou diretores para que ela pudesse se sentar com os estudantes. No caso das escolas, a pesquisadora apoiava o *notebook* na mesa do professor e organizava a disposição de três carteiras de estudantes, sendo uma para a pesquisadora, uma para o participante e a terceira para colocar o baú de

madeira.

Figura 4– Apresentação da tela inicial do Prezi à criança: “O mundo mágico da Ana”



A busca pelos brinquedos mágicos - A aventura de Ana

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Uma vez a criança acostumada e confortável com o ambiente (tanto no laboratório do NEALP quanto em uma sala da escola onde o experimento estava sendo realizado), a pesquisadora perguntava à criança se ela gostava de histórias mágicas e se conhecia a “Ana”, personagem da história criada para o experimento. Em uma tela do *Prezi*, criada para a narrativa, a pesquisadora contava ao participante que ali era o mundo mágico da Ana e que a personagem queria conhecê-lo/a. Em seguida, aparecia no *Prezi* a imagem da “Ana”, a personagem da história (Figura 5).

Figura 5 – Apresentação da Ana à criança²⁶



Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Em uma apresentação de imagens sequenciais, controladas pela pesquisadora, era narrada à criança que a Ana tinha um baú, cheio de brinquedos mágicos cujos nomes também eram mágicos e que a personagem era dona de um cachorro muito sapeca (Figura 6).

Figura 6 – Apresentação da Ana, com o seu baú mágico cheio de brinquedos mágicos, e o seu cachorro muito sapeca



Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Contava-se para a criança que a Ana estava triste, porque o seu cachorro havia espalhado todos os brinquedos mágicos dela pela casa e pelo quintal (Figura 7).

²⁶ Todas as figuras presentes na parte experimental desta pesquisa foram elaboradas pela autora.

Figura 7 – Apresentação da Ana triste por estar sem os seus brinquedos mágicos

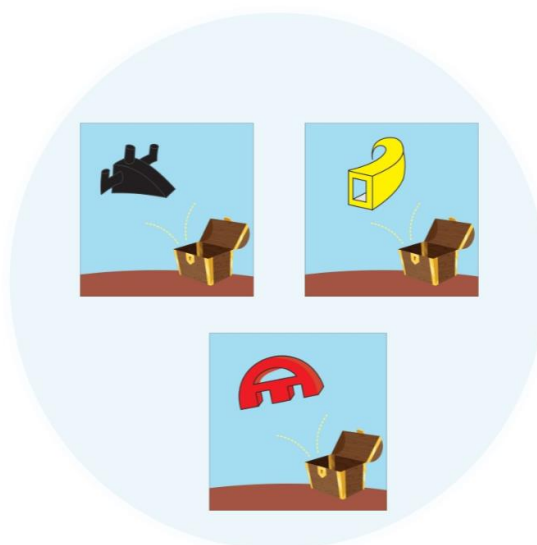


Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Neste momento, a pesquisadora dizia que a missão da criança era ajudar a Ana a encontrar os seus brinquedos mágicos (que o cachorro espalhou pela casa e pelo quintal) e, então, contar para a personagem qual brinquedo tinha sido encontrado e em que local ele estava.

Assim que a pesquisadora propunha à criança essa “missão mágica” de resgatar os brinquedos perdidos da Ana, era disposta, na tela do computador, uma imagem do baú. Nessa imagem, três objetos inventados eram apresentados, um após o outro (Figura 8).

Figura 8 – Apresentação dos três “brinquedos mágicos” da Ana para que a criança compreendesse a dinâmica do teste



Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Essa etapa era uma habituação aos estímulos, visto que havia três imagens como as da fase-teste.

Em seguida, a pesquisadora mostrava à criança o baú de madeira (da Ana) e dizia: “Olha o que eu tenho aqui! Será o baú mágico da Ana?! Olha! É a Ana! Vamos ver o que tem dentro?!”. Na sequência, a pesquisadora entregava o saco de TNT em que as cartas estavam e convidava a criança a jogar o que havia ali dentro no chão ou na mesa do professor, dependendo do local de aplicação. A pesquisadora, então, exclamava: “Olha! São os brinquedos mágicos da Ana!”. Enquanto isso, as três imagens que constituíam essa etapa de pré-teste continuavam dispostas à criança e a pesquisadora dizia: “Óh! Tem igual? Vamos ver? Óh! Conta pra Ana o que é. “É moca preta!” e esperava a criança identificar a carta correspondente à imagem e, então, contar para a Ana qual brinquedo havia encontrado. Em seguida, dizia para a criança: “Muito bem! Cadê óh? Igual? Conta pra Ana qual que a gente achou... é “beco amarelo!”. Após a resposta da criança, a pesquisadora perguntava: “E aqui? Cadê?” Assim que a criança pegasse a cartinha correspondente à imagem, a pesquisadora dizia: “Muito bem! Sabe como chama? Beco vermelha!”, essa ordem variava de acordo com a cartinha que a criança encontrasse primeiro, dado que os três pseudo-objetos apareciam, concomitantemente, na mesma imagem, conforme apresentado na Figura 8 acima. Destaca-se, conforme os exemplos dados acima, a omissão proposital pela pesquisadora de qualquer outra referência a gênero, fosse por artigos ou

pronomes demonstrativos²⁷ antecedendo os pseudo-objetos. Após essas três imagens, a pesquisadora alterava a tela do *Prezi* e um objeto inventado aparecia em um contexto de cena (ver Apêndice D).

Figura 9 – Apresentação do pseudo-objeto em contexto de cena



Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Neste momento, a criança precisava identificar a carta referente àquela figura e, então, a pesquisadora dizia: “Óh! Depo amarela! Conta pra Ana qual que a gente achou!”. A criança respondia, por exemplo: “depo amarela!”, ou depo amarelo!”. Em seguida, a pesquisadora perguntava: “O que que aconteceu? Onde que tá? Quem que pegou?” e a criança respondia: “o passarinho”. Então, a pesquisadora dizia: “pegou o quê?” e a criança respondia, por exemplo: “depo amarela²⁸”. Era esperado que a criança respondesse manifestando de alguma forma o gênero atribuído ao pseudonome.

A intenção, na apresentação desses desenhos, era que a criança produzisse não só os nomes dos “brinquedos mágicos”, como também contasse à Ana onde o cachorro os havia colocado. Destaca-se que, neste momento, a pesquisadora evitava ao

²⁷ Embora, na aplicação do experimento, a pesquisadora tenha omitido quaisquer referências sobre o gênero gramatical antecedendo o pseudo-objeto, é interessante destacar que era mais recorrente que as crianças mais velhas (de 4 e de 5 anos de idade) usassem um item da categoria D ao apontar um dos pseudo-objetos. Dessa forma, era possível avaliar, desde a marcação no item da categoria D, a identificação do gênero gramatical manifesta pela relação da concordância morfosintática com o ADJ. No Apêndice E, há uma transcrição do experimento aplicado a um participante de 5,8 anos. Pode-se verificar que esse participante produzia o DP, mesmo que a pesquisadora não produzisse nenhum item da categoria D que marcasse o gênero gramatical. O nome do participante foi alterado a fim de preservar a identidade da criança.

²⁸ No Apêndice F, há uma transcrição de um dos experimentos aplicados com uma participante de 3,8 anos. O nome da participante foi alterado para preservar a identidade da criança.

máximo repetir o nome do pseudo-objeto para que a criança proferisse o NP. Durante a realização da atividade, caso a criança se esquecesse o nome do pseudo-objeto, a pesquisadora repetia-o, por no máximo três vezes, durante a apresentação do objeto à criança. Se a criança não falasse um pseudônimo ou utilizasse um nome do PB, a pesquisadora prosseguia o experimento e esse *trial* não era contabilizado (ver resultados, adiante).

Em decorrência do experimento utilizar pseudônimos, era recorrente a alteração de alguns fonemas desses pseudo-nomes, como “dabo branco”, que foi proferido como “beco banco” ou “dago banco”. Essa alteração não foi considerada um problema, visto que a imagem do pseudo-objeto se repetia, como já foi destacado, em um contexto de cena. Assim, foi observado se a criança mantinha o nome que havia dito, como “beco banco”, ou “dago banco”, como também o adjetivo que o acompanhava nessa condição de cena.

Uma imagem da Ana com um troféu era apresentada a cada dois *trials* experimentais²⁹ para parabenizar a criança pela sua resposta e incentivá-la a continuar o experimento, independentemente se a resposta fosse compatível ou não com a resposta-alvo (Figura 10).

Figura 10 –Ana com o troféu, após a apresentação dos *trials* experimentais

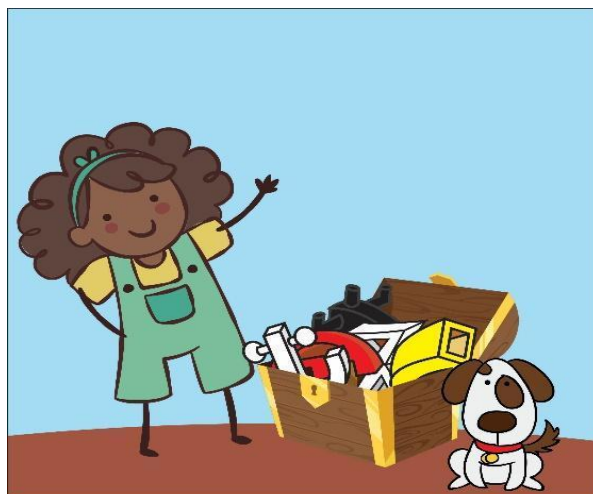


Fonte: Elaborada pela autora (2020).

No final do experimento, a pesquisadora falava para a criança que ela havia resgatado todos os brinquedos mágicos da Ana. No *Prezi*, aparecia uma imagem da Ana com o seu baú cheio de brinquedos (Figura 11).

²⁹ A razão pela qual essa imagem do troféu não foi exibida no fim de cada *trial* era para evitar que a duração do experimento ficasse longa, sobretudo para as crianças de três anos.

Figura 11 –Ana, feliz, com o seu baú cheio de brinquedos



Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Então, a pesquisadora dizia à criança que a Ana estava muito feliz e agradecida por ter tido os seus brinquedos resgatados e que a Ana havia trazido um presente para a criança. Neste momento, a pesquisadora pedia ao participante que abrisse o baú “mágico” e convidava a criança a descobrir qual era o presente trazido pela Ana, embrulhado no outro saco de TNT colorido. A duração total do experimento não excedia 10 minutos.

4.2.2 Resultados e discussão

A variável dependente analisada considerou o número de respostas-alvo, i.e., para ser considerada resposta-alvo, o gênero tinha que ser o mesmo manifesto no adjetivo, apresentado anteriormente pela pesquisadora. A tabulação das respostas considerou se a criança usava a pista da concordância para atribuir o gênero marcado no adjetivo aos pseudonimos. Portanto, era considerado acerto quando a criança utilizava a informação de gênero do adjetivo para atribuir gênero ao pseudonimo. Por outro lado, na condição em que a criança alterasse o gênero do adjetivo, i.e., quando a criança não usava a informação da concordância apresentada anteriormente, então, a resposta era tabulada como erro. Conforme mencionado acima, nos casos em que os participantes proferissem o nome de algum objeto conhecido do PB, a resposta-alvo era desconsiderada e, por isso, o *trial* era descartado.

Verifica-se, abaixo, os critérios de classificação das respostas dos participantes:

Respostas consideradas como acertos:

i) Quando o participante seguia o gênero manifesto no adjetivo (Quadro 6).

Quadro 6 - Exemplo de uma resposta considerada como correta

Pseudonome + ADJ – (proferido pela pesquisadora)	Gênero	Condição	Resposta da criança
Mabo branca	F	Incongruente	Mabo branca

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

ii) Mesmo nos casos em que o participante alterava a forma do pseudonome, mas utilizava qualquer marca de gênero do adjetivo (Quadro 7).

Quadro 7 - exemplo de uma resposta considerada como correta

Pseudonome + ADJ – (proferido pela pesquisadora)	Gênero	Condição	Resposta da criança
Mabo branca	F	Incongruente	Maba branca

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Respostas que não foram consideradas como acertos:

iii) Quando o participante alterava a vogal final do adjetivo, tornando-o compatível com a vogal final manifesta no pseudonome, i.e, o participante produzia o NP, mas guiava-se pela informação fonológica expressa na vogal final do pseudonome. (Quadro 8).

Quadro 8 - Exemplo de resposta considerada como incorreta

Pseudonome + ADJ – (proferido pela pesquisadora)	Gênero	Condição	Resposta da criança
Mabo branca	F	Incongruente	Mabo branco

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

iv) Quando o participante alterava a vogal final do pseudonome e a vogal final do elemento ADJ, i.e., o participante produzia o NP, mas alterava a vogal final do pseudonome e a vogal final do adjetivo. (QUADRO 9);

Quadro 9 - exemplo de resposta considerada como incorreta

Pseudonome + ADJ – (proferido pela pesquisadora)	Gênero	Condição	Resposta da criança
Mabo branca	F	Incongruente	Maba branco

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

v) Não-resposta; quando o participante produzia algum nome do PB, como a palavra “bloco” (Quadro 10);

Quadro 10 - exemplo de não-resposta, i.e., quando o participante produzia algum nome do PB

Pseudonome + ADJ – (proferido pela pesquisadora)	Gênero	Condição	Resposta da criança
Mabo branca	F	Incongruente	Bloco branco/ a

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

A seguir serão apresentados os resultados do experimento e a discussão dos resultados.

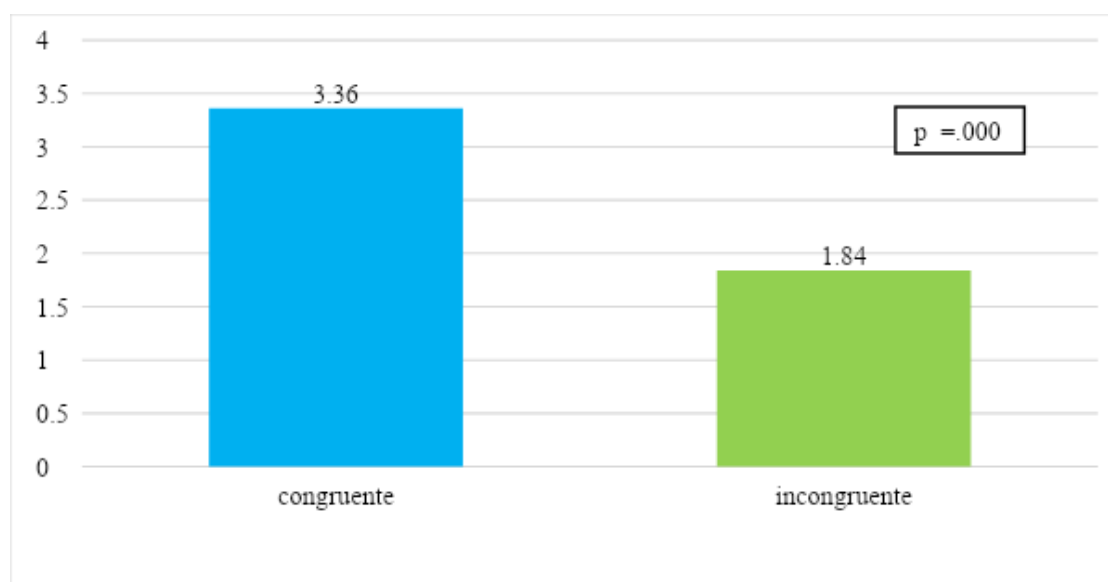
Considerando-se a média de taxa de acertos por condição congruente (masculino e feminino) vs. incongruente (masculino e feminino) e os três grupos etários, pode-se observar, na tabela abaixo, que as maiores taxas de acerto foram sempre para as condições congruentes: 3.36 vs. 1.84 para as incongruentes. Considerando-se, também, os três grupos etários, houve uma taxa maior de acertos na condição masculina em comparação com a feminina 1.73 vs. 1.63, respectivamente.

Tabela 1 – Média de taxa de acertos na condição vs. incongruente (todos os grupos etários)

Condição	CONGRUENTE		INCONGRUENTE	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Exemplos	Dabo branco	Bida preta	Depa branco	Puco preta
Média de Taxa de Acertos	1.73	1.63	1.16	0.68
	3.36		1.84	

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Gráfico 1 – Média de taxa de acertos na condição vs. incongruente (todos os grupos etários). Valor máximo de acertos por condição = 4



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Considerando-se a taxa de acerto na condição congruente vs. incongruente por grupo etário, observa-se uma preferência pela condição congruente em todos os grupos. As crianças de 3 anos: 3.45 vs. 2.15; as crianças de 4 anos: 3.09 vs. 1.7; e as crianças de 5 anos: 3.6 vs. 1.7, respectivamente. Conforme se verifica na tabela abaixo:

Tabela 2 – Média de taxa de acertos na condição congruente vs. incongruente (por grupos etários). Valor máximo de acertos por condição = 2

3 ANOS				
Condição	CONGRUENTE		INCONGRUENTE	
	Masculino dabo branco	Feminino bida preta	Masculino depa branco	Feminino puco preta
Média de Taxa de Acertos	1.8	1.65	1.3	0.85
	3.45		2.15 (média mais alta dos 3 grupos)	
4 ANOS				
Condição	CONGRUENTE		INCONGRUENTE	
	Masculino dabo branco	Feminino bida preta	Masculino depa branco	Feminino puco preta
Média de Taxa de Acertos	1.7	1.39	1.09 (valor próximo ao nível da chance)	0.61
	3.09		1.70	
5 ANOS				
Condição	CONGRUENTE		INCONGRUENTE	
	Masculino dabo branco	Feminino bida preta	Masculino depa branco	Feminino puco preta
Média de Taxa de Acertos	1.7	1.9	1.1 (valor próximo ao nível da chance)	0.6
	3.6 (média mais alta dos 3 grupos)		1.70	

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

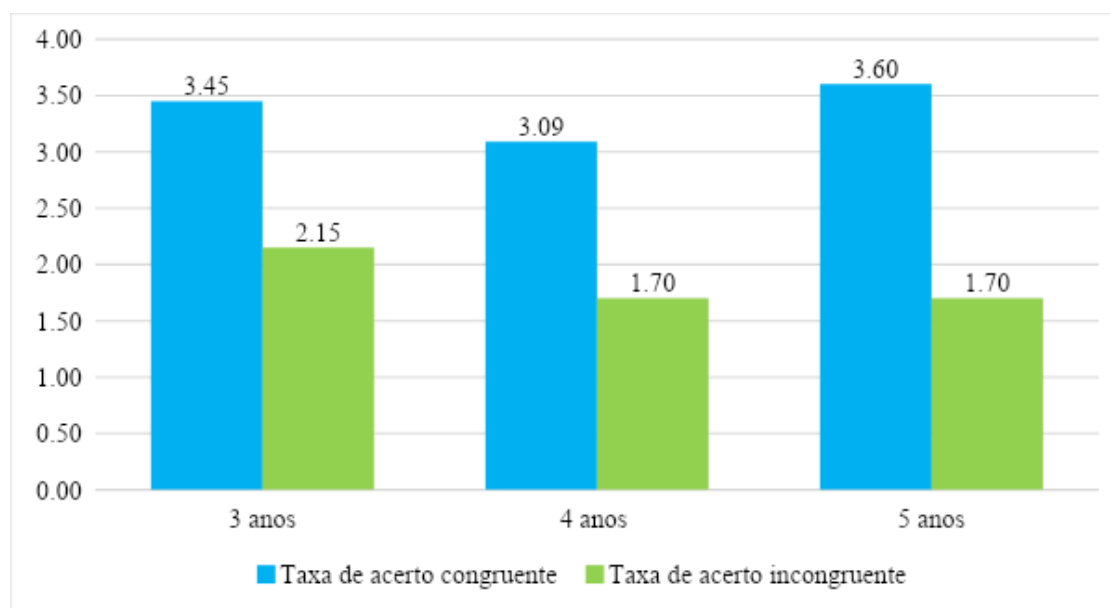
Para a análise conjunta dos dados de todas as crianças, foi usado o teste de Friedman, equivalente não paramétrico³⁰ da ANOVA de medidas repetidas, usado para se comparar três ou mais amostras, a fim de se verificar se há diferenças de

³⁰ Como a variável dependente – taxa de acertos - é uma variável discreta foram utilizados testes não paramétricos para a análise dos dados obtidos.

comportamento entre as condições testadas e as amostras.

O teste de Friedman revelou diferença estatisticamente significativa entre as condições congruentes *vs.* incongruentes considerados os 3 grupos etários ($X = 199.61$, $p = .000$), assim como para cada grupo separadamente (3 anos: $X = 64.969$, $p = .000$; 4 anos: $X = 66.407$, $p = .000$; 5 anos: $X = 71.804$, $p = .000$).

Gráfico 2 – Taxa de acerto na congruente *vs.* incongruente (por idade). Valor máximo de acertos por condição = 4



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

A comparação entre pares das condições experimentais foi realizada por meio do teste de Wilcoxon, equivalente não paramétrico do teste t para amostras relacionadas.

A respeito desses valores de significância no teste de Wilcoxon, verifica-se que as médias de acertos das crianças indicam uma preferência pela condição congruente quando contrastada com a condição incongruente. Isso sugere que as crianças, independentemente da faixa-etária, privilegiaram a condição em que a vogal final do nome era congruente ao gênero expresso no adjetivo, a despeito de o gênero ser masculino ou feminino.

Tabela 3 - Resultados estatisticamente significativos entre as condições (por grupos etários)

Coluna	1. CON M x CON F	2. CON M x INC M	3. CON M x INC F	4. CON F x INC F	5. CON F x INC M	6. INC M x INC F
Exemplo	dabo branco x bida preta	dabo branco x depa branco	dabo branco x puco preta	bida preta x puco preta	bida preta x depa branco	depa branco x puco preta
3 anos	-	.013	.001	.001	-	.039
4 anos	-	.012	.000	.002	-	-
5 anos	-	.015	.000	.000	.005	-

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Não houve diferença significativa na comparação entre as condições congruentes masculino e feminino em nenhum grupo, indicando que não há efeito de gênero, i.e., o fato de o nome ser do gênero masculino ou feminino não afetou o comportamento das crianças dessas faixas.

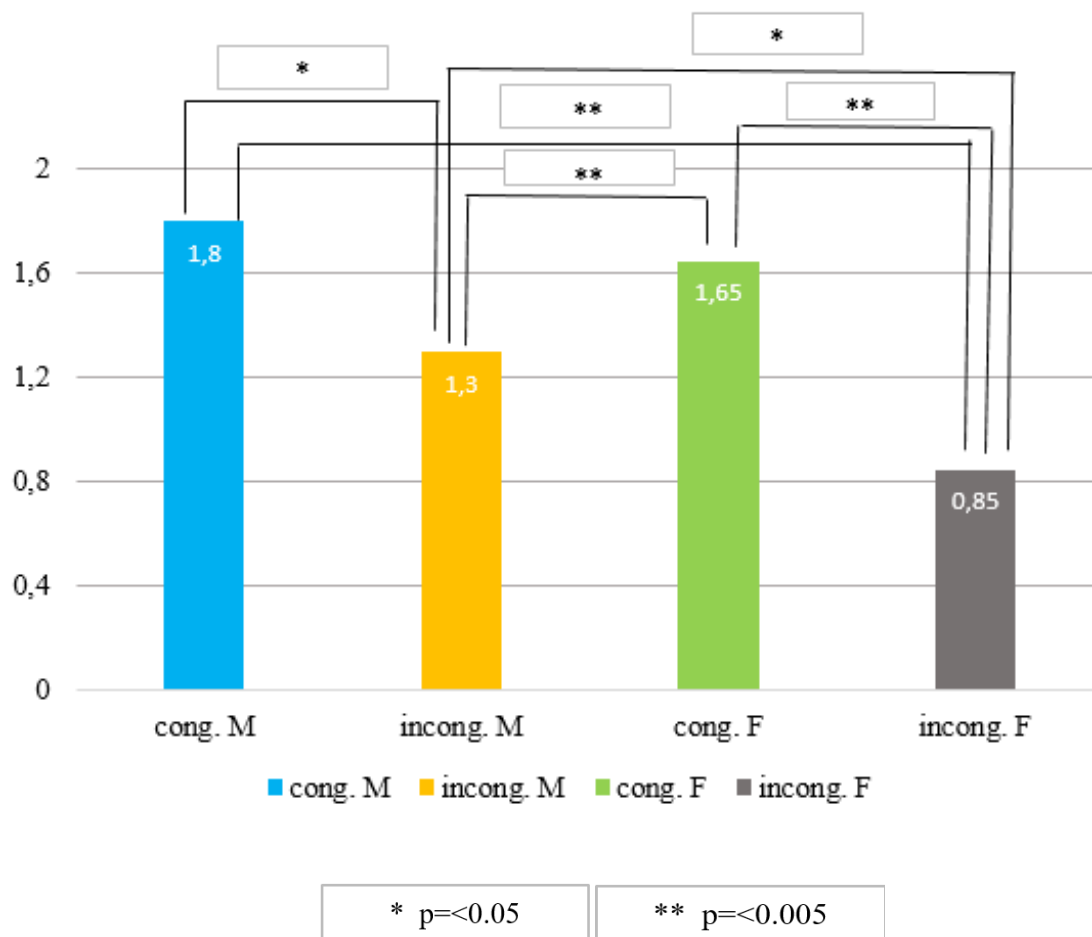
Em contrapartida, houve diferença estatisticamente significativa nos três grupos na comparação entre a condição congruente e a incongruente tanto no masculino (coluna 2 – Tabela 3) quanto no feminino (coluna 4 – Tabela 3), com taxas de acertos mais altas para as condições congruentes. Em outras palavras, as crianças seguiram preferencialmente pela vogal final dos nomes, levando a mais erros nas condições incongruentes. Esses resultados apontam para a variável independente - vogal final do pseudônimo afetando o comportamento dos participantes. Os resultados significativos do contraste entre congruente masculino e incongruente feminino (coluna 3 – Tabela 3) vão na mesma direção, de uso preferencial da vogal final do nome para atribuição de seu gênero.

É interessante, no entanto, que o contraste no sentido contrário, i.e., congruente feminino vs. incongruente masculino (coluna 5 – Tabela 3) só foi significativo para as crianças de 5 anos. Nesse grupo, a taxa de acertos foi de quase 100% para a congruente e no nível da chance para a incongruente (1.9 vs. 1.1). Comparativamente, a taxa de acertos na congruente feminina foi mais baixa aos 3 e 4 anos, ainda que maior do que na condição incongruente masculina (3 anos: 1.65 vs. 1.3; 4 anos: 1.39 vs. 1.09). Esses resultados mais baixos na condição congruente feminina aos 3 e 4 anos precisam ser ampliados para que se possa explicar esse comportamento variado

entre as crianças. É interessante observar que a taxa de acertos na condição incongruente foi elevada na faixa de 3 anos, ao passo que nos grupos de 4 e 5 anos ficou no nível da chance.

Por outro lado, na comparação entre as condições incongruentes masculino e feminino, apenas as crianças mais novas apresentaram resultados significativos. Ainda que todas as crianças tenham tido taxas de acertos baixas nas duas condições, as crianças de 4 e 5 anos ficaram no nível da chance para o masculino e tiveram um pouco mais de 25% de respostas corretas para o feminino, com comportamento bastante semelhante entre os grupos (4 anos: 1.09 vs. 0.61; 5 anos: 1.1 vs. 0.6). Já as crianças de 3 anos tiveram taxas um pouco mais altas nas duas condições (1.3 vs. 0.85). Esses resultados sugerem que, comparativamente, as crianças mais novas recorreram mais à informação de gênero manifesta no adjetivo através da concordância do que as demais crianças. No Gráfico 3 abaixo, veem-se os resultados das crianças de 3 anos de idade que foram estatisticamente significativos na análise dos pares no teste de Wilcoxon.

Gráfico 3 – Resultados estatisticamente significativos entre as condições (3 anos)

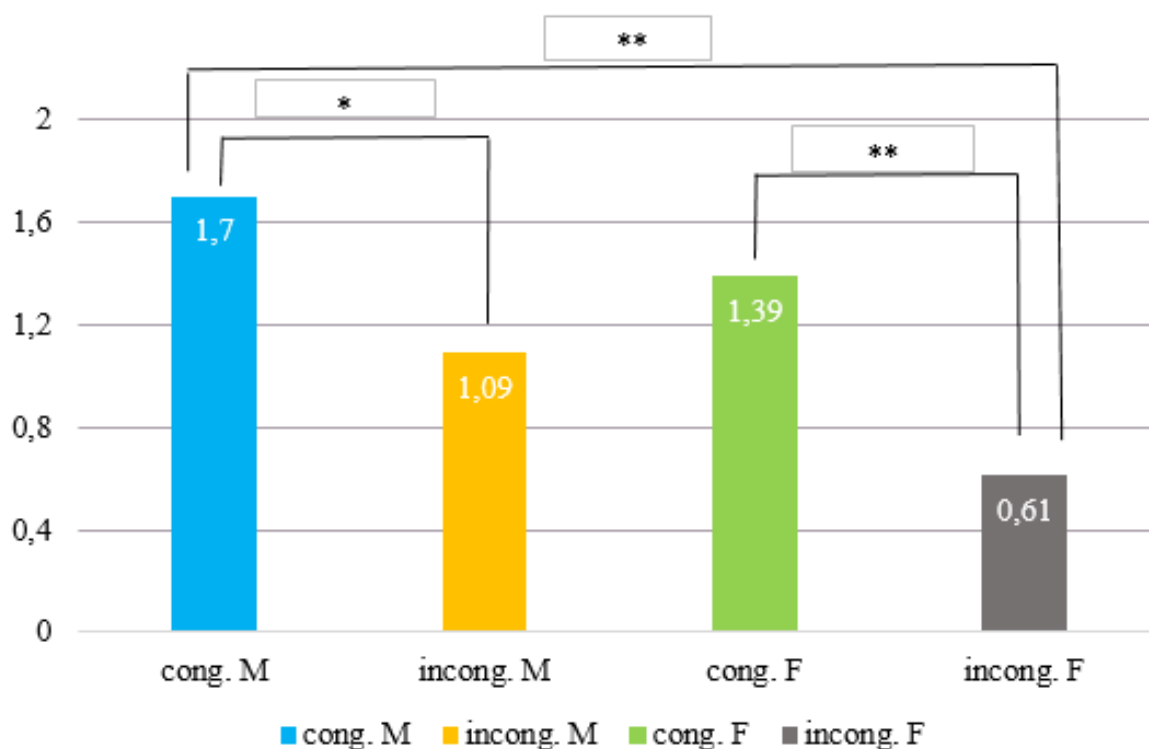


Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Na análise do teste de Wilcoxon para as crianças de 3 anos de idade, houve diferença significativa na comparação entre os pares congruente masculino vs. incongruente masculino ($Z=-2.486$, $p=.013$), congruente masculino vs. incongruente feminino ($Z=-3,343$, $p=.001$), congruente feminino vs. incongruente feminino ($Z=-3,234$, $p=.001$), com maiores taxas de acerto nas condições congruentes. Esses resultados sugerem que as crianças de 3 anos privilegiam a vogal final do nome em detrimento da informação de gênero veiculada pelo adjetivo ao atribuírem gênero ao pseudônimo. Todavia, também foi encontrado efeito de significância entre o par incongruente masculino vs. incongruente feminino ($Z=-2,066$, $p=.039$), indicando que essas crianças se guiaram pela informação de gênero manifesta no adjetivo através da relação de concordância para atribuir gênero aos pseudônimos, diferentemente das crianças mais velhas.

No grupo das crianças de 4 anos, a análise de Wilcoxon apontou efeito de significância na comparação entre os pares congruente masculino vs. incongruente masculino ($Z=-2,500$, $p=.012$), congruente masculino vs. incongruente feminino ($Z=-3,492$, $p=.000$) e congruente feminino vs. incongruente feminino ($Z=-3,051$, $p=.002$), sendo sempre maiores as taxas de acerto nas condições congruentes, conforme se vê no Gráfico 4. Isso significa que as crianças desconsideraram a relação de concordância manifesta no adjetivo ao atribuir o gênero ao pseudônimo.

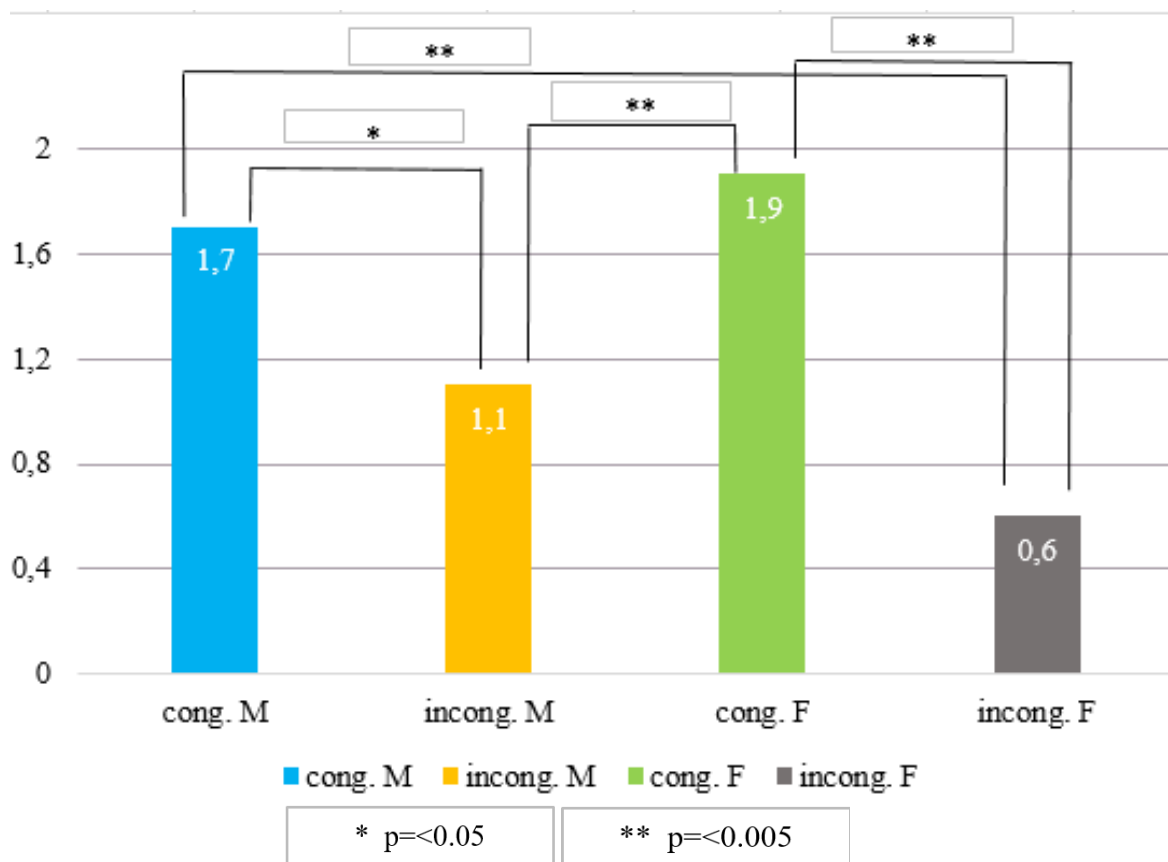
Gráfico 4 – Resultados estatisticamente significativos entre as condições (4 anos)



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

No que diz respeito ao grupo das crianças com 5 anos de idade, a análise de Wilcoxon apontou efeito de significância de congruência na comparação entre os pares congruente masculino vs. incongruente masculino ($Z=-2,443$, $p=.015$), congruente masculino vs. incongruente feminino ($Z=-3,508$, $p=.000$), congruente feminino vs. incongruente masculino ($Z=-2,805$, $p=.005$) e congruente feminino vs. incongruente feminino ($Z=-3,640$, $p=.000$), conforme se vê no Gráfico 5. Assim como nos grupos anteriores, esses resultados indicam que as crianças preferiram a terminação da vogal final dos nomes, em detrimento da marca de gênero do adjetivo para atribuir gênero ao pseudônimo.

Gráfico 5 – Resultados estatisticamente significativos entre as condições (5 anos)



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Tomados em conjunto, os resultados deste experimento vão ao encontro das previsões delineadas nesta pesquisa, primeiramente em virtude de a taxa de respostas nas condições congruentes ser maior do que nas condições incongruentes, isto é, as crianças privilegiam a variável independente -a vogal final dos nomes para atribuir gênero aos pseudonomes. Em segundo lugar, verifica-se um aumento na taxa de acerto na condição congruente, em função da faixa-etária, entre as crianças de 3 e 5 anos de idade, ainda que não tenha sido encontrado nenhum efeito de significância no que tange aos grupos etários. Destaca-se, também, que as crianças de 3 anos, diferentemente das de 4 e de 5 anos, também se basearam na informação manifesta no adjetivo para identificar o gênero do pseudonome, sobretudo para nomes masculinos. Em virtude dessa variação no uso da pista de gênero para atribuir gênero ao novo nome, em função da idade das crianças, é importante ressaltar que as crianças menores também parecem considerar a informação manifesta nos adjetivos para atribuir gênero ao novo nome. Isso indica que as crianças, sobretudo as mais novas, parecem

computar a relação morfossintática de concordância manifesta no adjetivo para identificar o traço de gênero e atribuí-lo ao novo nome. Por essa razão, descarta-se a hipótese de que as crianças, independentemente da faixa-etária, tenham se guiado apenas pela correspondência fonológica ou que tenha havido um efeito de linearidade entre o nome e o adjetivo na condição congruente para atribuir gênero aos novos nomes.

Assim, esses resultados convergem com a análise de Schwindt (2018) a respeito do alto pareamento entre a vogal temática e o gênero gramatical em nomes dicionarizados e dados de uso por falantes do PB. Conforme coloca o referido autor, 95,1% das palavras terminadas em -a são femininas, enquanto que nos dados do VARSUL essa correspondência equivale a 89,6%. Em contrapartida, a análise dos nomes terminados em -o revelou que 99,9% no léxico dicionarizado é masculino, enquanto no uso esses nomes representam 100%. Nesse viés, os resultados aqui reportados apontam que as crianças, expostas ao PB, parecem fazer uso dessa informação expressa na vogal final do nome a fim de identificar o traço de gênero e atribuí-lo ao novo nome.

Em síntese, retomando os objetivos do experimento desta pesquisa, os resultados obtidos indicam que crianças de 3 a 5 anos de idade, adquirindo o PB, são capazes de identificar a relação de concordância no domínio do NP; têm informação do padrão de terminação vogal final de nomes e fazem uso dessa informação na atribuição de gênero a novos nomes. Ademais, parece haver uma diferença no uso dessas informações, entre as crianças de 3 e 5 anos, com uma preferência crescente para a terminação da vogal final do N na atribuição de gênero aos novos nomes. Essa preferência pode ser interpretada pelo aumento do vocabulário da criança, o que reforçaria o padrão vogal final/gênero no PB, conforme dados de Schwindt (2018).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação investigou a identificação e o processamento da concordância de gênero gramatical entre elementos das categorias sintáticas N e ADJ por crianças entre 3 e 5 anos de idade, adquirindo o português brasileiro.

Foram apresentadas abordagens teóricas distintas, sob viés teórico-analítico (CORBETT, 1991; 2006; CÂMARA JR., 1993; PERINI, 2005; CUNHA; CINTRA, 2001), e sob viés formalista (MAGALHÃES, 2004; ALCÂNTARA, 2010; SCHWINDT, 2018; ARMELIN, 2015) a respeito da categorização do gênero gramatical. Ademais, foi apresentada a noção de concordância de gênero no âmbito do DP no PM (CHOMSKY, 1995, 1999, 2000). Deu-se ênfase aos teóricos formalistas que caracterizam o gênero gramatical como um traço formal. É importante ressaltar que, do ponto de vista da teoria linguística, não há um consenso na literatura sobre o estatuto da vogal final de nomes ser tratada ou como vogal temática ou como uma marca morfossintática de gênero gramatical.

A literatura psicolinguística tem explorado como o gênero gramatical é adquirido por bebês/crianças e quais as estratégias para se identificar esse traço de gênero e as suas relações morfossintáticas no âmbito do DP. No que concerne às etapas iniciais de aquisição linguística, foram reportados trabalhos (SHADY, 1996; SHI et al., 1999) a respeito da sensibilidade precoce de bebês aos itens funcionais livres e do reconhecimento, por crianças aos 18 meses adquirindo o PB, de afixos que caracterizam morfologicamente adjetivos. A apresentação desses estudos é relevante para a pesquisa, uma vez que as propriedades acústicas e sintáticas dos elementos funcionais parecem constituir uma das primeiras etapas na categorização sintática dos traços formais, desencadeando o processo de aquisição de língua, sob a perspectiva do processamento linguístico. No viés teórico, articula-se a noção de língua proposta pelo PM (CHOMSKY, 1995), no que concerne à Faculdade da Linguagem com a psicolinguística, a fim de se explicar como ocorre a passagem do nível fonético/fonológico para o nível de representação formal (CORRÊA, 2008).

Os estudos em aquisição de língua selecionados na revisão da literatura (CORRÊA; NAME, 2003; LEW-WILLIAMS; FERNALD, 2007; VAN HEUGTEN; SHI, 2009; VAN HEUGTEN; CHRISTOPHE, 2015; SMOLIK; BLÁHOVÁ, 2018) sugerem que crianças, adquirindo diferentes línguas, antes do segundo ano de vida, já são capazes de identificar o gênero gramatical em elementos da categoria D e

identificam nomes subsequentes em função da relação de concordância. Outras pesquisas verificaram a identificação do gênero gramatical e a atribuição do gênero a pseudonomes a partir dos determinantes (CORRÊA; NAME, 2003, TREJO; ALVA, 2013) no PB e no espanhol. Ainda que muitos estudos, como os aqui referenciados, tenham fornecido evidências sobre a aquisição e o processamento da concordância de gênero, apontando a sensibilidade precoce de bebês a padrões fonológicos de itens funcionais ou a identificação morfossintática de gênero no DP por crianças, não foram encontradas pesquisas que explorassem, no PB, a identificação da concordância de gênero no NP.

Destaca-se, em relação aos estudos que exploraram a aquisição do gênero gramatical no PB, que as pesquisas aqui revisitadas investigaram se as crianças eram capazes de identificar a relação de concordância entre os itens que compõem o DP. No entanto, outras pistas morfossintáticas que expressam essa relação de concordância podem ser consideradas pelas crianças a fim de identificar a manifestação do gênero gramatical, como os itens N e ADJ, no PB.

Atendo-se à literatura de aquisição de gênero apresentada e nos padrões de marcação de gênero no PB, conforme reportado por Schwindt (2018), a presente pesquisa investigou, experimentalmente, a partir da técnica de produção eliciada, a atribuição de gênero a novos nomes por crianças de 3 a 5 anos, a partir de pistas (morfo)fonológicas e morfossintáticas, como a vogal final no pseudonome e a marca de gênero no adjetivo; investigou qual das informações – a vogal final do pseudonome ou a marca de gênero presente na vogal final do adjetivo – era privilegiada pela criança na atribuição de gênero a pseudonomes e se havia diferenças no uso dessas informações pelas crianças em função da idade.

Os resultados obtidos vão ao encontro das hipóteses aqui traçadas, uma vez que apontaram que as crianças entre 3 e 5 anos foram capazes de reconhecer a informação de concordância, na ausência de itens D, bem como foram capazes de identificar e de atribuir o gênero gramatical ao pseudonome. Assim, os resultados aqui obtidos indicam que não há necessidade de itens da categoria D para que a criança, em estágio de aquisição, identifique o traço de gênero em itens que expressam essa relação morfossintática do gênero gramatical, diferentemente do que propõe Name (2002) (ver seção 2.2.1), que defende que a criança precisa identificar o valor de gênero expresso no item D para estabelecer a relação de concordância com os itens que estabelecem essa relação morfossintática. A partir dos resultados encontrados

nesta pesquisa, vê-se que as crianças também parecem ser capazes de identificar o valor de gênero manifesto no ADJ para estabelecer a concordância no domínio do NP. Os resultados também apontam para uma preferência pela vogal final do N e essa preferência aumentou entre as crianças de 4 e 5 anos. Esses dados são interessantes ao se considerar a pesquisa realizada por Schwindt (2018) (ver seção 2.1) que indicou um alto pareamento nessa relação entre a vogal temática dos nomes e o valor de gênero dos nomes dicionarizados e de dados de uso de falantes do PB. Assim sendo, o aumento do uso da pista do nome na atribuição de gênero aos pseudonomes pode ser justificado pelo fato de que a criança, em estágio de aquisição e exposta à língua, identifique essa correlação bastante robusta entre a vogal final e a informação de gênero no PB conforme vai ampliando seu vocabulário.

Ademais, considerando-se a ampla literatura acerca da identificação e da aquisição do gênero gramatical no domínio do DP, esta dissertação pretende fornecer evidências experimentais, nos estágios da aquisição linguística, sobre a identificação e o processamento da concordância de gênero entre os elementos nome e adjetivo. Por essa razão, a questão de pesquisa aqui proposta pode fomentar a discussão sobre os sistemas de gênero nas línguas e sobre a aquisição do gênero gramatical no PB, articulando questões no domínio da teoria linguística e da psicolinguística. Embora essas questões não se encerrem com os resultados aqui reportados, esta pesquisa pretende contribuir com o entendimento acerca de em quais pistas (a correlação da vogal final ou a relação de concordância) as crianças, adquirindo o PB, baseiam-se para identificar a informação de gênero manifesta no NP.

REFERÊNCIAS

ABNEY, S. P. **The English noun phrase in its sentential aspect**. Tese de doutorado. MIT, 1987.

ALCÂNTARA, C. C. As classes formais do Português Brasileiro. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 45, n. 1, pp.5-15, 2010.

ARIAS-TREJO, N.; ALVA, E. A. Early Spanish grammatical gender bootstrapping: Learning nouns through adjectives. **Developmental Psychology**, 49(7), pp. 1308-1314, 2013.

ARMELIN, P. R. G. **A relação entre gênero e morfologia avaliativa nos nominais do português brasileiro: uma abordagem sintática da formação de palavras**. Tese de Doutorado (Doutorado em Linguística). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.

CÂMARA, JR. J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Ed. Vozes (21ª edição), 1970.

CÂMARA, JR. J. M. **Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa**, 1993.

CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

CHOMSKY, N. Derivation by phrase. **MIT Occasional Papers in Linguistics**, 18, 1999.

CHOMSKY, N. Beyond explanatory adequacy. In: KENSTOWICZ, M. (ed.) Ken Hale: **A life in language**. Cambridge, MA: MIT, pp. 1-52, 2001.

CORBETT, G. **Gender**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

CORBETT, G. **Agreement**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

CORRÊA, L. M. S. O que, afinal, a criança adquire ao adquirir uma língua? A tarefa da aquisição da linguagem em três fases e o processamento de informação de interface pela criança. **Letras de Hoje**, Vol. 42, No. 1, pp. 7-34, 2007.

CORRÊA, L. M. S. O desencadeamento (bootstrapping) da sintaxe numa abordagem psicolinguística. In: Quadro, R. M. de. **Teorias de aquisição da linguagem**. Florianópolis: Ed. da UFSC, pp.169-220, 2008.

CORRÊA, L. M. S. Aquisição e processamento da linguagem: uma abordagem integrada sob a ótica minimalista. **Gragoatá**, 30(1), pp. 55-75, 2011.

CORRÊA, L. M. S. A aquisição da linguagem no arcabouço minimalista sob uma perspectiva psicolinguística. In: FERRARI-NETO, J; SILVA, C. R. T. (org.) **Programa Minimalista em foco: princípios e debates**. Curitiba, PR: Editora CRV, pp.271-300, 2012.

CORRÊA, L. M. S.; NAME, M. C. L. Explorando a escuta, o olhar e o processamento sintático: metodologia experimental para o estudo da aquisição da língua materna em fase inicial. In: CORRÊA, L. M. S. (org). **Aquisição da Linguagem e Problemas do Desenvolvimento Linguístico**. Rio de Janeiro, RJ: Editora PUC-RIO, 2ª ed, pp. 87-115, 2018. Disponível em: <http://www.editora.puc-rio.br/media/aquisicao%20miolo1.pdf>. Acesso em 20 jul. 2019.

CORRÊA, L. M. S.; NAME, M. C. L. The processing of Determiner: Noun agreement and the identification of the gender of Nouns in the early acquisition of Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**. Edições Colibri - AEJPL, v.2, n.1. pp. 19-43. 2003.

COUTO, M. **Pensamentos: textos de opinião**. Lisboa: Editorial Caminho, 2ª ed., pp.45-49, 2005.

CUNHA, C.; CINTRA, L.F.L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3ª Ed, 2001.

GERKEN, L, A. Signal to syntax. Building a bridge. In: Jürgen Weissenborn & Barbara Höhle (Eds). **Approaches to bootstrapping: phonological, lexical, syntactic and neurophysiological aspects of early language acquisition**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GROLLA, E. Aquisição da linguagem. **Material didático do curso de Letras-LIBRAS à distância**. Florianópolis: UFSC, 2006. pp. 1-57.

HALLE, M.; MARANTZ, A.; Distributed Morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (eds). **The view from building 20**. Cambridge, MA: MIT Press, 1993.

HAUSER, M.; CHOMSKY, N.; FITCH, W. T. The Faculty of language: what is it, who has it, and how did it evolve? **Science**, v. 298, pp.1569-1579, 2002.

LEW-WILLIAMS, C.; FERNALD, A. Young children learning Spanish make rapid use of grammatical gender in spoken word recognition. **Psychological Science**. v. 18, n. 3, 2007, pp. 193-198.

MAGALHÃES, T. M. V. A valoração de traços de concordância dentro do DP. **DELTA**. v. 20, n.1, 2004, pp.149-170.

MARANTZ, A. No escape from syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. **University of Pennsylvania working papers in linguistics**, v. 4, n. 2, 1997, pp. 199-225.

NAME, M. C. L. **Habilidades perceptuais e linguísticas no processo de aquisição do sistema de gênero no português**. Tese de Doutorado (Doutorado em Letras). Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2002.

NAME, M. C. L. Metodologia experimental no estudo de habilidades perceptuais no desenvolvimento linguístico. In: MOTA, M. B.; NAME, M. C. L. (Orgs). **Interface linguagem e cognição: contribuições da Psicolinguística**. 1ª ed. – Santa Catarina:

Tubarão Copiart. 2019. pp.290-313.

NAME, M. C. L.; ARMELIN, P. R. G.; MARCILESE, M. Sobre a manifestação morfológica de gênero: abordagens formais e psicolinguísticas. **Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 1-18, jan./abr. 2020. DOI 10.5935/1980-6914/eLETD02012845

OLTRA-MASSUET, I. **On the notion of theme vowel: a new approach to Catalan verbal morphology**. MIT: SM Thesis, 1999

PERINI, M. A. **Gramática Descritiva do Português**. São Paulo: Editora Ática. 4ª ed, 2005.

POLINSKY, M. In Oliver Bond, Greville G. Corbett, Marina Chumakinae Dunstan Brown (eds.), *Archi: Complexities of agreement in cross-theoretical perspective*, 184–232. Oxford: Oxford University Press. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780198747291.003.0007>, 2015.

RODRIGUES, E. dos S. **Processamento da Concordância de número entre sujeito e verbo na produção de sentenças**. Tese de Doutorado (Doutorado em Letras). Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006.

RODRIGUES, E. dos S. Explorando o processamento linguístico: Psicolinguística e Teoria Linguística em diálogo. In: Hermont, B. A; XAVIER, C. G. (org.) **Gerativa (inter)faces de uma teoria**. Florianópolis, SC: Editora Beconn, p. 109-144, 2014.

SHI, WERKER e MORGAN. Newborn infants' sensitivity to perceptual cues to lexical and grammatical words. **Cognition**, 72, B11-B21, 1999.

SCHWINDT, L. C. Exponência de gênero e classe temática em português brasileiro. **DELTA**. v. 34, n. 2, 2018, pp. 745-768.

SMOLÍK, F.; BLÁHOVÁ, V. Czech 23-month-olds use gender agreement to anticipate upcoming nouns. **Journal of experimental child psychology**, v. 178, 2018, pp. 251-265.

TEIXEIRA, L. **A delimitação do adjetivo como categoria lexical na aquisição da linguagem**: um estudo experimental no português brasileiro. Tese de Doutorado (Doutorado em Letras). Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2009.

UCHÔA, D. N.; TEIXEIRA, S. A. A importância dos itens funcionais na etapa inicial de aquisição da linguagem. **Revista Escrita**. Rio de Janeiro, v., n.21, s/p, mar. 2016. DOI 10.17771/PUCRio.escrita.25989

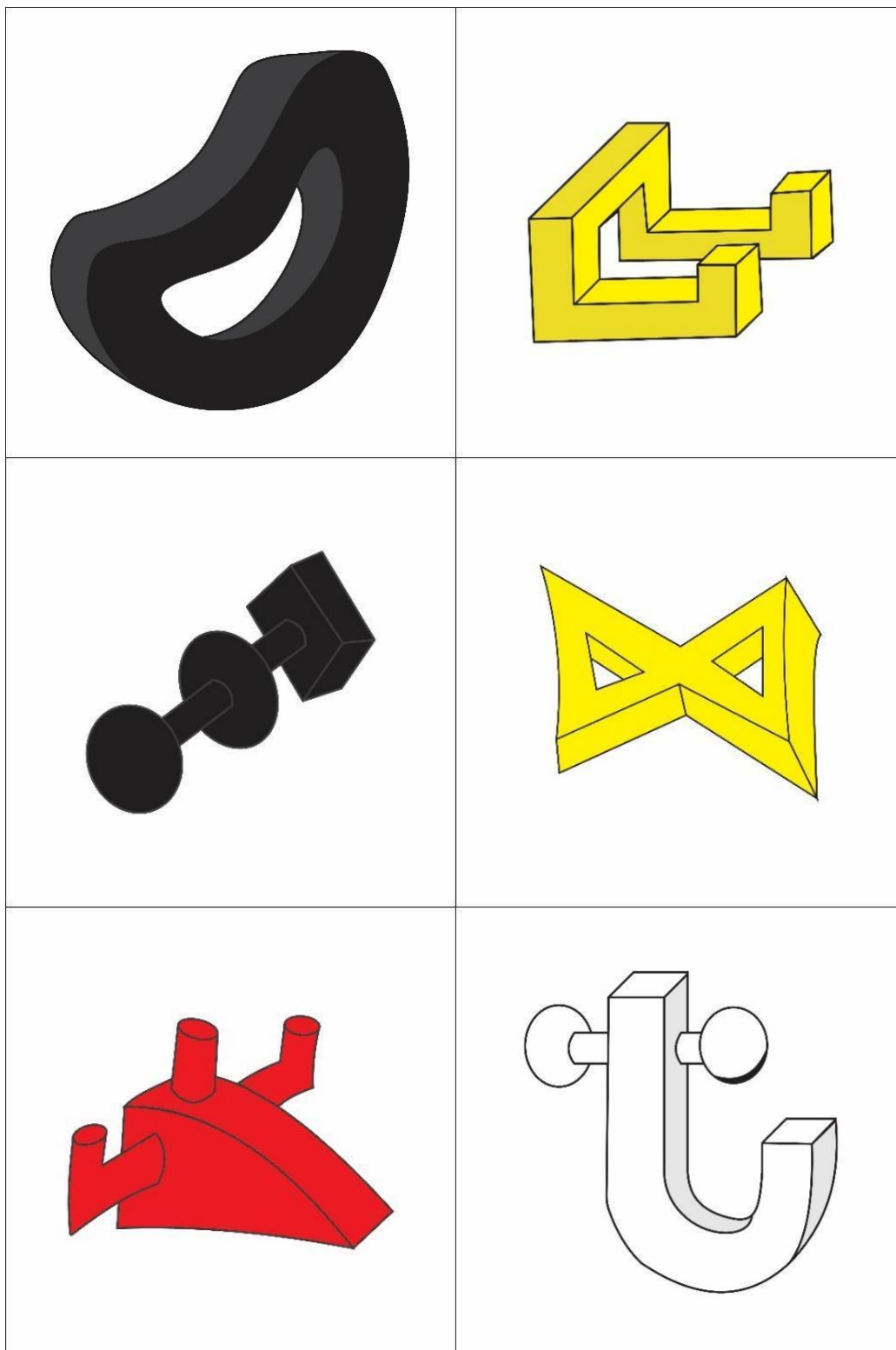
VAN HEUGTEN, M.; SHI, R. French-learning toddlers use gender information on determiners during word recognition. **Developmental Science**. v. 12, n. 3, 2009. pp. 419-425.

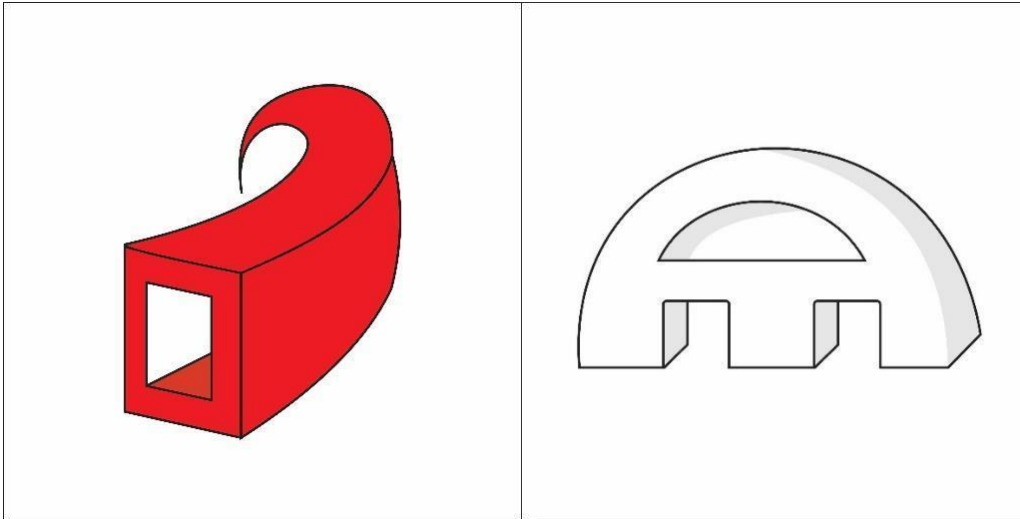
VAN HEUGTEN; M.; CHRISTOPHE, A. Infants' Acquisition of Grammatical Gender Dependencies. **Infancy**. v. 20, n. 6, 2015. pp. 675-683.

APÊNDICE A - Estímulos utilizados na atividade experimental – condição incongruente e condição congruente

Pseudonome + Adjetivo	Gênero	Condição
Depa amarelo	M	Incongruente
Bida preto	M	Incongruente
Dabo branca	F	Incongruente
Puco preta	F	Incongruente
Moca vermelha	F	Congruente
Toba amarela	F	Congruente
Mabo branco	M	Congruente
Beco vermelho	M	Congruente

APÊNDICE B - Imagens dos pseudo-objetos que compuseram os *trials* experimentais

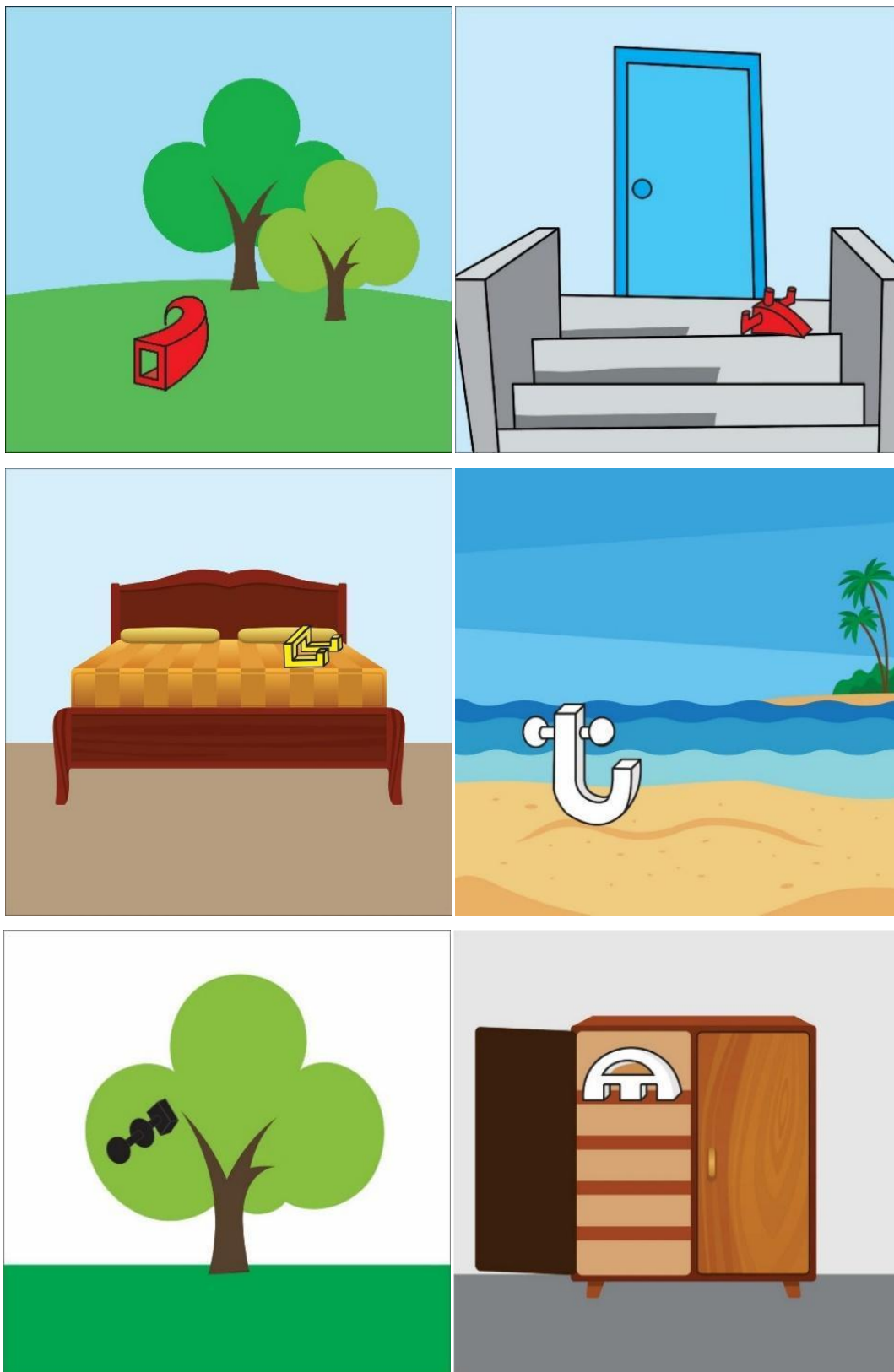


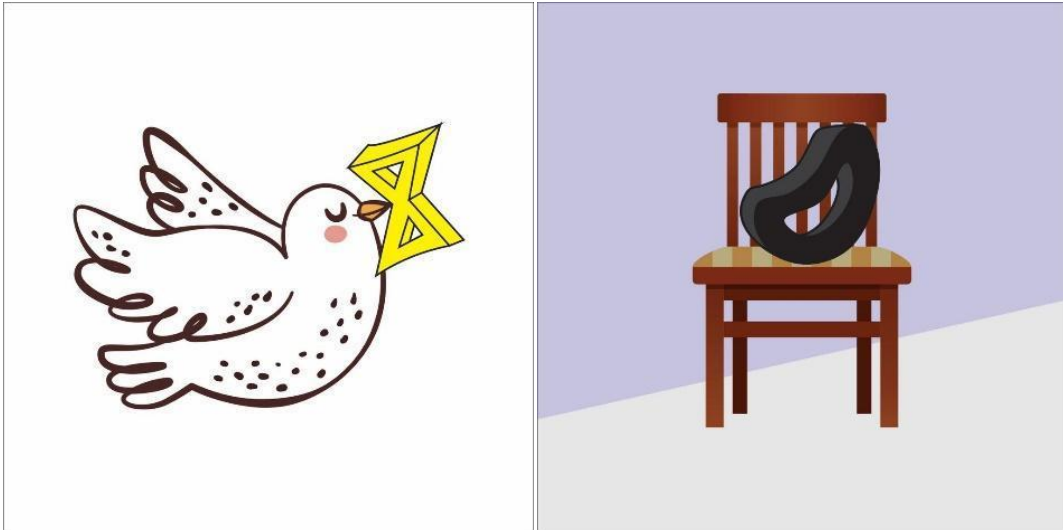


APÊNDICE C - A disposição dos materiais usados para a aplicação do experimento, quando realizado no NEALP - UFJF



APÊNDICE D - Imagens dos pseudo-objetos em contexto de cena





APÊNDICE E - Transcrição de um experimento com um participante de 5,8 anos

01	Pesq	a Ana é minha amiga
02		ela quer te conhecer!
03		a Ana tinha um baú cheio de brinquedos mágicos
04		os nomes desses brinquedos também eram mágicos
05		esses brinquedos tinham formas diferentes
06		e a Ana tinha um cachorro
07		esse cachorro era muito sapeca e espalhou todos os
08		brinquedos da Ana pela casa e pelo quintal
09		sabe o que aconteceu?
10		a Ana ficou triste!
11		porque a Ana ficou sem brinquedo
12		sabe qual que é a nossa missão hoje?
13		ajudar a Ana a encontrar os brinquedos mágicos dela!
14		Vamo ajudar a Ana?
15		cadê óh?
16		sim?
17		igual!
18		óh! moca preta!
19		conta pra Ana o que que a gente achou!
20		moca preta
21		conta pra Ana
22	Part	eu achei monta peta
23	Pesq	e agora?
24		óh!
25		beco amarelo
26	Part	achei beco amarelo
27	Pesq	óh!
28		olha só!
29		dabo vermelha
30	Part	dabo vermelha
31	Pesq	o que que a gente achou?
32	Part	dabo vermelha
33	Pesq	vamo conta pra Ana onde tãõ os brinquedos e o que que a
34		gente achou
35		e, aí?
36		que que aconteceu?
37		depa amarelo
38	Part	depo amarelo
39	Pesq	o que que aconteceu?
40		conta pra Ana!
41	Part	o passarinho pegou
42	Pesq	pegou o que?
43		lembra?
44	Part	o brinquedo
45	Pesq	qual o nome
46		lembra?
47	Part	nemo amarelo
48	Pesq	depa amarelo
49	Part	depa amarelo
50		o passarinho pegou
51	Pesq	pego o quê?
52	Part	depo amarelo
53	Pesq	e agora?
54		o que que aconteceu?
55		dabo branca
56	Part	dabo branca
57	Pesq	conta pra Ana!
58	Part	tá no armário

59	Pesq	o quê?
60	Part	dabo branca
61	Pesq	olha só!
62		e agora?
63		moca vermelha
64		moca vermelha
65		tá na escada!
66	Pesq	conta tudo, senão a Ana não acha
67	Part	tá na escada a moca vermelha
68	Pesq	e agora?
69		que legal!
70		toba amarela
71	Part	toba amarela
72	Pesq	conta pra Ana!
73	Part	a toba amarela tá na cama!
74	Pesq	olha!
75		e agora?
76		mabo branco
77	Part	mabo branco
78	Pesq	conta pra Ana!
79	Part	o mabo branco tá na praia!
80	Pesq	e agora?
81		beco vermelho
82	Part	beco vermelho
83	Pesq	conta pra Ana!
84	Part	beco vermelho tá na floresta
85	Pesq	e agora?
86		que que aconteceu?
87		puco preta
88	Part	puco preta
89	Pesq	conta pra Ana!
90	Part	o puco preto tá na cadeira
91	Pesq	e agora?
92		será que tá aqui?
93		olha!
94		tá!
95		bida preto
96	Part	bida preto
97	Pesq	conta pra Ana
98	Part	o bido preto tá na árvore!
99	Pesq	muito bem!
100		você resgatou todos os brinquedos mágicos da Ana!
101		a Ana ficou tão feliz que trouxe um presente pra você!
102		vamo vê o que a Ana trouxe pra você?
103		pega o outro saco dentro do baú da Ana

APÊNDICE F - Transcrição de um experimento com um participante de 3,8 anos

01	Pesq	essa daqui é a Ana, Maria!
02		a Ana tinha um baú cheio de brinquedos mágicos
03		só que a Ana tinha um cachorro
04		esse cachorro era muito brincalhão e sapeca
05		sabe o que que ele fez?
06		escondeu todos os brinquedos da Ana pela casa e pelo quintal
07		e aí a Ana ficou triste, porque a Ana ficou sem brinquedo
08		sabe qual que é a nossa missão mágica hoje?
09		ajudar a Ana a encontrar os brinquedos mágicos dela!
10		vamo ajudar a Ana?
11		tem igual?
12		vamo vê?
13		óh
14	Part	num sei que isso não...
15	Pesq	óh!
16		conta pra Ana o que que é
17		é moca preta!
18	Part	moca preta!
18	Pesq	muito bem!
19		cadê óh!
20		igual?
21		cadê?
22		igual?
23		muito bem!
24		conta pra Ana qual que a gente achou...
25		beco amarelo!
26	Part	beco amarelo!
27	Pesq	fala bem altão
28	Part	beco amarelo
29	Pesq	e aqui?
30		cadê?
31	Part	achei!
32	Pesq	muito bem!
33		sabe como chama?
34		dabo vermelha
35	Part	dabo vermelha
36	Pesq	muito bem!
37		lembra que o cachorro espalhou tudo?
38		vamo vê onde tá e contar pra Ana?
39	Part	tem outro tesouro aqui dentro!
40	Pesq	a gente vai vê ele daqui a pouco!
41		cadê?
42		tem igual?
43		é!
44		sabe qual o nome mágico?
45	Pesq	depa amarelo!
46		depa amarelo!
47		fala bem altão aqui pra Ana ouvir
48	Part	depa amarelo
49	Pesq	muito bem!
50		e agora?
51		cadê?
52	Part	achei!
53	Pesq	muito bem!
54		sabe qual o nome mágico?
55		óhdabo branca!
56	Part	dabo banca
57	Pesq	fala altão pra Ana ouvir
58	Part	dabo banca

59	Pesq	onde que tá?
60	Part	((aponta))
61	Pesq	e o que que tá aqui?
62		qual o nome?
63	Part	dabo banco!
64	Pesq	fala bem altão pra Ana.
65	Part	dabo banco!
66	Pesq	muito bem!
67		e agora? cadê?
68		muito bem!
69		moca vermelha!
70		conta pra Ana!
71	Part	moca vermelha!
72	Pesq	onde que tá
73	Part	do lado de fora!
74	Pesq	o que que tá do lado de fora, Maria?
75		moca vermelha!
76	Part	moca vermelha
77	Pesq	onde que tá?
78	Part	do lado de fora
79	Pesq	o que que tá do lado de fora?
80	Part	moca vermeio
81	Pesq	fala altão
82	Part	moca vermeio
83	Pesq	aê! muito bem!
62		acertou de novo!
63		cê tá muito boa!
64		e agora?
65		cadê?
66		muito bem!
67		toba amarela!
68		conta pra Ana!
69	Part	toba amarela!
70	Pesq	onde que tá?
71	Part	na cama
72	Pesq	o que que tá na cama?
73	Part	toba amarela
74	Pesq	conta bem altão pra Ana!
75	Part	toba amarela!
76	Pesq	muito bem!
77		e agora?
78		cadê?
79		muito bem!
80		sabe como chama?
81		mabo branco!
82	Part	mago banco
83	Pesq	onde que tá?
84	Part	na aleia!
85	Pesq	o que que tá na areia
86	Part	eee...eee
87	Pesq	mabo branco!
88	Part	mago banco
89	Pesq	onde que tá?
90	Part	na aleia!
91	Pesq	o que que tá na areia?
92	Part	mago banco
93	Pesq	muito bem!
94		fala bem altão pra Ana ouvir!
95	Part	mago banco
96	Pesq	muito bem!

97		e agora?
98		cadê?
99		sabe como chama?
100		beco vermelho!
101	Part	beco vermelho
102	Pesq	onde que tá?
103	Part	na floresta!
104	Pesq	o que que tá na floresta?
105	Part	() vermelho
106	Pesq	fala bem altão!
107	Part	((trecho incompreensível))
108	Pesq	beco vermelho!
109	Part	beco vermelho
110	Part	tá na floresta!
111	Pesq	o que que tá na floresta?
112	Part	beco vermelho
113	Pesq	muito bem!
114		e agora?
115		cadê?
116		muito bem!
117		óh! puco preta!
118	Part	puco peta
119	Pesq	onde que tá?
120	Part	na cadeira
121	Pesq	o que que tá na cadeira?
122	Part	puco peto!
123	Pesq	fala bem altão!
124	Part	puco preto
125	Pesq	fala altão pra Ana aqui óh:
126	Part	puco peto!
127	Pesq	muito bem!
128		o último!
129		pra gente pegar o último tesouro!
130		cadê?
131		muito bem!
132		bida preto!
133	Part	bida peto!
134	Pesq	onde que tá?
135	Part	na árvore
136	Pesq	o que que tá na árvore?
137	Part	bida peto!
138	Pesq	muito bem!
139		você resgatou todos os brinquedos da Ana!
140		a Ana ficou tão feliz que trouxe um presente pra você! tá
141		dentro do baú vamo vê o que que tem?
142		pega o outro saco pra gente ver!

ANEXO – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA
 COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP/UFJF
 36036-900 JUIZ DE FORA - MG – BRASIL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(No caso do responsável pelo menor)

O/A menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “**Interfaces internas e externas na aquisição e no processamento de L1 e L2**”. Nesta pesquisa, pretendemos investigar o modo como bebês e/ou crianças adquirindo o português brasileiro (PB) fazem uso de diferentes recursos da língua (p.ex., combinação de palavras, melodia da frase etc.). O motivo que nos leva a pesquisar esse assunto é observar as semelhanças e diferenças no uso do PB por falantes nativos – crianças e adultos – e não nativos em situações que simulam atividades espontâneas.

Para esta pesquisa, adotaremos os seguintes procedimentos: a criança participará de uma atividade lúdica (uma “brincadeira”), durante a qual lhe apresentaremos imagens na tela do computador acompanhados de frases curtas. Observaremos sua atenção e interesse aos estímulos apresentados. **A atividade não tem nenhum caráter de avaliação do desempenho e/ou de conhecimento da língua.** Seu único objetivo é observar o modo como a criança se relaciona com a língua em uma situação que simula uma atividade espontânea. A atividade dura cerca de 10 minutos e no total (desde a chegada da criança, sua adaptação ao ambiente e saída) não ultrapassa 30 minutos.

Para participar desta pesquisa, o/a menor sob sua responsabilidade não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, ele(a) tem assegurado o direito à indenização. Você, como responsável pelo(a) menor, poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação dele(a) a qualquer momento. A participação dele(a) é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador, que irá tratar a identidade do(a) menor com padrões profissionais de sigilo. O/A menor não será identificado(a) em nenhuma publicação. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em “**RISCOS MÍNIMOS**”, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler, etc. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, você tem assegurado o direito à indenização. A pesquisa contribuirá para o entendimento dos processos de aquisição, produção e compreensão de língua por falantes nativos – crianças e adultos – e não nativos.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. O nome ou o material que indique a participação do(a) menor não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável, por um período de 5(cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, no **NEALP (Núcleo de Estudos em Aquisição da Linguagem e Psicolinguística da UFJF)** e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____, responsável pelo(a) menor _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar a decisão do(a) menor sob minha responsabilidade de participar, se assim o desejar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do (a) Responsável

Assinatura do (a) Pesquisador(a)

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa/UFJF

Campus Universitário da UFJF

Pró-Reitoria de Pesquisa

CEP: 36036-900

Fone: (32) 2102- 3788 /E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

Nome do Pesquisador Responsável: Maria Cristina Lobo Name

Endereço: Faculdade de Letras – UFJF Campus Universitário - Martelos

CEP: 36036-300 /Juiz de Fora – MG

Fone: (32) 2101.3150

E-mail: crisrina.name@ufjf.edu.br